

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA DE ABREU DOS SANTOS

LUCREZIA MARINELLA (1571-1653) E O DEBATE LITERÁRIO TARDO-
RENASCENTISTA SOBRE O VALOR DAS MULHERES

CURITIBA

2024

GABRIELA DE ABREU DOS SANTOS

LUCREZIA MARINELLA (1571-1653) E O DEBATE LITERÁRIO TARDO-
RENASCENTISTA SOBRE O VALOR DAS MULHERES

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em
História, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestra em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Santos, Gabriela de Abreu dos
Lucrezia Marinella (1571-1653) e o debate literário tardo-
renascentista sobre o valor das mulheres. / Gabriela de Abreu dos
Santos. – Curitiba, 2024.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor
de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em
História.

Orientadoar: Profª. Drª. Ana Paula Vosne Martins.

1. Marinela, Lucrezia, 1571-1653. 2. Crítica literária feminista.
3. Escrita. 4. Literatura europeia – Renascença, 1450-1600.
5. Escritoras italianas. I. Martins, Ana Paula Vosne, 1961-
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do
Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GABRIELA DE ABREU DOS SANTOS** intitulada: **Lucrezia Marinella (1571-1653) e o debate literário tardo-renascentista sobre o valor das mulheres**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

30/08/2024 18:56:46.0

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

30/08/2024 17:59:50.0

ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

30/08/2024 19:55:53.0

MARCELLA LOPES GUIMARÃES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 392687

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 392687

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Gracilene e Gilson, por me proporcionarem um lar cheio de amor, onde a educação sempre foi incentivada. Vocês são a razão pela qual, a cada dia, me esforço para ser uma pessoa melhor e conquistar todos os meus objetivos. Amo vocês infinitamente! Agradeço também ao meu irmão, Guilherme, por me apoiar e ensinar. Estarei sempre aqui para cuidar e me orgulhar de você. Te amo.

Agradeço à minha noiva, Gabriela Franco, por partilhar as dificuldades e felicidades da vida comigo. Você é meu alicerce e minha razão. Amo você profundamente!

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Ana Paula Vosne Martins, por acreditar em minha pesquisa. O amor que demonstra pela trajetória acadêmica e pelo estudo da História é inspirador. Agradeço por suas leituras atentas e críticas construtivas, que foram substanciais para a produção desta dissertação.

Agradeço às minhas primas, Amanda e Aline, pela irmandade e apoio em todos os momentos de minha vida. Amo vocês como irmãs. Agradeço à toda a minha família! Agradeço à minha cunhada, Raiane, pelas conversas amáveis e as trocas literárias. Amo você!

Agradeço às minhas amigas, Ariane, Aynara, Aline e Maria Isabelli, pela amizade de mais de uma década, repleta de apoio, risadas e amor. Amo vocês. Agradeço também às minhas amigas do trabalho, Gisele, Patrícia, Simone e Cynthia, pela amizade que tornou o ambiente mais divertido. Amo vocês. Agradeço igualmente à minha colega de mestrado, Gislaine Machado, pelas trocas acadêmicas e suporte durante o curso.

Agradeço à todas as professoras que, de alguma forma, fizeram parte da minha jornada acadêmica, especialmente às professoras doutoras Beatriz Zechlinski e Maria Cecília Pilla, que me encorajaram durante a graduação a me inscrever no mestrado. Agradeço também às professoras doutoras Anna Beatriz da Silveira Paula e Marcella Lopes Guimarães, que participaram de minha qualificação e fizeram apontamentos essenciais para que eu organizasse e prosseguisse com a produção da dissertação. Vocês são inspirações para mim!

Gostaria, por fim, de agradecer a todas as mulheres que lutaram e lutam por uma sociedade igualitária, onde sejamos respeitadas e capazes de fazer e ser tudo aquilo que desejamos.

Durante o período de 1300 a 1700, a outra voz permaneceu apenas uma voz, e uma voz apenas vagamente ouvida. Não resultou — ainda — em uma alteração dos padrões sociais. Na verdade, até hoje, elas não foram completamente alteradas. No entanto, o apelo por justiça emitido há seis séculos por aquelas que escreviam na tradição da outra voz deve ser reconhecido como a fonte e origem da tradição feminista madura e do realinhamento das instituições sociais realizados na era moderna.

(King; Rabil Jr., 1999, p. XXV)

RESUMO

Esta dissertação alinha-se à crítica feminista literária e histórica sobre a produção escrita das mulheres e sua inserção na literatura e na história cultural. Trata-se da vida e da escrita de Lucrezia Marinella (1571-1653), poeta e escritora veneziana do século XVII, e sua contribuição ao debate tardo-renascentista a respeito do valor e das capacidades das mulheres nos livros *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co' difetti et mancamenti degli uomini* (1601) e *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645). Marinella recorreu à escrita para contestar as normas sociais e culturais vigentes, propondo uma redefinição do papel das mulheres na sociedade e na cultura. Dividida em três capítulos, a pesquisa trata do cenário político e cultural da Itália renascentista, especialmente da República de Veneza, destacando os debates sobre a educação e inserção feminina na cultura escrita. As obras de Marinella são analisadas detalhadamente, com foco na construção argumentativa em defesa da beleza, castidade e capacidade intelectual feminina. O último capítulo traça uma comparação entre ambas as obras de Marinella, explorando a complexidade das interações entre o contexto social, político e literário com a escrita da autora. A pesquisa revela a sofisticação da argumentação de Lucrezia Marinella e o modo como a escritora desafiou os preconceitos e estereótipos a respeito das mulheres, difundidos tanto pela tradição literária e filosófica quanto pelos autores do período. O estudo também busca contribuir para a crítica literária feminista ao tratar das obras escritas por mulheres e de sua ausência no cânone literário e na história cultural. Por fim, sublinha-se a importância da reflexão e ação feminista na produção acadêmica, bem como na interpretação histórica. Desta forma, a pesquisa especialmente objetivou valorizar as experiências e contribuições das mulheres na literatura em busca de uma compreensão mais vasta da história das mulheres e de sua inscrição na cultura escrita.

Palavras-chave: Lucrezia Marinella. Escrita. Gênero. Renascimento. Educação.

ABSTRACT

This research aligns with feminist literary and historical criticism regarding women's written production and their inclusion in literature and cultural history. It focuses on the life and writings of Lucrezia Marinella (1571-1653), a 17th-century Venetian poet and writer, and her contribution to the late Renaissance debate on the value and capabilities of women in the works *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'difetti et mancamenti degli uomini* (1601) and *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645). Marinella used her writing to challenge prevailing social and cultural norms, proposing a redefinition of women's roles in society and culture. Divided into three chapters, the research explores the political and cultural landscape of Renaissance Italy, particularly the Republic of Venice, highlighting the debates on women's education and their inclusion in written culture. Marinella's works are analyzed in detail, focusing on the argumentative construction in defense of women's beauty, chastity, and intellectual capacity. The final chapter compares both of Marinella's works, examining the complexity of the interactions between the social, political, and literary contexts and the author's writing. The research reveals the sophistication of Lucrezia Marinella's arguments and how she challenged the prejudices and stereotypes about women propagated by literary and philosophical traditions and contemporary authors. This study also aims to contribute to feminist literary criticism by addressing women's written works and their absence from the literary canon and cultural history. Lastly, it emphasizes the importance of feminist reflection and action in academic production and historical interpretation. Thus, the research aims to highlight women's experiences and contributions to literature, seeking a broader understanding of women's history and their inscription in written culture.

Keywords: Lucrezia Marinella. Writing. Gender. Renaissance. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CULTURA E SOCIEDADE NA ITÁLIA TARDO-RENASCENTISTA	21
2.1 A EDUCAÇÃO E A ESCRITA DE MULHERES NA ITÁLIA RENASCENTISTA E TARDO-RENASCENTISTA.....	27
2.2 A QUERELA DAS MULHERES.....	35
3 O VALOR DAS MULHERES.....	40
3.1 OS ELOS DA CORRENTE DE OURO: A BELEZA NA PERSPECTIVA DE MARINELLA	42
3.2 EQUILÍBRIO ENTRE CASTIDADE E VIDA PÚBLICA.....	57
3.3 “PROÍBEM-NAS ATÉ DE APRENDER A LER OU A ESCREVER”: A DEFESA PELA CAPACIDADE INTELECTUAL DAS MULHERES.....	61
4 A ESCRITA DE MARINELLA	69
4.1 MISOGINIA E MORALISMO: A TRANSFORMAÇÃO DA LITERATURA ITALIANA NO SÉCULO XVII.....	70
4.2 DA VIDA PÚBLICA À EXORTAÇÃO DOMÉSTICA.....	76
4.3 A DUALIDADE DE MARINELLA: RETRATAÇÃO OU REFLEXÃO EM <i>ESSORTATIONI ALLE DONNE ET A GLI ALTRI, SE A LORO SARANNO A GRADO?</i>	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	107
FONTES.....	107
BIBLIOGRAFIA	107

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela produção de análises referentes à história das mulheres se desenvolveu no campo historiográfico principalmente a partir da década de 1970, no mesmo movimento político e intelectual dos *women's studies*, que também abrangeu outras áreas das ciências humanas. Nos Estados Unidos e em alguns países europeus, estes estudos agruparam pesquisadoras de diferentes disciplinas, apreciando a interdisciplinaridade entre áreas, considerando que “[...] o objeto ‘mulheres’ era plural e não pertencia a ninguém em particular. Filósofas, historiadoras, sociólogas, literatas, trabalhavam juntas” (Perrot, 2005, p. 15). Pioneiras, tais investigações buscavam compreender a presença e a ação das mulheres na história, de forma a destacar suas contribuições em diversas dimensões da vida social, política, intelectual e na cultura. A primeira fase do movimento foi denominada por Perrot (2005) como uma “acumulação primitiva” da história das mulheres, que buscava documentação e de protagonismos. Aqui destacaram-se, além da própria Michelle Perrot (França, 1928-), historiadoras como Gerda Lerner (Áustria, 1920-2013), Joan Kelly (Estados Unidos, 1928-1982), Natalie Zemon Davis (Estados Unidos, 1928-2023), entre tantas outras de diferentes países, que trouxeram à escrita histórica a presença das mulheres, mas também a problematização do gênero na História.

Posteriormente, na década de 1980, houve a expansão dos estudos de gênero, fenômeno que ampliou o objeto e os problemas da história das mulheres. Tal deslocamento permitiu a abordagem da construção cultural das identidades e dos significados do gênero, tanto como categoria social quanto como elemento do pensamento e da linguagem. Esta perspectiva mais ampla e teoricamente mais refinada contribuiu para a problematização de outras configurações históricas para além da família e de alguns espaços que já haviam sido mapeados pela história das mulheres na década anterior. O uso da categoria *gênero* igualmente contribuiu para a diversificação da história das mulheres, trazendo maior atenção à interseccionalidade e considerando as diferentes experiências femininas conforme marcadores sociais de raça, classe, geração, religião, educação, entre outros. Ademais, possibilitou a análise das estruturas de poder e das dinâmicas de opressão e resistência que moldaram as vidas das mulheres (Tedeschi, 2016).

A história das mulheres narra e revela uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento. Para fazer justiça ao passado, não basta elencar as mulheres que fizeram parte dessa história, como se um mero arquivo pudesse dar sentido à memória, resgatando ou enterrando simbolicamente nossas mulheres mortas, injustiçadas e esquecidas. O futuro acadêmico da produção própria feminina depende de ações de retomada, resgate e salvação do presente. A ação reflexiva - declarada no feminismo - precisa atingir a todos promovendo outra maneira de fazer e interpretar a história (Tedeschi, 2016, p. 155).

A história das mulheres extrapola um simples “resgate”. Isto é, não se trata apenas de experiências individuais, como também de transformações sociais mais amplas. Suas narrativas envolvem processos de resistências, de rebeldias e de protagonismos na vida cotidiana, refletidos nas lutas políticas. Estes movimentos fazem com que as práticas culturais sejam cada vez mais evidenciadas, o que torna novos objetos relevantes, como a escrita das mulheres em campos como a História ou Estudos Literários. Ou seja, retomar expressões escritas das mulheres é algo que reflete concepções contemporâneas e atualizadas, uma vez que, numa historiografia passada, as expressões escritas das mulheres tendiam a ser subestimadas, negligenciadas e até mesmo esquecidas; o que resultava em uma visão desequilibrada e incompleta da sociedade e da cultura, particularmente no domínio da cultura escrita.

Assim, adotar a escrita das mulheres como objeto de estudo na pesquisa histórica representa uma renovação significativa na forma como o passado é narrado. A escrita produzida por mãos femininas foi historicamente rejeitada em detrimento daquela dos escritores canônicos, amplamente debatidos nas escolas e universidades — o que alimentava sua popularidade e universalidade. O questionamento das narrativas dominantes elevado na esteira dos Estudos Culturais, contudo, possibilitou a produção de novas pesquisas sobre a escrita das mulheres, redescobrimdo textos e biografias. Assim, ao examinar diários, cartas, memórias, ensaios, poesias, romances e outros tipos de escrita produzidas por mulheres ao longo da história, tornou-se possível estabelecer um contato mais profundo com suas lutas, ideias e desafios por elas enfrentados em diferentes contextos históricos e culturais. A escrita das mulheres é, então, uma fonte que viabiliza inferências sobre a vida cotidiana, a política, a cultura, as relações sociais e as lutas por direitos e igualdade (Carr, 2007).

Na Literatura, o estudo da escrita das mulheres desempenhou um papel fundamental; afinal, os obstáculos que elas enfrentavam para serem reconhecidas e publicadas as marginalizavam, favorecendo os escritores homens. Os preconceitos de gênero limitavam tanto sua expressão quanto seu reconhecimento como escritoras. De acordo com Toril Moi (2009), considerar as mulheres como segunda categoria é afirmar que as suas experiências possuem menos valor que as experiências vivenciadas pelo outro sexo. No entanto, com o feminismo da

segunda onda, a literatura escrita por mulheres passou a ser mais reconhecida, ganhando espaço e relevância crescentes no meio acadêmico e editorial. Romancistas, poetas, ensaístas e dramaturgas tiveram edições atualizadas e passaram a ser mais conhecidas e estudadas. Isso permitiu a exploração de temas como identidade, sexualidade, poder e subversão de normas sociais. Neste sentido, um mais complexo estudo da escrita das mulheres permitiu compreender de forma mais rica a diversidade de vozes, experiências e estilos literários existentes.

Na presente dissertação recorre-se à proposição da crítica literária Elaine Showalter (1994), denominada *ginocrítica* — uma abordagem que se concentra nas experiências, perspectivas e vozes das mulheres na literatura. Showalter (1994) argumenta que a literatura pode ser analisada de forma mais completa quando se leva em consideração a complexidade do gênero e do contexto social na vida e na escrita das mulheres. Por isso, a autora fortemente rejeita a ideia de que a literatura “feminina” seja meramente uma subcategoria, ou uma extensão da literatura “masculina”, e enfatiza a importância de estudar e valorizar as contribuições das mulheres como um corpo literário próprio e com traços estéticos genuínos:

Ao postular uma crítica feminista que seja genuinamente centrada na mulher, independente e intelectualmente coerente, não pretendo endossar as fantasias separatistas de visionárias feministas radicais ou excluir da nossa prática crítica uma variedade de instrumentos intelectuais. Mas precisamos indagar muito mais minuciosamente o que queremos saber e como podemos encontrar respostas às perguntas que surgem da nossa experiência (Showalter, 1994, p. 28).

Showalter (1994) propõe analisar historicamente os "três momentos" da literatura escrita por mulheres. A primeira fase, denominada “feminina”, caracteriza-se pela imitação do padrão estabelecido em obras de autoria masculina dominantes. A segunda, conhecida por “feminista”, abrange os protestos iniciais sobre a imposição de padrões, destacando personagens femininas questionadoras, desafiadoras e rebeldes. Por fim, o terceiro momento contempla a descoberta do *eu escritora*, de suas singularidades e trajetórias de autodescoberta.

[...] o estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução de uma tradição literária de mulheres (Showalter, 1994, p. 29).

Outra questão abordada pela autora refere-se à representação das mulheres na literatura e à crítica à exclusão sistemática das escritoras do cânone literário (Showalter, 1994). Argumenta-se que a valorização e o estudo das obras escritas por mulheres são essenciais para uma compreensão mais completa da literatura como um todo.

É por meio destas formas que a ginocrítica oferece uma perspectiva apropriada para a análise literária e histórica, sendo então adotada no presente estudo pela valia do destaque às contribuições e experiências femininas no campo da criação poética e literária.

As críticas literárias Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, autoras do importante livro *The Mad woman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literacy* (1979), partiram do mesmo princípio de Showalter (1994) ao considerar que as obras escritas por homens frequentemente apresentam as mulheres de forma estereotipadas, ora como representações do mal e monstruosas, ora como maternais e angelicais. Estes rótulos oriundos do imaginário masculino refletem a ideia de que “a qualidade masculina é o dom criativo” (Gilbert, Gubar, 1998, p. 18, tradução nossa¹), enquanto as produções femininas foram postostas a um ciclo de negação até muito recentemente:

Nenhuma criatura humana pode ser completamente silenciada por um texto ou uma imagem. Assim como as histórias têm o notório hábito de “fugir” de seus autores, os seres humanos desde o Éden têm o hábito de desafiar a autoridade, tanto divina quanto literária (Gilbert; Gubar, 1998, p. 31, tradução nossa²).

A crítica feminista literária, então, possibilita contínuas relevações de narrativas e perspectivas historicamente ausentes, bem como a relação entre escrita, subjetividades e contextos históricos. As mulheres, muitas vezes relegadas a papéis secundários e de bastidores, com oportunidades educacionais limitadas, encontraram na escrita um meio para se expressar (mas igualmente para se constituírem enquanto sujeitos): a escrita como parte fundamental do processo de ser e de existir.

Esta dissertação se insere na tradição da crítica literária e histórica ao propor uma investigação histórica sobre a vida e a escrita de Lucrezia Marinella, nascida em 1579 na cidade de Veneza. Marinella foi uma poeta, escritora de prosa e romances pastorais, filosofia moral e natural e autora da fonte documental principal desta dissertação, a obra *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co' diffetti et mancamenti degli uomini*, publicada em 1600. A escritora foi uma mulher respeitada em seu meio e obteve notoriedade na literatura tardo-renascentista de Veneza. Segundo a autora Amy Sinclair (2019, p. II, tradução nossa³):

¹ La cualidad masculina es el don creativo.

² Ninguna criatura humana puede ser silenciada por completo por un texto o una imagen. Así como las historias tienen la notoria costumbre de “evadir” a sus autores, los seres humanos desde el Edén tienen la costumbre de desafiar la autoridad, tanto divina como literaria.

³ Seventeenth-century Venetian writer Lucrezia Marinella (c. 1579-1653) is a pivotal figure in the history of women's writing in Italy, and in the history of women's use of the pen to defend her sex. Her provocative and

A escritora veneziana do século XVII Lucrezia Marinella (c. 1579-1653) é uma referência na história da escrita de mulheres na Itália e na história do uso da pena pelas mulheres para defender seu sexo. Seu provocativo e erudito tratado, *La nobiltà et l'eccellenza Delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini* (1601) abriu novos caminhos em sua convincente e direta crítica das autoridades e tradições literárias misóginas.

Marinella iniciou sua trajetória como escritora em 1595, com a obra *La Colomba Sacra*, na qual retrata os sofrimentos e a morte de uma heroína do cristianismo, Colomba. Trata-se de um poema épico dedicado à duquesa Margherita de Ferrara. Dois anos depois, a escritora publicou *Vita del serafico, et glorioso S. Francesco*, poema que retrata a vida de São Francisco de Assis. Em 1598, escreveu e publicou a alegoria moral intitulada *Amore innamorato, et impazzato*, sobre a conversão religiosa de Cupido. No ano de 1600 lançou sua publicação mais polêmica: *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini*, um tratado onde defende as mulheres dos ataques e difamações presentes nas tradições literárias. Em seguida, em 1602, retornou à temática religiosa com *La vita di Maria Vergine Imperatrice dell'universo*, considerada uma produção extremamente popular, visto que teve mais de três edições nos anos de 1604, 1610 e 1617. Além disso, esta obra foi “dedicada às mais altas autoridades políticas de Veneza, nada menos que o Doge e o Senado (*Prencipe e Signoria*), e assinado por Marinella como súdita e servidora leal (*divotissima suddita e serva*)” (Panizza, 1999, p. 10, tradução nossa⁴). Ainda na temática religiosa, no ano de 1603 Marinella produziu sonetos e poemas mais longos em *Rime Sacre* e, em 1605, *Arcadia Felice*, um drama pastoral em verso. Já em 1606, ela publicou em Florença a poesia sacra denominada de *Vita di Santa Giustina*, única obra impressa fora de Veneza.

Marinella parou de escrever por 18 anos. Acredita-se que neste intervalo ela tenha se dedicado exclusivamente à educação e cuidado de seus filhos. Em 1624 retomou suas publicações com *De' gesti heroici e della vita meravigliosa della serafica Santa Caterina da Siena*, prosa poética dedicada à grã-duquesa de Toscana e arquiduquesa da Áustria, Maria Maddalena de Medici. Aos 56 anos, mais de uma década após esta hagiografia, Marinella publicou a poesia épica *L'Enrico overo Bisantio acquistato*, sobre vidas de santos. Seu último escrito foi *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, publicado em 1645, supostamente contrariando o que havia escrito em seu polêmico tratado de 1600, uma vez que

erudite treatise, *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co' diffetti et mancamenti de gli uomini* (1601) broke new ground in its cogent and forthright critique of misogynistic literary authorities and traditions.

⁴ Dedicated to the highest political authority in Venice, the Doge and Senate ("*Prencipe e Signoria*") no less, and signed by Marinella as a most loyal subject and servant ("*divotissima suddita e serva*").

ela teria passado a defender a domesticidade e submissão das mulheres como parte dos desígnios divinos.

O tratado de 1600, *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'difetti et mancamenti degli uomini*, foi uma resposta ao livro *I donneschi difetti*, de Giuseppe Passi, publicado em 1599. Passi, conhecido como *L'Ardito* (O Ousado) na Academia de Ravenna, era notório pela difamação das mulheres por conta de sua recorrência às autoridades do passado para fundamentar argumentos e do fornecimento constante de exemplos negativos de mulheres.

A provocação de Passi merece reconhecimento um motivo bem específico, segundo Panizza (1999): ela incitou Marinella a um confronto escrito intenso, no qual utilizou seu conhecimento e habilidades retóricas para refutar de forma contundente as ideias preconceituosas e ofensivas de Passi. Este embate representou uma virada significativa na discussão tardo-renascentista sobre as mulheres. Ao longo de 35 capítulos, Passi expôs diversas formas de malícia feminina. Ele as caracterizou como orgulhosas, avarentas, lascivas, corruptas, invejosas, vaidosas e arrogantes, ambiciosas, ingratas, cruéis, adúlteras e até mesmo "vagabundas" errantes.

Importante ressaltar que Passi fundamentou suas diatribes em leituras de obras da Antiguidade e modernas, escritas em latim e no vernáculo, além de referências à Bíblia, aos escritos dos Padres da Igreja, teólogos, juristas, historiadores e poetas medievais e modernos. O autor atribuiu às mulheres as frustrações e medos masculinos, alegando que elas eram a causa de todas as desgraças sofridas pelos homens (Panizza, 1999). A resposta de Marinella elaborada em seu tratado representou um dos últimos capítulos da história das defesas e elogios às mulheres na Renascença.

A obra foi publicada pela primeira vez em 1600 pelo impressor oficial da segunda Academia Veneziana, Giovanni Battista Ciotti, com o objetivo de responder Passi e outros autores conhecidos no meio literário de Veneza. Em sua primeira impressão a obra recebeu um título mais restrito, referindo-se apenas à primeira parte: *La nobiltà et l'eccellenza delle donne* (A Nobreza e Excelência das Mulheres). A segunda edição, comumente mais estudada e citada pelos estudos literários, foi impressa em 1601, contando com um acréscimo da autora em seu título: *co' difetti et mancamenti de gli uomini* (e os Defeitos e Vícios dos Homens). A obra também foi reimpressa no ano de 1621, limitando-se a modificações formais.

Na presente dissertação recorre-se à tradução e edição da obra de 1601 para o inglês, trabalho realizado pela romancista Anne Dunhill, de 1999.

Conforme argumentado por Panizza (1999), Marinella sempre se expressou em italiano literário, amplamente reconhecido no norte da Itália — mais especificamente a língua

toscana, língua do cânone desde o século XVI, conforme estabelecido pela *Accademia della Crusca* e seu renomado dicionário. A tradução de Dunhill emprega um inglês contemporâneo e educado, evitando termos arcaicos, mas preservando o sentido e a intenção das frases originais. Essa abordagem é particularmente útil, haja vista que a obra de Marinella foi escrita sem a utilização de pontuação e parágrafos convencionais. A tradução em inglês facilita a compreensão e a interpretação necessárias para as discussões desta dissertação, permitindo um desenvolvimento mais eficiente dentro do tempo disponível para seu processo de elaboração.

A partir da análise do tratado *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini*, este trabalho pretende, sobretudo, responder à seguinte questão norteadora: de que forma Lucrezia Marinella empregou sua escrita para argumentar e defender o valor das mulheres? Isto é realizado a partir do delineamento dos seguintes objetivos: 1) compreender o contexto político, geográfico e econômico da Itália, especialmente de Veneza; 2) investigar a educação e a escrita de mulheres na Itália renascentista e tardo-renascentista, destacando seu papel e influência no período; 3) discutir a querela das mulheres; 4) examinar detalhadamente os elementos que compõem a argumentação de Marinella em sua obra; e 5) analisar como a autora confrontou as normas sociais e culturais vigentes, propondo uma redefinição do lugar das mulheres e avaliar como arregimentou argumentos filosóficos e históricos para desafiar as noções tradicionais de inferioridade das mulheres na sociedade renascentista.

Além da obra de 1601, é utilizada uma segunda fonte documental de Marinella intitulada *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645) no capítulo de análise comparativa. Isto é realizado com o objetivo de traçar um paralelo entre as obras e entender a complexidade de escrita de Lucrezia Marinella.

A fim de dialogar e responder a problemática e cumprir com os objetivos mencionados, a dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro busca compreender o contexto político, geográfico e econômico da Itália, em especial de Veneza. Como referência bibliográfica para a contextualização recorreu-se ao livro de Virginia Cox, intitulado *A short history of the italian Renaissance* (2016), que explora as mudanças políticas e econômicas na Itália durante Renascença, abordando também a cultura material e as contribuições intelectuais e artísticas da época. A tese de Androniki Dialeti, *The debate about women and its socio-cultural background in early modern Venice* (2004), oferece uma importante perspectiva sobre a crescente participação das mulheres na vida intelectual do século XVI e seu impacto no debate sobre o papel delas na sociedade. A obra de Rosemary Radford Ruether, *Woman guides: Readings Toward a Feminist Theology* (1996), ajudou a compreender a complexa influência

das discussões do Concílio de Trento na tradição literária e filosófica, além da imagem e das expectativas relativas ao lugar social das mulheres, servindo como um recurso bibliográfico e teórico primordial. Por fim, *Lucrezia Marinella and the Querelle des Femmes in Seventeenth-Century Italy* (2008), de Paola Price e Christine Ristaino, traz importantes contribuições a respeito da biografia de Marinella e suas obras, sendo um instrumento bibliográfico essencial para esta pesquisa.

Ainda no primeiro capítulo, a educação e a escrita de mulheres na Itália renascentista e tardo-renascentista é discutida com apoio dos seguintes autoras e autores: Joan Kelly (1977), Robyne Conway (2012), Sarah Gwyneth Ross (2009), Letizia Panizza (1999) e Androniki Dialeti (2003). Na Itália renascentista e tardo-renascentista, a educação e a escrita de mulheres desempenharam um papel fundamental na promoção de valores mais igualitários em relação ao acesso ao conhecimento. Para concluir o primeiro capítulo, aborda-se também o intenso debate literário e intelectual que começou no final da Idade Média e se estendeu pelo Renascimento: a querela das mulheres. Ou seja, análises sobre as capacidades, virtudes e direitos das mulheres. Esse debate foi fundamental para o questionamento das visões tradicionais e misóginas da época. Autores e autoras, entre elas Lucrezia Marinella, defenderam a educação e o valor das mulheres ao argumentar contra suas percepções negativas, tentando promover a reavaliação das contribuições femininas à cultura e sociedade. No exame da querela das mulheres, recorreu-se às contribuições historiográficas de Daniele de Souza (2013), Margaret L. King e Albert Rabil Jr. (1999) e Joan Kelly (1982). O primeiro capítulo visa, portanto, compreender o contexto histórico em que viveu Lucrezia Marinella, bem como as influências familiares e intelectuais que moldaram sua trajetória.

Por sua vez, o segundo capítulo tem como principal objetivo apresentar e examinar detalhadamente a fonte documental, em especial a construção argumentativa da autora. É conduzida uma investigação acerca do modo como a autora confrontou as normas sociais e culturais vigentes, que culminou na proposta de redefinição do papel das mulheres. O capítulo possui três focos de análise, coincidindo com os tópicos presentes em sua obra: 1) a beleza; 2) o equilíbrio entre castidade e vida pública; e 3) a capacidade intelectual das mulheres.

Busca-se, então, compreender como Marinella abordou a beleza, a alma, os adornos e a beleza dos nomes, à luz de autoras e autores como Androniki Dialeti (2004), Filipa Araújo (2008), Georges Duby e Michelle Perrot (1991), Umberto Eco (2010), João Braga (2011), Margaret L. King (1991) e Philippa Jackson (2010). O segundo ponto de análise consiste na defesa do equilíbrio entre castidade e vida pública de Lucrezia Marinella, examinando como a autora argumentou a favor da participação das mulheres na esfera pública sem comprometer a

castidade (por ela considerada uma virtude moral essencial). Por último, é analisada sua defesa da capacidade intelectual das mulheres, que contestou as restrições educacionais da época e visava promover não só a igualdade, mas a superioridade intelectual das mulheres.

A fim de compreender a forma como a autora utilizou argumentos filosóficos e históricos para desafiar as noções tradicionais de inferioridade feminina, foram resgatados estudos produzidos por Joana Gibson (1989), Margaret L. King (1976), Prudence Allen e Filippo Salvatore (1992), Androniki Dialeti (2013) e Luísa Marinho Antunes (2017).

O segundo capítulo busca, assim, revelar como a autora veneziana examinou criticamente as normas sociais e culturais de sua época, mas também propôs uma redefinição substancial do papel das mulheres.

No terceiro capítulo, objetiva-se elevar certa compreensão da complexidade de Lucrezia Marinella como escritora. Isso é realizado através de uma análise comparativa entre *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini* (1601) e sua última obra publicada, intitulada *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645). Nesta última, Marinella orientou as mulheres a abandonarem a ambição pelo reconhecimento público, enfatizando o valor da vida doméstica e familiar. Neste sentido, pretende-se uma aproximação ao entendimento da complexidade das interações entre o contexto social, político e literário com a escrita de sua última obra, considerando que foi elaborada 24 anos após *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*.

Recorre-se à tese de Amy Sinclair, *Pretext and Subversion: Lucrezia Marinella's Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645), que constitui uma análise textual detalhada de cada exortação presente no livro de Marinella. É também utilizada a obra *Lucrezia Marinella and the Querelle Des Femmes in Seventeenth-Century Italy* (2008), de Paola Price e Christine Ristaino, que propõe outra perspectiva de análise a respeito das exortações feitas por Marinella. O livro *Women's writing in Italy, 1400–1650* (2008), de Virginia Cox, e a tese *The debate about women and its socio-cultural background in early modern Venice*, de Androniki Dialeti (2008), são mobilizados neste último capítulo como apoio a fim de compreender o contexto social e político da escrita da última obra de Lucrezia Marinella. Importa mencionar que foi utilizada a tradução e edição de *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* realizada por Laura Benedetti em 2012. A bibliografia de apoio mencionada proporcionou informações substanciais para a análise das duas obras de Marinella e para a compreensão de sua biografia, além de contribuições ao alcance dos objetivos propostos na pesquisa.

Em síntese, esta dissertação quer trazer contribuições ao campo da história das mulheres e dos estudos literários feministas a partir do foco nas análises de Marinella. Primeiro, ao examinar detalhadamente as duas obras fontes documentais escritas pela escritora, uma vez que a pesquisa revela a complexidade e a sofisticação de sua argumentação, demonstrando seus modos de utilizar a escrita para desafiar e reconfigurar as normas sociais e culturais de sua época.

Outro reforço do estudo valida a análise da interseccionalidade e da diversificação da história das mulheres. Ao considerar os diferentes marcadores sociais, como raça, classe, geração e educação, a pesquisa destaca como as experiências das mulheres são multifacetadas e interligadas por diversas formas de opressão e resistência. A dissertação também contribui para a crítica literária feminista ao destacar a importância da escrita das mulheres na formação do cânone literário.

A análise da obra de Marinella permite à pesquisa iluminar os modos como as escritoras enfrentaram obstáculos significativos que culminaram na marginalização ou esquecimento de suas obras. Advoga-se aqui a inclusão e valorização das produções escritas por mulheres como parte essencial da literatura e da história cultural. A reflexão e da ação feminista são ressaltadas como essenciais na produção acadêmica e na interpretação histórica. Propõe-se, assim, uma abordagem crítica que, ao estabelecer diálogos com a obra de Marinella e as discussões feministas contemporâneas, dignifica as experiências e as contribuições das mulheres.

2 CULTURA E SOCIEDADE NA ITÁLIA TARDO-RENASCENTISTA

A discussão se inicia a partir da compreensão da singularidade do contexto histórico da Itália durante o período tardo-renascentista. Investiga-se, principalmente, o modo como esse contexto influenciou a produção cultural, em especial a atividade literária das mulheres.

Inicialmente, neste capítulo discute-se a estrutura política e econômica da Itália, destacando as cidades-repúblicas e sua evolução para principados, além de mencionar o impacto das reformas religiosas e o papel de Veneza como um centro cultural e de mecenato. São enfatizadas as formas como esses fatores contribuíram para o florescimento da atividade literária feminina, apesar das restrições impostas pela Contrarreforma.

É a partir da contextualização do ambiente histórico, cultural e social no qual Lucrezia Marinella viveu e produziu sua obra que se torna possível estabelecer uma base sólida para entender as condições específicas que influenciaram a escrita de Marinella, de forma a explicar como o cenário italiano tardo-renascentista, com suas peculiaridades, moldou as oportunidades e os desafios enfrentados pelas mulheres escritoras. Considerar o papel de Veneza enquanto centro cultural e econômico de destaque e, principalmente, analisar como o ambiente relativamente liberal da cidade permitiu um florescimento da atividade literária feminina mostra-se basilar para responder à problemática da dissertação.

Segundo Virginia Cox (2016) a Europa já tinha experimentado uma recuperação econômica desde o século XI, e isso se traduziu em melhorias contínuas na infraestrutura de vias, portos e comunicações que facilitavam o trânsito de pessoas e mercadorias. Como parte deste longo processo de dinamização econômica, a urbanização precoce da Itália foi uma característica distintiva se comparada a outras partes da Europa. A prosperidade das cidades do norte da Itália, tão destacada nos documentos das chancelarias e das companhias, originava-se predominantemente do comércio e cada vez mais dos serviços bancários e financeiros.

FIGURA 1 – MAPA DA ITÁLIA, C. 1494: AS PRINCIPAIS DIVISÕES POLÍTICAS



FONTE: Cox (2016)

Cox (2016) ressalta, ainda, que desde o século XIII a maioria das cidades ao norte da Itália se autogovernavam como cidades-repúblicas independentes, tendo como modelo ideal a Roma Antiga. Estas cidades conquistaram a autonomia política ainda no Medievo, apesar do longo embate com as pretensões universalistas do Sacro Império Romano Germânico e das ameaças das invasões estrangeiras tanto do norte europeu quanto dos turcos otomanos a partir do século XV. Ao longo destes séculos, a maioria das cidades-repúblicas italianas evoluiu para principados ao passo em que as famílias locais influentes capitalizaram sobre o partidarismo político prevalente nos pequenos estados republicanos. Embora os principados fossem geralmente estabelecidos por líderes militares, os *condottieri*, eles se consolidaram e assumiram características quase monárquicas. Buscando legitimidade por meio de títulos imperiais ou papais, estes líderes fortaleceram suas posições ao estabelecer alianças com famílias da antiga aristocracia urbana através de casamentos.

No início da Época Moderna, de acordo com Cox (2016), era possível identificar sete principais potências regionais na península italiana, além de alguns estados menores independentes. As proeminentes potências do norte incluíam os ducados de Saboia e Milão, juntamente com as repúblicas comerciais marítimas de Gênova e Veneza, sendo que esta última expandiu consideravelmente seu poderio no Mediterrâneo e no Oriente durante o século XV.

Ao sul de Milão situava-se Florença, uma república oligárquica e importante centro cultural e mercantil. No centro da península localizavam-se os Estados Papais, estendendo-se ao norte ao longo da costa do Adriático até a Romagna, e ao sul de Veneza. Embora esses territórios estivessem, a princípio, sob o controle dos papas, na prática eram administrados por governantes vicários que, em alguns casos, eram praticamente indistinguíveis de príncipes independentes. Mais ao sul dos Estados Papais, encontrava-se o extenso reino de Nápoles, sob domínio da Casa de Aragão.

As cidades-repúblicas independentes da Itália desempenharam um papel vital na promoção da cultura, das artes e do conhecimento não só durante o século XV, mas durante a Época Moderna pelo menos até meados do século XVII. É possível argumentar que a perda de autonomia política incentivou as antigas elites dessas cidades a investirem ainda mais na cultura, o que marca a prática denominada mecenato (Cox, 2016). No Renascimento, até mesmo as cidades relativamente pequenas no centro e norte da Itália possuíam, no mínimo, uma editora e, muitas vezes, uma academia que reunia eruditos, poetas e artistas junto ao mecenas governante. As elites dessas cidades investiram generosamente nas artes, na arquitetura e na cultura literária, como bem demonstrou Jacob Burckhart em seu clássico livro *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio* (2009), incentivando a competição entre os príncipes, um fator importante para entender a grande diversidade cultural do Renascimento na Itália:

Vital para qualquer compreensão da cultura renascentista italiana é o fato de que não existiu, estritamente falando, uma Renascença “italiana”. Em vez disso, existiram tantas culturas renascentistas italianas quantas cidades renascentistas italianas. Os historiadores da arte estão, evidentemente, familiarizados com este princípio, e estamos habituados a ver obras anônimas em galerias atribuídas à escola toscana ou veneziana, e não simplesmente à italiana. O mesmo é verdade também, em grande medida, para a história literária e intelectual, com o resultado de que a primeira pergunta que os estudiosos destas áreas fazem ao abordar um novo escritor ou pensador tende a ser “de onde ele (ou ela) é”? (Cox, 2016, p. 45, tradução nossa⁵)

Outro traço importante da região foi a diversidade de formas políticas, especialmente a partir dos séculos XIV e XV. Tal fato refletiu nas considerações políticas de diversos pensadores da época, entre eles Maquiavel. O destaque do autor florentino à frequente ameaça de invasões estrangeiras denunciava, afinal, a realidade dos conflitos políticos e guerras

⁵ Vital to any understanding of Italian Renaissance culture is the fact that there was no such thing, strictly speaking, as an ‘Italian’ Renaissance. Rather, there were as many Italian Renaissance cultures as there were Italian Renaissance cities. Art historians are, of course, familiar with this principle, and we are used to seeing anonymous works in galleries attributed to the Tuscan or the Venetian school, rather than simply the Italian. The same is true also to a remarkable extent for literary and intellectual history, with the result that the first question scholars in these fields ask in approaching a new writer or thinker tends to be ‘where is he (or she) from?’

constantes entre as cidades-estado, que representaram uma desvantagem em termos políticos e militares em comparação com outros Estados monárquicos. Ao mesmo tempo, contudo, esses conflitos se tornaram uma força no âmbito cultural.

A Itália renascentista era uma constelação de várias cidades que competiam como centros culturais, algumas delas muito destacadas pelo prestígio e fama de seus artistas e arquitetos, bem como de seus príncipes mecenas. Além das grandes potências militares e econômicas como Milão, Gênova, Veneza, Florença, Roma e Nápoles, estados menores como Ferrara, Mântua e Urbino, e pequenas repúblicas como Siena, também foram núcleos importantes da cultura renascentista italiana.

Veneza, onde nasceu Lucrezia Marinella, era uma cidade-estado com posição geopolítica estratégica o que contribuiu para seu status como potência marítima e centro de convergência de diversas influências culturais e artísticas do Oriente e do Ocidente. As riquezas acumuladas através do comércio explicam o forte mecenato da república veneziana aos artistas, poetas e arquitetos, com um rico legado cultural do qual Marinella foi uma participante e beneficiária

Segundo Price e Ristaino (2008), no século XVI os conflitos religiosos decorrentes da Reforma tiveram ressonâncias significativas na cultura renascentista. O Concílio de Trento (1545-1563) formulou um programa rigoroso de reforma católica para revitalizar a devoção religiosa, corrigir os excessos clericais, estabelecer uma reafirmação dos princípios da fé e enfrentar a ameaça do protestantismo. Cox (2016) ressalta que o Concílio revalidou o Humanismo Aristotélico e incentivou as ordens missionárias, como a Companhia de Jesus, para promover a evangelização e a educação. Assim, já na segunda metade do século XVI, todas as manifestações culturais, incluindo literatura, teatro, arquitetura, escultura, pintura e música, passaram a refletir os esforços de transformação e renovação cultural, carregando um forte simbolismo e mensagem religiosa e espiritual.

[...] na segunda metade do século XVI, sob uma série de papas reformistas, também foram feitas tentativas coordenadas para colocar a cultura secular sob algum tipo de controle moral. A manifestação mais marcante disso foi a introdução da censura de impressos em nível nacional, resultando na proibição ou expurgo de textos que eram percebidos como imorais ou licenciosos, ou que expressavam opiniões anticlericais (Cox, 2016, p. 52, tradução nossa⁶).

⁶ [...] in the second half of the sixteenth century, under a series of reforming popes, concerted attempts were also made to bring secular culture under some kind of moral control. The most striking manifestation of this was the

Presentes na seleção de temas e nas escolhas literárias, a moral religiosa e institucional sobre as diferenças irreconciliáveis entre homens e mulheres influenciava os autores. As prescrições dogmáticas das autoridades eclesiásticas para o governo das famílias sancionavam normas muito restritas para as mulheres em comparação com a flexibilidade das normas orientadoras do comportamento masculino; e isso acontecia especialmente no que dizia respeito ao acesso à educação e à cultura literária. Alguns eruditos da época acabaram encontrando-se em uma posição ambígua: embora apoiassem a educação feminina e encorajassem a participação das mulheres em atividades intelectuais, concordavam com as exigências sociais de castidade e reclusão prescritas pela moral religiosa. Assim, as mulheres que escreviam e estudavam também deveriam cumprir seu destino natural e social do casamento e da maternidade, o que frequentemente as obrigava a escolher entre o estudo ou as obrigações com o casamento e a família.

O Concílio de Trento havia declarado que as descendentes de Eva deveriam permanecer eternamente sujeitas à linhagem de Adão e nunca desafiar a autoridade masculina. Essa justificativa apoiava-se no mito edênico e na culpa de Eva pelo pecado original, conforme formulado pelos teólogos da Antiguidade Tardia (Price; Ristaino, 2008). De acordo com Ruether (1996), a referência ao pecado original e à subjugação das mulheres, fortemente presente na moral pós-tridentina, fazia parte de uma longa tradição teológica e filosófica que influenciou diversas correntes e convenções literárias.

O pecado está conectado às mulheres na tradição cristã por meio da associação entre feminilidade, corpo, sexo, mortalidade e mal. O corpo é visto como a fonte de apetites que atraem a alma imortal para o pecado e a morte, fazendo-a esquecer de sua natureza “pura” original. Evitar as mulheres é evitar o pecado. Repreender as mulheres é reprimir tanto sua propensão ao pecado quanto sua capacidade de “tentar” os homens a pecar (Ruether. 1996, p. 99).

As rigorosas prescrições da Reforma Católica aos clérigos e aos laicos limitaram fortemente a presença e a produção das mulheres nas esferas do conhecimento filosófico e científico (Cox, 2016). Apesar disso, evidências históricas de vidas de mulheres contestam essa extensão dos interditos, revelando suas capacidades de persistência, mas principalmente um florescimento da atividade literária das mulheres italianas após 1560, com destaque para a república de Veneza.

introduction on a national level of print censorship, resulting in the banning or bowdlerization of texts that were perceived as immoral or licentious, or which voiced anticlerical views.

Em Marinella podemos notar coragem, ousadia e experimentação. Esses traços também são destacados em outras escritoras, mesmo durante o ápice da Contrarreforma, entre 1580 e 1610, e de seus instrumentos normativos e coercitivos na Itália. A hipótese delineada na presente pesquisa entende, a princípio, que o incremento da atividade literária feminina foi, em parte, beneficiado pela ausência de uma centralização política e pela permanência e resistência da rica diversidade cultural. Esses fatores podem ter favorecido as mulheres e incentivado suas publicações, uma vez que a repressão da Contrarreforma em Veneza se voltou para alguns grupos sociais e em períodos mais delimitados, sendo menos intensa do que em outras localidades da Península.

Tomando como referência o estudo de Dialetti (2004), Veneza emergiu no século XVI como um espaço aberto às discussões políticas e religiosas. Personalidades de destaque como Gian Matteo Giberti (1495-1543), Gasparo Contarini (1483-1542), Alvise Prinli e Marcantonio Flaminio (1498-1550) foram defensores da necessidade de uma reforma da Igreja Católica na cidade, seguindo a motivação original de muitos teólogos e clérigos tardo-medievais e mesmo do monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), no começo do século XVI. Devido à proximidade com as regiões do Sacro Império Romano Germânico, Veneza foi especialmente influenciada pelas ideias reformadoras, as quais se difundiram por diferentes estratos sociais da república de Veneza — desde os patrícios como Carlo Corner, Alvise e Giacomo Malipiero, até os artesãos, muitos dos quais debateram ativamente uma variedade de concepções religiosas inovadoras.

Dialetti (2004) também reforça que, durante o Concílio de Trento, as correntes tradicionalmente contrárias ao clero em Veneza ganharam expressão. Ao mesmo tempo, o ambiente intelectual na cidade estava impregnado de sentimentos antimonárquicos dentro da sólida tradição republicana medieval e renascentista. Com a transformação gradual das repúblicas italianas em monarquias ao longo do século XVI, Veneza permaneceu como a única república de destaque, juntamente com Gênova. Os princípios republicanos estavam fortemente associados ao movimento reformador, revelando a extensão da resistência aos ordenamentos dogmáticos do Concílio de Trento (Dialetti, 2004)

A prosperidade econômica e o dinamismo intelectual de Veneza propiciaram um ambiente favorável para o rápido desenvolvimento da atividade editorial durante o século XVI, com fortes ressonâncias no século seguinte (Dialetti, 2004). Veneza destacou-se como um polo de oportunidades para aqueles interessados em ingressar no lucrativo negócio da impressão de livros. As impressoras estabelecidas em Veneza distribuíam obras para toda a Itália, muitas vezes utilizando agentes vindos de outras cidades italianas ou do exterior. Os impressores,

editores e escritores de Veneza geralmente mantinham vínculos com os círculos comerciais e intelectuais de suas regiões de origem ou de outras regiões já conhecidas antes de se estabelecerem em Veneza. No entanto, a região proporcionava as melhores oportunidades para encontrar emprego no crescente e dinâmico setor editorial, além de proporcionar maior liberdade política. Estima-se que, das 8.000 edições sobreviventes dos primeiros livros impressos na Itália, mais de um terço (possivelmente quase metade), foram produzidos em Veneza (Dialetti, 2004).

Durante o século XVI e XVII, neste sentido, Veneza tornou-se um importante espaço de produção e difusão de ideias reformadoras tanto no campo religioso quanto republicano, com engajamento ativo de escritores e de comerciantes. Essa atmosfera de dinamismo econômico e liberdade de pensamento estimulou a atividade editorial, que floresceu significativamente na época, apesar dos surtos de censura e repressão. Esses fatores possibilitam traçar inferências acerca dos motivos pelos quais, mesmo após o Concílio de Trento, não apenas houve persistência, mas também um florescimento da atividade literária das mulheres, especialmente entre as venezianas, como exemplificado por Lucrezia Marinella. Sendo um espaço cultural dinâmico e de poder descentralizado, Veneza permitiu e incentivou que as mulheres se envolvessem na publicação de obras literárias e acadêmicas. A participação das mulheres no mercado editorial não apenas demonstrou sua inserção na esfera dos debates públicos, mas também o modo como contribuíram para o cenário cultural e intelectual da cidade durante o período tardo-renascentista.

2.1 A EDUCAÇÃO E A ESCRITA DE MULHERES NA ITÁLIA RENASCENTISTA E TARDO-RENASCENTISTA

A Itália, durante o século XVI, apresentava uma consolidação precoce de estados, da economia mercantil e relações sociais diversificadas em contextos urbanos (Kelly, 1977). Apesar disso, o Renascimento não se manifestou enquanto um movimento cultural uniforme que alcançou toda a sociedade. As mulheres, por exemplo, não experimentaram o Renascimento no sentido historiográfico tradicional. Conforme argumenta Kelly (1977, p. 176, tradução nossa⁷), “o Estado, o capitalismo primitivo e as relações sociais formadas por eles influenciaram

⁷ The state, early capitalism, and the social relations formed by them impinged on the lives of Renaissance women in different ways according to their different positions in society.

a vida das mulheres renascentistas de maneiras diferentes de acordo com suas diferentes posições na sociedade”.

Segundo o pensamento de Kelly (1977), é possível considerar inadequada a definição do Renascimento como um período uniforme em relação à participação e às oportunidades disponíveis para homens e mulheres, contrariando a visão comum de que foi uma época de ouro para a cultura e a sociedade. É, portanto, essencial compreender a relatividade da expansão e do recuo das oportunidades e poderes das mulheres durante o Renascimento. Para isso, Kelly (1977, p. 176, tradução nossa⁸) propõe critérios de análise que permitem uma avaliação mais nuançada das experiências femininas nesse período:

- 1) a regulação da sexualidade feminina em comparação com a sexualidade masculina;
- 2) os papéis econômicos e políticos das mulheres, ou seja, o tipo de trabalho que desempenhavam em comparação com os homens, e seu acesso à propriedade, poder político e educação ou treinamento necessário para o trabalho, propriedade e poder;
- 3) os papéis culturais das mulheres na formação da visão de sua sociedade e acesso à educação e/ou instituições necessárias para isso;
- 4) ideologia sobre as mulheres, em particular o sistema de papéis sexuais presente ou defendido nos produtos simbólicos da sociedade, sua arte, literatura e filosofia.

Kelly (1977) argumenta que até mesmo a mulher medieval tinha mais poder do que a mulher renascentista. Isto porque durante o medievo algumas mulheres eram capazes de administrar heranças e propriedades feudais na ausência de maridos ou parentes. Além disso, as esposas podiam presidir o tribunal feudal na ausência de seus maridos e senhores, e tinham o direito de manter o nome familiar e a propriedade pessoal. Estes critérios são fundamentais para compreender o contexto social e político do período renascentista e tardo-renascentista na Itália e, principalmente, para analisar como essas condições influenciaram as mulheres, suas experiências de vida e o tipo de educação que poderiam receber.

As teorias filosóficas e os escritos teológicos da Antiguidade e da Antiguidade Tardia, contribuíram para a persistência de explicações essencialistas sobre a feminilidade e as capacidades das mulheres (Conway, 2012). Os conceitos prevalentes entre os eruditos definiam as mulheres como inferiores, levando à crença de que a educação era desnecessária ou até mesmo inútil para elas. Além disso, a mulher letrada era por vezes vista enquanto um perigo

⁸ 1) the regulation of female sexuality as compared with male sexuality; 2) women's economic and political roles, that is, the kind of work they performed as compared with men, and their access to property, political power, and the education or training necessary for work, property, and power; 3) the cultural roles of women in shaping the outlook of their society, and access to the education and/or institutions necessary for this; 4) ideology about women, in particular the sex-role system displayed or advocated in the symbolic products of the society, its art, literature, and philosophy.

para a sociedade: poderia negligenciar suas responsabilidades familiares e religiosas e começar a contestar as ordens de seu pai ou marido.

As mulheres da Renascença italiana quase não tinham possibilidade de viajar, montar casa por conta própria, escolher se casar ou não, ter uma carreira [...] as meninas que aprenderam a ler eram estritamente limitadas em sua maior parte à leitura de livros de orações, vidas de santos e obras morais e religiosas (Conway, 2012, p. 6, tradução nossa⁹).

Conway (2012) também observa que era comum que mulheres pobres e solteiras fossem empregadas em trabalhos domésticos com o intuito de aprender habilidades necessárias para o cuidado de suas futuras famílias. Esses trabalhos também visavam contribuir com seu dote e reduzir os custos de alimentação e vestuário em suas casas. Por outro lado, mulheres pobres casadas e as viúvas frequentemente eram empregadas como amas de leite, enfermeiras, parteiras, ou serviam em hospitais e asilos.

As mulheres das classes privilegiadas vivenciavam experiências de vida significativamente distintas das mulheres de classes inferiores, apesar de ambas terem que enfrentar uma sociedade que as considerava inferiores aos homens. De fato, algumas delas desfrutavam de certos privilégios oriundos de sua origem de classe: além de melhores condições econômicas, essas mulheres podiam, por exemplo, protelar o casamento e, em alguns casos, se beneficiar diretamente da educação humanista. Segundo Ross (2009), a partir do século XV, com o Humanismo e seu enfoque nos estudos clássicos, a educação passou a ser valorizada também para as mulheres, edificando uma nova percepção de virtude feminina.

Enfatizando não apenas a moralidade cristã, mas também as noções clássicas de coragem e realização, a redefinição humanista da virtude deixou uma ambiguidade frutífera no centro de seu programa educacional. Não há dúvida de que tanto os homens quanto as mulheres devem ser "virtuosos" em termos da moralidade cristã (Ross, 2009, p. 4, tradução nossa¹⁰).

Afinal, se a educação era considerada o principal pilar para alcançar a virtude e se tanto homens quanto mulheres eram esperados para se apresentarem como seres virtuosos, então as mulheres também deveriam receber educação.

⁹ Italian Renaissance women had almost no possibility of travelling, setting up house on their own, choosing whether or not to marry, acquiring professional work skills or having a career [...] girls who did learn to read, were strictly limited for the most part to reading prayer books, saints' lives and moral and religious works.

¹⁰ Emphasizing not only Christian morality but classical notions of fortitude and accomplishment, the humanist redefinition of virtue left a fruitful ambiguity at the center of its educational program. It went without question that both men and women should be "virtuous" in terms of Christian morality.

A opinião sobre este ponto foi dividida. No entanto, um dos mais influentes humanistas do *quattrocento*, Leonardo Bruni, defendeu a lógica revolucionária em seu tratado *On Studies and Letters* (ca. 1423-1426). Proponentes posteriores dessa linha de raciocínio incluíram outros importantes humanistas, como Juan Luis Vives, Sir Thomas More e Erasmo (Ross, 2009, p. 4, tradução nossa¹¹).

À luz de Ross (2009) compreende-se que a ascensão da mulher educada no período renascentista também se deve ao que a autora denominou “família intelectual”. Ou seja, as mulheres de famílias abastadas que valorizavam a educação e cultivavam valores humanistas eram instruídas por seus pais eruditos ou tinham o benefício de compartilhar a educação ministrada a seus irmãos por um tutor. Essa relação pedagógica entre pai e filha possibilitou a algumas mulheres não só o acesso à educação por meio da leitura e da prática da escrita, mas também o respeito, o reconhecimento e a notoriedade, especialmente para aquelas que se tornaram escritoras. A biografia das escritoras da época sugere que elas foram significativamente beneficiadas pelas relações paternalistas que lhes proporcionaram uma formação erudita e literária.

[...] as autoras dos séculos XV e XVI desfrutaram e capitalizaram sobre a legitimidade cultural que a sanção patriarcal – ou sua representação – oferecia. Ao publicar suas obras na segurança das redes familiares e empregar a metáfora familiar ao abordar patronos masculinos, as próprias mulheres usaram “a família intelectual” como um dispositivo retórico para tornar seu novo status como acadêmicas e autoras atraente para a cultura (Ross, 2009, p. 2, tradução nossa¹²).

A autora continuou:

As composições manuscritas de mulheres circulavam nas redes familiares e, com o advento da imprensa, eram publicadas por membros da família ou por amigos íntimos da família – um processo que situava até mesmo textos explicitamente feministas dentro da zona retórica segura da domesticidade. Retoricamente, as mulheres humanistas fizeram excelente uso da “família intelectual”: elas invocaram sua virtude como filhas, esposas e mães alfabetizadas e abordaram potenciais patronos do sexo masculino dentro do que estou chamando de relação pai-patrão/filha-cliente (Ross, 2009, p. 11, tradução nossa¹³).

¹¹ Opinion on this point was divided. Yet one of the most influential of the quattro cento humanists, Leonardo Bruni, upheld the revolutionary logic in his treatise *On Studies and Letters* (ca. 1423–1426). Later proponents of this line of reasoning included other humanist luminaries, such as Juan Luis Vives, Sir Thomas More, and Erasmus.

¹² [...] women authors of the fifteenth and sixteenth centuries enjoyed and capitalized upon the cultural legitimacy that patriarchal sanction—or its representation—afforded. By publishing their works within the safety of family networks and by plying familial metaphor when approaching male patrons, women themselves used “the intellectual family” as a rhetorical device for making their novel status as scholars and authors appealing to contemporary culture.

¹³ Women’s manuscript compositions circulated within family networks and, with the advent of print, were published either by family members or by close family friends—a process that situated even explicitly feminist

Já no século XVII, como ressalta Ross (2009), a mulher erudita já não era mais desconhecida nem considerada excêntrica. Esse período viu o fortalecimento de uma forte tradição de mulheres humanistas e escritoras na Itália e na Inglaterra, com representantes ainda do século XV. As mulheres eruditas continuaram a contar com o apoio das redes familiares e dos humanistas para publicar seus escritos e conquistar credibilidade autoral. Contudo, elas também passaram a se inspirar nos modelos de escritoras anteriores, emergindo como uma nova figura social: “[...] a mulher erudita culturalmente normal que não era uma rainha, nem uma freira, e certamente não era uma cortesã” (Ross, 2009, p. 3, tradução nossa¹⁴).

Na trajetória intelectual e literária de Lucrezia Marinella, essas relações foram especialmente importantes. Filha de Giovanni Marinelli (? - ca.1580), um médico altamente respeitado na sociedade veneziana, Marinella beneficiou-se significativamente de seu ambiente familiar. Mesmo sem possuir um título de nobreza, Marinelli era considerado um homem nobre devido aos seus talentos e conhecimentos. De acordo com Letizia Panizza (1999), ele escreveu diversos livros, incluindo dois que abordavam especificamente o apoio às mulheres. Estes foram “[...] escritos no vernáculo, sugerindo que ele queria que as próprias mulheres fossem esclarecidas sobre sua saúde”¹⁵ (Panizza, 1999, p. 3). O primeiro recebeu o nome de *Gli ornamenti delle donne* (Ornamentos femininos; Veneza, 1562), e o segundo, *Le medicine partenentialle infirmita delle donne* (Medicação relativa às doenças femininas; Veneza, 1563).

Ornamentos femininos (Gli ornamenti delle donne, Veneza, 1562), é um manual prático de higiene e beleza, desde clareamento de cabelos e de dentes até a remoção de odores corporais. É notável por sua defesa sensata da busca das mulheres pela atração física, uma busca que Marinella também defenderia. O outro, *Medicines Pertaining to Women's Illnesses* (Le medicine partenentialle infirmità delle donne, Veneza, 1563, revisado e ampliado, Veneza, 1574), é um livro-texto sobre ginecologia para uso tanto de médicos como de parteiras, e dedicado às mulheres. Trata da concepção, gestação e parto (Panizza, 1999, p. 3, tradução nossa¹⁶).

texts within the rhetorical safe zone of domesticity. Rhetorically, women humanists made excellent use of the “intellectual family”: they invoked their virtue as literate daughters, wives, and mothers and approached potential male patrons within what I am calling the father-patron/daughter-client relationship.

¹⁴ The culturally normal learned woman who was not a queen, not a nun, and most certainly not a courtesan.

¹⁵ [...] were composed in the vernacular, suggesting that he wanted women themselves to be enlightened about their health.

¹⁶ Women's Ornaments (Gli ornament delle donne, Venice, 1562), is a practical manual of hygiene and beauty, from bleaching hair and whitening teeth to removing bodily odors. It is remarkable for its sane defense of women's quest for physical attractiveness, a search Marinella would also defend. The other, Medicines Pertaining to Women's Illnesses (Le medicine partenenti alle infirmita delle donne, Venice, 1563) revised and amplified, Venice, 1574), is a textbook on gynecology for the use of male physicians as well as midwives, and dedicated to women. It deals with conception, gestation, and childbirth.

Seguindo os padrões de conduta humanista, Giovanni incentivou sua filha, Lucrezia, a se dedicar aos estudos, acreditando que as mulheres possuíam as mesmas capacidades para o aprendizado que os homens. Desta forma, Marinella teve acesso à biblioteca de seu pai, onde estudava e se dedicou à escrita de poemas, obras religiosas, pastorais e tratados. Conforme explica Panizza (1999), é difícil mensurar a extensão do ensino que Giovanni Marinelli proporcionou à filha, ou mesmo o tempo que ele dedicou à supervisão de seus estudos. No entanto, é inegável que a relação próxima entre pai e filha desempenhou um papel crucial na educação e desenvolvimento intelectual de Lucrezia. A figura paternal gentil e atenciosa de Marinelli pode ter sido determinante para encorajar os estudos de Lucrezia e oferecer segurança em seus empreendimentos intelectuais e literários.

Embora não haja registros sobre Giovanni Marinelli depois de 1576 e Marinella tenha mencionado seu falecimento em 1600, sua memória parece ter permanecido viva nas palavras afetuosas escritas pela filha. Isso fica particularmente evidente no poema épico de Lucrezia Marinella, *Henry or Byzantium Gained (L'Enrico overo Bisantio acquistato)* publicado em 1635. Neste poema, a personagem Erina, órfã de mãe e única filha, expressa sentimentos profundos em relação a seu pai Fileno, um filósofo natural. Segundo Panizza (1999), embora não seja possível afirmar com certeza, o poema pode ter um caráter autobiográfico, destacando o impacto duradouro da figura paterna na vida e na obra de Marinella, refletindo a admiração e o carinho que ela nutria por seu pai:

E inúmeras vezes, quando eu ainda era uma garotinha, ele me levou consigo para o cume do monte. E de seu conhecimento me transmitiu o que era belo e bom, e eu, como uma nova Aurora, cresci em virtude à luz do sol e sob as influências benignas dos céus, amigo de [Apolo], o Deus de Delfos (Marinella, 1635, p. 53 apud Panizza, 1999, p. 4, tradução nossa¹⁷).

Ainda sobre o apoio familiar a Lucrezia, é necessário mencionar a relação que ela teve com seu irmão, Curzio Marinelli. Ambos mantinham um vínculo harmonioso e prezavam pela estima um do outro (Panizza, 1999). Curzio, embora também fosse médico, não alcançou a notoriedade de seu pai. No entanto, era um profissional respeitado na sociedade e seus contatos importantes foram revertidos em benefício Lucrezia.

¹⁷ And countless times while I was still a little girl, he took me with him up the mount ... and of his knowledge imparted to me what was beautiful and good; and I, like a new Aurora, grew to virtue in the sunshine, and under the benign influences of the heavens, friend of [Apollo], the God of Delos.

Se o presente que lhe envio [o livro] parece pequeno em comparação com seus grandes elogios, espero que você tenha sido em parte compensado pela amizade excepcional que teve com o excelentíssimo Signor Giovanni, meu pai, e que atualmente tem com o excelentíssimo Signor Curzio, meu irmão, e imploro que você aceite também o espírito ansioso daquela que está em dívida com você. Que Deus lhe envie felicidade (Marinella, 1999, p. 37, tradução nossa¹⁸).

O texto acima faz parte da dedicatória do tratado *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co' diffetti et mancamenti degli uomini* (1601), na qual Lucrezia Marinella demonstrou carinho pelo seu pai, na época já falecido, e pelo seu irmão. Na mesma dedicatória ela elogiou e destacou as qualidades de seu mecenas, o patricio veneziano Lúcio Scarano. Scarano era um médico e homem de letras que se definia como um filósofo. Para Panizza (1999, p. 4, tradução nossa¹⁹), “ele também pode ter sido o elo vital entre seus estudos particulares e a escrita e o mundo mais amplo dos círculos literários e editoriais venezianos”.

Em seu diálogo denominado *Scenophylax* (1601), no qual aborda métodos clássicos de escrita, as tragédias e comédias gregas, Scarano citou e elogiou Marinella como uma escritora e erudita que era capaz de criar poesias originais e de debater filosofia clássica. Além disso:

Pela amizade com o pai e o irmão de Marinella, Scarano teria reconhecido o talento de Lucrezia e lhe dado mais incentivo, ainda mais importante para uma mulher que não pode frequentar uma escola secundária onde os alunos aprendiam latim e muitas vezes grego [...] é muito provável que Scarano tenha apresentado Marinella ao editor G. B. Ciotti, que publicou tanto o *Scenophylax* (onde Scarano se apresenta como membro de uma academia que inclui o editor Ciotti e várias figuras literárias) quanto o livro de Marinella, *The Nobility and Excellence of Women*, bem como um trabalho anterior (Panizza, 1999, p. 5, tradução nossa²⁰).

O apoio familiar e de amigos letrados foi extremamente importante para Lucrezia Marinella. É mister, neste ponto, saber diferenciar os “apoiadores” e os “inimigos” das mulheres

¹⁸ If the gift seems small in comparison with your great praises, I hope you have been compensated in part by the exceptional friendship that you had with the most excellent Signor Giovanni, my father, and that you currently have with the most excellent Signor Curzio, my brother, and beg you to accept as well the eager spirit of she who is in debt to you. May God send you happiness.

¹⁹ He may also have been the vital link between her private studies and writing and the wider world of Venetian literary circles and publishing.

²⁰ Through his friendship with Mannella's father and brother, Scarano would have recognized Lucrezia's talent and given her further encouragement, all the more important for a woman who would not have attended a secondary school where pupils learned Latin and often Greek [...] It is highly likely that Scarano introduced Marinella to the publisher G. B. Ciotti, who published both the *Scenophylax* (where Scarano presents himself as a member of an academy that includes the publisher Ciotti and a number of literary figures) and Mannella's *The Nobility and Excellence of Women* as well as an earlier work.

no contexto do estudo: de acordo com Dialetti (2003, p. 1, tradução nossa²¹), durante o século XVI novas questões sobre as mulheres na sociedade, sua moral e capacidade intelectual voltaram a ser discutidas com mais veemência, “[...] em geral, [o debate] favoreceu noções de igualdade intelectual e moral das mulheres ou mesmo superioridade em relação ao sexo masculino [...]”. A representação literária de “defensores” e “inimigos”, quase como se formassem dois partidos opostos, remonta ao início da querela das mulheres no século XV e foi atualizada na época de Lucrezia Marinella. Ambos os grupos buscavam não só defender seus pontos de vista, mas também criar uma identidade. O número de “inimigos” era significativamente maior que o dos “defensores”, que eram poucos homens que se viam como esclarecidos e portadores de ideais nobres.

A elevação moral e intelectual [dos defensores] é alcançada pela comparação reiterada entre eles e os "outros", ou seja, os inimigos das mulheres. A maioria dos autores desaprova os inimigos das mulheres sem, no entanto, fornecer informações específicas sobre elas. A autodefinição do escritor como membro de um grupo distinto geralmente conta mais do que a desaprovação dos inimigos das mulheres (Dialetti, 2003, p. 2, tradução nossa²²).

Os dois grupos, abertamente opostos, travaram longas e acaloradas batalhas de argumentos, utilizando livros, salões e tribunais como campos de batalhas, e suas penas e vozes como espadas afiadas. O objetivo de ambos os grupos era revelar a “verdade”. Para isso, apoiavam-se em teóricos e articulavam estratégias argumentativas. A verdade, para os “inimigos”, era que a inferioridade feminina era como uma “marca”, ou um estigma presente em todos os aspectos quando comparada às capacidades masculinas. Desta forma, as mulheres deveriam ser controladas e conduzidas para seu próprio bem. Por outro lado, os “defensores” acreditavam que as mulheres eram igualmente capazes que os homens, fosse por serem criaturas de Deus, fosse por possuírem razão, ou até mesmo por serem superiores aos homens em alguns aspectos. Para os defensores das mulheres era necessário o cuidado com a reputação; por isso, eles frequentemente citavam, em suas dedicatórias, mulheres que obtinham poder por meio de suas famílias e posições sociais, clamando não só pelo apoio delas, mas também sua proteção.

²¹ [...] in general, it favoured notions of women’s intellectual and moral equality or even superiority to the male sex.

²² Their moral and intellectual uplift is achieved by the repeated comparison between themselves and “the others”, namely women’s enemies. Most authors disapprove women’s enemies, without, however, giving specific information about them. The self-definition of the writer as a member of a distinguished group often counts more than the disapprobation of women’s enemies.

Foi esse o caso de Domenico Bruni de Pistoia, que dedicou seu trabalho a respeito da superioridade feminina à Eleonora Médici, Duquesa de Florença, intitulado *Opera di m. Domenico Bruni da Pistoia intitolata Difese delle donne, nella quale si contengano Le difese loro, dalle calumnie dategli per gli scrittori, & insieme Le lodi diquelle* (1559). Eleonora era filha do vice-rei de Nápoles, Dom Pedro de Toledo e foi casada com o duque Cosimo I de Médici, sendo notoriamente uma apreciadora das artes e mecenas de inúmeros artistas.

De uma forma ou de outra, a maioria dos autores sugerem que seus escritos pertencem a um movimento pioneiro que visa revelar a verdade e silenciar os inimigos das mulheres que distorcem a realidade por causa de sua inveja, do ódio e da busca pela fama ou decepção amorosa (Dialetti, 2003, p. 2, tradução nossa²³).

Os “defensores” recorrentemente acusavam os “inimigos” de distorcerem a história e desconsiderarem as contribuições das mulheres: “[...] eles deliberadamente omitem mencionar as conquistas das mulheres em artes e letras e seus feitos heroicos” (Dialetti, 2003, p. 2). Para homenagear as mulheres omitidas da história, era comum que os “defensores” escrevessem biografias listando mulheres ilustres. Esse foi o caso de Lodovico Domenichi (1515-?), que publicou em 1549 o livro intitulado *La Nobiltà delle donne*, com uma coleção de poemas escritos por mulheres. É possível compreender, assim, que os resgates feitos pelos “defensores” eram uma estratégia com o intuito de valorizar a excelência das mulheres e refutar os “inimigos”, que comumente as consideravam inferiores e incapazes.

2.2 A QUERELA DAS MULHERES

No século XIII, Guillaume de Lorris (1200-1238) escreveu *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), um poema medieval que narra a história de um jovem que encontra um jardim onde uma Rosa está desabrochando, transformando-a rapidamente em um objeto de desejo. O jovem conta com a ajuda de Bel Accueil para enfrentar sentimentos personificados como Danger, Jalousie e Malebouche. A obra possui cerca de quatro mil versos na sua primeira parte, mas não foi concluída por Lorris.

Após cinquenta anos, aproximadamente dezoito mil versos foram acrescentados ao original por Jean Meung (1240-1305), poeta francês, na segunda parte do Romance da Rosa.

²³ One way or another most authors imply that their writings belong to a pioneering movement that aims at revealing the truth and silencing women’s enemies who distort reality because of their envy, hatred, idiocy, pursuit of fame or love disappointment.

Nesta continuação, Meung alterou o tema e introduziu novas personagens, combinando racionalidade e fantasia. O novo autor tratou a primeira parte com ironia e demonstrou um evidente desprezo pelas mulheres na segunda parte, “[...] dando espaço ao amor instintivo e não aos sentimentos, à sensibilidade e à imaginação amorosa” (Souza, 2013, p. 29). Ao afirmar de forma categórica a inferioridade das mulheres, Meung corroborou com o pensamento misógino, principalmente nas universidades. Além disso, “o texto também defendia a superioridade dos acadêmicos e eruditos. Isso fortaleceu ainda mais a ideia do saber como domínio masculino, pois as mulheres foram excluídas destas discussões” (Souza, 2013, p. 30).

O secretário do rei Carlos VI, Jean de Montreuil (1354-1418), chegou a escrever um tratado para Gontier Col, membro do alto clero, defendendo veementemente a segunda parte do romance. Depois, a escritora Cristina de Pizán (1365-1431) enviou uma carta para o Montreuil, juntamente com a obra *Epístolas ao Deus do Amor* (1399). Em seus escritos, Cristina atribuiu a responsabilidade sobre questões relacionadas à paixão a ambos os sexos e refuta as ideias presentes na segunda parte do Romance da Rosa e a defesa feita por Montreuil. Cristina de Pizán nasceu em Veneza e mudou-se para França aos cinco anos de idade. Seu pai, Tommaso di Bevenuto da Pizzano, era astrólogo e médico pessoal do rei francês Carlos V (1364-1380). Cristina foi educada juntamente com as princesas na corte real e recebeu apoio direto de seu pai, que cuidou pessoalmente de sua educação. Ela se tornou uma escritora reconhecida, recebendo significativo apoio da corte francesa.

A fama de Cristina de Pizán e de sua sabedoria se difundiu, sobretudo pelo fato de nobres admiradores seus como Isabel da Bavária, consorte de Carlos VI, presentearem outros nobres com suas obras e devido também à novidade de uma mulher que escrevia. Cristina dedicou e ofereceu algumas de suas obras às pessoas da família real (Souza, 2013, p. 28).

Ao ler os escritos de Cristina de Pizán, Jean de Montreuil não respondeu diretamente, mas se posicionou por meio de três cartas em defesa da segunda parte do *Romance da Rosa*. Ele afirmava que uma mulher com opiniões próprias deveria ser considerada um monstro, fazendo clara referência a Cristina de Pizán. Essa discussão literária, com forte conotação de gênero, foi inicialmente chamada de Querela da Rosa e, posteriormente, passou a ser conhecida como Querela das Mulheres. Todo esse contexto gerou uma rivalidade entre aqueles que defendiam Pizán e eram contrários às ideias presentes na continuidade do *Romance da Rosa*, e aqueles que se alinhavam aos detratores das mulheres e se posicionavam ao lado de Meung.

[...] de um lado os que se posicionaram com Cristina de Pizán e contra o Romance da Rosa, como Jean Gerson, Chanceler da Universidade de Paris e teólogo, a rainha Isabel da Bavária, consorte de Carlos VI e regente da França e Guillaume de Tignonville, orador admirado na corte por seus sermões. Jean Gerson, nos textos Sermão sobre a luxúria, Sermão da Quaresma e Visão contra o Romance da Rosa, atacava o texto de Jean de Meung [...] (Souza, 2013, p. 31).

A discussão em torno do *Romance da Rosa* tornou Pizán conhecida no meio literário e fomentou discussões acaloradas sobre o papel das mulheres na cultura e na sociedade. Souza (2013) observa que, embora seja comum que as pessoas historiadoras atribuam a iniciação da Querela das mulheres a Cristina de Pizán, o debate sobre o papel das mulheres já ocorria antes de seus escritos. O que deu notório destaque a Pizán, principalmente com sua obra *A Cidade das Damas*, publicada em 1405, foi sua reivindicação pela igualdade intelectual entre homens e mulheres. Pizán abordou aspectos como a educação e o valor moral, tratando a diferença dos sexos como um problema social e histórico a ser compreendido e resolvido.

Ao envolver-se na querela, Cristina de Pizán reagiu contra a literatura misógina que havia desde a Antiguidade e que alcançou uma expressão generalizada e autorizada em sua época. Não apenas denunciou este desprezo em relação às mulheres como também a situação de desamparo que elas se encontravam por não terem acesso ao conhecimento formal e à cultura reservada aos homens (Souza, 2013, p. 34).

A Querela das Mulheres permeou os círculos eruditos do Renascimento e continuou a influenciar debates nos séculos seguintes, em países como Itália, França, Inglaterra e Espanha. Esse debate foi aprofundado e trouxe novas perspectivas sobre as capacidades femininas e do valor das mulheres. Na Itália, a Querela das Mulheres evoluiu e recebeu inúmeras contribuições antes de Lucrezia Marinella.

De acordo com King e Rabil Jr. (1999), dentre as contribuições estão os escritos de Cassandra Fedele (1465-1558), uma poeta veneziana, que no final do século XV, se tornou a escritora mais famosa da Europa. Ela foi admitida nas principais comunidades eruditas, até então inacessíveis para as mulheres; e é considerada a primeira escritora independente na Itália, trazendo opiniões próprias sobre questões políticas, morais e filosóficas.

Laura Cereta (1469–1499) é outra escritora que ganhou notoriedade em um espaço ocupado majoritariamente por homens ao argumentar contra a submissão das mulheres no casamento e defender o acesso das mulheres às universidades. Também se destacou a poeta e honesta cortesã²⁴ Tullia d'Aragona (1510-1556), autora da obra *Diálogo sobre a infinidade do*

²⁴ As prostitutas que trabalhavam nas ruas eram diferentes das cortesãs, especialmente de uma classe que se destacou no século XVI: as "honestas cortesãs". Eram mulheres muito cultas, com uma educação refinada,

Amor, publicado em Veneza no ano de 1547, onde discute o conceito de amor, além de colocar a mulher como a principal contestadora da ética amorosa. Além destas mulheres, Tullia d'Aragona enfatizou a igualdade intelectual e sexual entre homens e mulheres.

Moderata Fonte (1555-1592), pseudônimo de Modesta Pozzo, foi a escritora veneziana responsável por publicar na Itália o primeiro poema épico escrito por uma mulher, intitulado *Floridoro* (1581). Nesta obra, defende a capacidade das mulheres de exercerem funções tradicionalmente ocupadas por homens. Em 1600 Fonte publicou *O valor das mulheres*, enfatizando que as mulheres possuem as mesmas capacidades que os homens e, portanto, devem receber uma educação equivalente.

De acordo com Malpezzi e Ristaino (2008), Lucrezia Marinella estava plenamente ciente de que se inseria em um longo debate que se iniciou muito antes de seu nascimento. Ela não apenas tinha consciência disso, mas também leu e citou os escritos de suas antecessoras para escrever suas obras.

Segundo Kelly (1982), a Querela das Mulheres perdurou até a Revolução Francesa e pode ser entendida como a manifestação de um feminismo germinal ou protofeminismo. Há três princípios que embasam tal afirmação: o primeiro consiste no debate intelectual e literário contra a misoginia. Este princípio envolve a luta intelectual e literária contra a discriminação e o preconceito de gênero, consistindo no questionamento das representações negativas e estereotipadas das mulheres presentes na sociedade da época.

O segundo apontamento de Kelly (1982) é acerca da oposição à ideia de "gênero" em relação às capacidades. As mulheres protofeministas se opunham à concepção de que o gênero determinava as capacidades e o valor das pessoas. Elas buscavam desafiar as normas rígidas de gênero que limitavam as oportunidades femininas, defendendo a ideia de que as mulheres eram intelectualmente e moralmente iguais aos homens.

O terceiro ponto fundamenta-se na visão da humanidade como um todo. Este princípio baseia-se na perspectiva das protofeministas de que a igualdade de gênero não era apenas uma questão relativa às mulheres, mas algo que afetava toda a humanidade. Elas argumentavam que a sociedade como um todo se beneficiaria da igualdade de oportunidades e do reconhecimento das capacidades das mulheres, superando as limitações impostas pelos preconceitos.

comparável à das damas da nobreza. Sustentadas por homens ricos ou admiradas por humanistas, que também eram seus amantes. Sua reputação foi construída com base na combinação de cultura e na habilidade requintada de amar. Cf. MARTINS, A. P. V. **Duas honestas cortesãs do Renascimento italiano: interseções da cultura umanista, da escrita de mulheres e da sexualidade no século XVI**. ArtCultura (UFU), v. 14, p. 181-195, 2013.

Investigar a cultura e a sociedade na Itália tardo-renascentista, bem como a educação e produções escritas femininas revela a complexidade e a evolução do papel feminino naquele período histórico. A querela das mulheres é outro aspecto a ser levado em conta durante a pesquisa, considerando que a Itália no contexto estudado foi marcada por uma rica intersecção de transformações políticas, econômicas e culturais, que impactaram diretamente a vida e as oportunidades das mulheres, incluindo a de Lucrezia Marinella. Nesse contexto, a educação e a escrita emergiram como ferramentas substanciais para que as mulheres pudessem expressar suas ideias, desafiar as normas sociais vigentes e reivindicar seu espaço na esfera pública e intelectual.

O debate intenso e prolongado sobre as capacidades e direitos das mulheres que representou a Querela das Mulheres foi fundamental para questionar as visões tradicionais e misóginas da época. Este debate não só destacou as virtudes e capacidades intelectuais das mulheres, mas também promoveu uma reconsideração significativa do papel feminino na sociedade. Escritoras e intelectuais do período, como Marinella, utilizaram suas obras para desafiar as restrições a elas impostas defendendo a igualdade intelectual e a participação ativa das mulheres na vida pública.

Portanto, analisar estes três tópicos inter-relacionados é um exercício primordial para uma compreensão adequada acerca do modo como estão conectados com a vida e escrita de Lucrezia Marinella e, sobretudo, como o Renascimento e o tardo-Renascimento foram períodos de crucial importância para fomentar questionamentos sobre o valor das mulheres e redefinições do seu papel na sociedade.

3 O VALOR DAS MULHERES

Na primeira parte de seu tratado datado de 1600 *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini*, Marinella discorre a respeito da nobreza e excelência das mulheres, dividindo o tema em seis capítulos principais. Antes de apresentar seus argumentos, ela realizou uma reflexão sobre o tratamento que outros autores deram ao assunto. Para Marinella, havia três categorias de escritores: 1) aqueles que exploram uma variedade de temas, dedicados a compartilhar verdades para ampla divulgação, investindo diligência notável na clareza e acessibilidade de suas ideias; 2) autores que, impulsionados pela vivacidade mental, buscavam persuadir com artifícios; e, por fim, 3) o grupo motivado pela inveja, que utilizava a escrita para diminuir as realizações nobres das mulheres. Marinella se identificava com o primeiro grupo, buscando compartilhar com clareza e conhecimento a verdade sobre as mulheres por meio da escrita.

Quanto a mim, desejo seguir o primeiro grupo em meu discurso. Meu desejo é fazer brilhar para todos esta verdade, que o sexo feminino é mais nobre e excelente que o masculino. Espero demonstrar isso com argumentos e exemplos, para que todo homem, por mais teimoso que seja, seja obrigado a confirmá-lo com sua própria boca [...] não sou movida por ódio ou escárnio, muito menos por inveja. Pelo contrário, isso está longe de minha mente, porque nunca quis, nem quero, ser homem, mesmo que viva mais que Nestor. Mas, eu realmente acredito que Aristóteles foi levado por escárnio, ódio ou inveja em muitos de seus livros, a vituperar e caluniar o sexo feminino, assim como em muitas ocasiões ele reprovou seu mestre Platão. Assim, também creio, Giuseppe Passi de Ravenna, quando escreveu seu livro intitulado *Dei donneschi difetti*, embora não saiba se foi movido por inveja, desprezo ou outra coisa. Que Deus o perdoe (Marinella, 1999, p. 40, tradução nossa²⁵).

No enfrentamento das generalizações preconceituosas de Passi sobre as mulheres, Marinella não só rebateu meticulosamente cada um de seus argumentos, mas também demonstrou farto conhecimento de filósofos gregos, utilizando-os para sustentar suas ideias, contestar as de Passi e construir modelos alternativos positivos. Assim, não é surpresa que ela tenha recorrido com frequência às mesmas fontes da tradição clássica utilizadas por Passi.

²⁵ As for myself, I wish to follow the first group in my discourse. My desire is to make this truth shine forth to everybody, that the female sex is nobler and more excellent than the male. I hope to demonstrate this with arguments and examples, so that every man, no matter how stubborn, will be compelled to confirm it with his own mouth [...] I am not moved by hate or scorn, still less by envy. On the contrary, these are far from my mind, because I have never wanted nor do I want nor will I ever want to be a man, even if I should live longer than Nestor.' But I truly believe that Aristotle was led by scorn, hate, or envy in many of his books, to vituperate and slander the female sex, just as on many occasions he reprovod his master Plato." So too, I believe, was Giuseppe Passi of Ravenna, when he wrote his book entitled *Dei donneschi difetti*, though whether he was moved by envy or scorn or something else, I cannot tell. May God forgive him.

Além de responder autores como Passi, que consideravam as mulheres uma espécie à parte, incapazes de raciocínio e do cultivo das virtudes, Marinella examinou minuciosamente a posição das mulheres na sociedade. A autora buscava afirmar que elas são seres políticos, refutando desta forma as motivações históricas de sua exclusão da vida pública. Ademais, confronta diretamente filósofos como Aristóteles e autores como Boccaccio, revelando sua coragem intelectual e firme defesa das capacidades das mulheres. Ela ousou questionar e inverter concepções tradicionais, defendendo a superioridade feminina sobre a masculina. Por meio de uma análise minuciosa, Marinella utilizou exemplos da tradição clássica, cristã, e de autores tardo-medievais e humanistas para construir um argumento sólido em favor da excelência feminina.

Este segundo capítulo examinará os argumentos de Lucrezia Marinella que reivindicavam não só a igualdade, mas a superioridade das mulheres, bem como suas estratégias para ler e apropriar-se de fontes filosóficas e literárias.

Nesse sentido, são detalhadamente examinados os elementos que compõem a argumentação da autora, em particular suas interpretações dos escritos neoplatônicos que a inspiraram, e como ela incorpora essas referências na construção de uma visão alternativa da mulher na sociedade renascentista. A análise enfoca a maneira como Marinella se posicionou diante das normas sociais e culturais vigentes, desafiando-as ao propor uma redefinição do papel feminino. Três tópicos principais que se destacam em seu livro são abordados: a beleza, o equilíbrio entre castidade e vida pública, e a capacidade intelectual das mulheres.

Primeiramente, ao analisar o que Marinella chamou de “elos da corrente de ouro” em sua visão sobre a beleza, o objetivo é compreender como Marinella abordou tal qualidade, que reflete virtudes morais e intelectuais, inserindo-se no debate neoplatônico sobre a beleza da alma. Em seguida, destaca-se a defesa que a autora fez do equilíbrio entre castidade e vida pública, procurando entender como ela argumentou a favor da participação das mulheres na esfera pública sem comprometer a castidade — considerada por Marinella uma virtude moral primordial —, destacando a importância do equilíbrio entre estas duas esferas. Por fim, investiga-se a defesa da capacidade intelectual das mulheres ao passo em que a autora contestou as restrições impostas em relação à educação e ao acesso ao conhecimento, argumentando pela igualdade intelectual entre homens e mulheres.

O objetivo é compreender como Marinella empregou argumentos filosóficos e históricos para desafiar as noções tradicionais sobre a inferioridade feminina e promover uma visão positiva, ativa e mais igualitária a respeito dos lugares das mulheres na sociedade renascentista.

3.1 OS ELOS DA CORRENTE DE OURO: A BELEZA NA PERSPECTIVA DE MARINELLA

De acordo com Costa (2012), durante o Renascimento o corpo humano passou a ser visto e representado como uma morada encantadora para os sentidos, sendo elogiado esteticamente em uma reinterpretação dos diálogos platônicos. Tal valorização do corpo esteve presente no que os estudiosos do período chamaram de “humanismo cristão”, onde o corpo foi reabilitado da marca negativa do pecado e considerado digno de apreciação e deleite estético. As aproximações entre o cristianismo e o platonismo retomam alguns temas dos diálogos platônicos, como a relação entre o corpo e alma enquanto elementos essenciais da natureza humana, sendo a alma a presença divina que requer aperfeiçoamento constante pela religião, pelo conhecimento e pelo amor.

Neste contexto, Marinella explorou a origem e a razão de todo corpo efêmero e mortal estar sujeito aos desígnios da alma, estabelecendo uma relação mútua em que a alma depende do corpo humano numa escala de aperfeiçoamento, sendo este governado pela alma. Ela defendeu que, tanto no platonismo quanto no cristianismo, a alma de homens e mulheres é a mesma, sem haver diferença de natureza, pois ambas compartilham a mesma origem divina. Para fundamentar seu argumento, Marinella citou Moderata Fonte e seu trabalho *Floridoro* (1581), em defesa da igualdade da nobreza entre homens e mulheres ao questionar “[...] e por que se a sua natureza é partilhada, se as suas substâncias não diferem?...” (Fonte, 1581, p. 4 *apud* Marinella, 1999, p. 55, tradução nossa²⁶).

Entretanto, Lucrezia Marinella se distanciou de Fonte e do pensamento de parte dos humanistas quanto à igualdade das almas, propondo que é possível haver almas naturalmente mais nobres e extraordinárias desde o nascimento. Nesta perspectiva hierárquica favorável às mulheres, Marinella sustentou que as almas femininas foram criadas com uma nobreza intrínseca e superior às almas masculinas.

²⁶ [...] and why if their nature is shared, if their substances do not differ?...

Pela minha parte, não concordo com esta opinião. Digo que não é impossível que dentro de uma mesma espécie existam almas desde o nascimento mais nobres e mais excelentes que outras, como escreve o Mestre das Sentenças, Pedro Lombardo. Diante deste fato, eu diria que a alma das mulheres foi criada mais nobre que a dos homens, como se pode verificar pelo efeito que provocam e pela beleza de seus corpos. Que as almas diferem entre si é sabido por muitos, entre eles os poetas, que se inspiram no seu próprio ardor, que lhes revela os segredos mais elevados e misteriosos da natureza e do bem supremo (Marinella, 1999, p. 55, tradução nossa²⁷)

Fazendo uma interpretação muito própria do escolástico medieval Pedro Lombardo (1100-1160) e do neoplatonismo, Lucrezia Marinella instaurou a hierarquia de gênero das almas. Segundo ela, a nobreza da alma se refletia na excelência do corpo, que, como um espelho, revelava as qualidades e a beleza da alma. Para Marinella, o corpo feminino "manifestava em si mesmo" o caráter e a beleza da alma. Na sua ótica, a elevada nobreza e dignidade do corpo feminino se revelam através de sua delicadeza, temperatura moderada e beleza, que se expressa pela graça ou esplendor. Marinella ressaltou que a beleza é, sem dúvida, um raio de luz proveniente da alma, que igualmente ilumina o corpo, utilizando uma linguagem e imagística neoplatônica:

Quanto mais bela a mulher, mais afirmam que é a sua alma que confere graça e encanto ao seu corpo. Petrarca demonstra isso mil vezes, principalmente quando fala dos olhos de Madonna Laura, ou melhor, de seus dois sóis brilhantes. Ele escreve: Minha nobre senhora, vejo no movimento dos seus olhos uma doce luz que me mostra o caminho que leva ao céu (Marinella, 1999, p. 57, tradução nossa²⁸)

Marinella (1999, p. 58, tradução nossa²⁹) prosseguiu ao escrever acerca de sua percepção neoplatônica da beleza:

²⁷ For my part, I do not agree with this opinion. I say that it is not impossible that within the same species there should be souls that are from birth nobler and more excellent than others, as is written by the Master of Sentences, Peter Lombard. Given this fact, I would say that women's souls were created nobler than men's, as can be seen from the effect they have and from the beauty of their bodies. That souls differ among themselves is known by many, among them poets, who are inspired by their own ardor, which reveals to them the highest and most mysterious secrets of nature and the supreme good.

²⁸ The more beautiful the woman, the more they affirm that it is her soul that renders grace and loveliness to her body. Petrarch demonstrates this a thousand times, especially when talking of Madonna Laura's eyes, or rather, her two bright suns. He writes: My noble lady, I see in the movement of your eyes a sweet light that shows me the way that leads to heaven.

²⁹ If we take our reasoning further, we will see that God, the stars, the sky, nature, love, and the elements are the origin and source of beauty, Beauty, the home of the graces and of love, is dependent on the supernal light. Platonists affirm that it is an image of divine beauty.

Se levarmos mais longe o nosso raciocínio, veremos que Deus, as estrelas, o céu, a natureza, o amor e os elementos são a origem e a fonte da beleza. A beleza, morada das graças e do amor, depende da luz celestial. Os platônicos afirmam que é uma imagem da beleza divina com as palavras: A beleza externa é a imagem da beleza divina.

Alinhando-se com os escritores, poetas e filósofos neoplatônicos renascentistas, Lucrezia Marinella sustenta que a beleza é divina. Ela argumentou que, se as mulheres superam os homens em beleza — em contraste com a rudeza e a falta de refinamento masculinos —, não haveria razão para contestar que as mulheres são mais notáveis e dignas. Para Marinella, a beleza feminina era um espetáculo admirável e um milagre digno de respeito, apesar de frequentemente não ser reconhecida pelos homens. Ela foi além, afirmando que os homens são naturalmente compelidos a amar as mulheres, enquanto as mulheres não têm a obrigação de retribuir esse amor, exceto por mera cortesia.

Digo que comparado às mulheres todos os homens são feios. Eles não seriam amados pelas mulheres se não fosse pela nossa natureza cortês e benigna, para a qual parece descortês não amar um pouco os nossos admiradores masculinos (Marinella, 1999, p. 63, tradução nossa³⁰)

Indo além em seus argumentos de origem platônica, escolástica e neoplatônica, a autora veneziana afirmou que a beleza feminina teria o dom de elevar os homens à compreensão e contemplação da essência divina. De acordo com Price e Ristaino (2008) Marinella anteviu um tempo em que essas ideias seriam amplamente aceitas, e os obstinados detratores e opressores das mulheres, que degradavam a dignidade feminina com crescente insolência, seriam derrotados pela razão e pela sabedoria. Segundo Marinella, era inegável que as qualidades encantadoras e os rostos delicados das mulheres compeliavam os homens a se apaixonarem por elas, muitas vezes contra sua própria vontade. Ela considerou isso uma afirmação fácil de sustentar, pois a beleza é intrinsecamente amável e verdadeiramente merecedora de amor.

Lucrezia Marinella também destacou a sublime criação da beleza feminina no mundo, descrevendo os semblantes radiantes das mulheres como a essência da graça paradisíaca, incitando o amor dos homens por essa beleza. Contudo, faz uma observação na via oposta: para ela, a natureza não favorece a atração pelo que é menos belo (ou até mesmo feio). Ou seja, as

³⁰ I say that compared to women all men are ugly. They would not be loved by women were it not for our courteous and benign natures, to which it seems discourteous not to love our male admirers a little.

mulheres não seriam compelidas da mesma maneira a amar os homens, uma vez que, em sua perspectiva, todos os homens careceriam de atratividade, e a acusação de crueldade e ingratidão contra as mulheres é um equívoco originado do preconceito masculino. Em sua visão, a verdade residiria no fato de que a beleza feminina serve como um guia para o conhecimento de Deus e da suprema sabedoria. As fontes lidas por Marinella a levaram, desta forma, a formular uma definição filosófica da beleza feminina, refutando os temores tão antigos de que essa beleza levaria os homens à perdição.

Mas desejo ir mais longe e mostrar que os homens são obrigados e forçados a amar as mulheres, e que as mulheres não são obrigadas a retribuir o seu amor, exceto apenas por cortesia. Desejo demonstrar também que a beleza da mulher é o meio pelo qual os homens, criaturas moderadas, conseguem elevar-se ao conhecimento e à contemplação da essência divina. Todo mundo será enganado um dia, vincados destas questões, e os obstinados opressores das mulheres que a cada dia pisoteiam a sua dignidade com maior insolência serão vencidos. É muito claro que as qualidades agradáveis e os rostos encantadores e delicados das mulheres forçam e obrigam os homens a se apaixonarem por elas contra a sua vontade (Marinella, 1999, p. 62, tradução nossa³¹).

Marinella sugeriu que a beleza das mulheres é tão poderosa que até mesmo homens moderados seriam irresistivelmente atraídos por elas, muitas vezes contra sua vontade. Isso implica que a beleza feminina não só teria um impacto físico, mas uma influência espiritual e intelectual que conduziria os homens a uma aproximação da divindade. Ao afirmar que os "obstinados opressores das mulheres" seriam eventualmente derrotados, Marinella desafiou a dominação masculina e defende a dignidade e o poder das mulheres. Tal perspectiva revela a visão de Marinella sobre a superioridade feminina e sua capacidade de influenciar e elevar os homens, não apenas por meio de sua beleza exterior, mas também por meio de sua essência divina.

Lucrezia Marinella recorreu ao conceito filosófico de "causa" para construir a metáfora da corrente de ouro, que representa a ascensão da beleza. Ela definiu o primeiro círculo dessa corrente como a beleza corporal, que [é apreciada pelos sentidos externos e proporciona um prazer moderado. No entanto o verdadeiro encanto, para Marinella, residiria na beleza interior da alma, que molda o corpo belo e constitui o segundo círculo da corrente. Neste estágio, a mente, ávida por uma beleza mais profunda, é quase inflamada pelo amor. O terceiro elo

³¹ But I wish to go further and show that men are obliged and forced to love women, and that women are not obliged to love them back, except merely from courtesy. I also wish to demonstrate that the beauty of women is the way by which men, who are moderate creatures, are able to raise themselves to the knowledge and contemplation of the divine essence. Everybody will be convinced of these matters one day, and the obstinate oppressors of women who trample on their dignity with greater insolence each day will be overcome.

impulsionaria, por fim, a comparação entre as belezas terrenas e celestiais, elevando os pensamentos em direção ao Céu. Segundo a argumentação da autora, seria através desse processo que se alcançaria a contemplação espiritual, onde a alma encontra deleite e felicidade ao se aproximar de Deus.

É notável a referência ao *Banquete* (380 a.C.) de Platão na metáfora da ascense da beleza (ou ascense do amor). Na obra de Platão, a metáfora da escada é utilizada para representar a jornada do Amor em direção ao Belo devido à sua natureza ideal. Assim como uma escada é subida degrau por degrau, o processo de aperfeiçoamento do Amor é descrito como uma ascensão gradual, onde o amante transcende os aspectos mais materiais e sensíveis da beleza para alcançar a contemplação das formas mais elevadas e ideais.

Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos belos ofícios para as belas ciências, até que das belas ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo (Platão, 1991, p. 211).

A metáfora da escada, conforme descrita por Platão (1991), simboliza a ascensão da beleza do particular ao universal, do sensível ao intelectual, culminando na apreensão da Ideia de Beleza em si mesma. Platão propõe que o amor, mediado por Eros (um *Daimon* que conecta o mundo humano ao divino), busca manter a harmonia cósmica. O amante inicia sua jornada apreciando a beleza física, depois amplia sua visão para a beleza em todos os seres humanos e para a beleza das almas e das práticas éticas. Em seguida, ele ama as instituições justas e harmoniosas, e, finalmente, busca o conhecimento puro e a compreensão das essências, simbolizadas pelo amor à Ideia de Amor.

Essa jornada, embora reconheça a importância do amor físico, visa a união com a origem do Ser e expressa uma doutrina divina do amor. Segundo Dialetti (2004), em uma sociedade profundamente cristã e fascinada pela expressão estética da beleza pelo engenho artístico e poético, concepções como a jornada da alma em direção a Deus através da contemplação da beleza foram muito bem acolhidas nos meios cultos e artísticos renascentistas. Desde o século XV escritores adotaram o formato literário dos diálogos platônicos. Foi o filósofo e teólogo florentino Marsilio Ficino (1433-1499), ainda no século XV, o pioneiro a cunhar o termo “amor platônico” para descrever o conceito de amor espiritual de Platão, integrado à noção de alma e de ascense cristã.

Segundo Araújo (2008), em 1462 Ficino assumiu a liderança da Academia Platônica, localizada na Vila Medici, em Careggi, com o apoio da poderosa família Médici. Ficino dedicou-se à tradução completa das obras de Platão, publicada em 1484, bem como das obras do neoplatonista Plotino, do século III. Entre seus trabalhos mais significativos está sua análise do *Banquete* (380 a.C.) de Platão, apresentada em *De amore: commento al Banchetto di Plato*. Nesta obra, Ficino buscou integrar os ensinamentos platônicos com a teologia cristã, proporcionando uma nova interpretação do amor platônico. Para ele, a forma mais elevada de amor humano é a comunhão fundamentada no amor da alma por Deus. Esta interpretação dos diálogos platônicos serviu de base para uma série de diálogos e tratados sobre o amor que emergiram a partir do século XVI.

No entanto, as teorias sobre o amor tomaram diferentes direções. Alguns pensadores, como Pietro Bembo (1470-1547) em *Gli Asolani* (1505), rejeitaram o aspecto sensual do amor, reconhecendo apenas os sentidos espirituais da visão e da audição. Em contraste, outros argumentavam que o amor exigiria o completo envolvimento de todos os sentidos. Essa última abordagem é refletida na obra *Dialoghi d'amore* (1535) de Leão Hebreu (1460-1530), que, assim como Ficino, explorou profundamente o tema do amor sob uma perspectiva filosófica e religiosa. Hebreu discutiu as várias formas e manifestações do amor, desde o amor platônico até o amor humano e o divino, examinando a natureza do desejo, o papel da razão e das emoções, e sua relação com a busca espiritual (Araújo, 2004).

Todos os autores anteriormente mencionados foram referenciados por Marinella. Ficino foi citado cinco vezes; Bembo, uma vez; Platão, vinte e seis vezes; e Leão Hebreu, duas vezes. Essas referências evidenciam o vasto conhecimento de Marinella sobre os debates e comentários relacionados ao amor, à beleza e ao divino, destacando especialmente a influência do pensamento neoplatônico florentino. Embora os autores tenham impactado profundamente seus escritos, Marinella oferece uma interpretação distinta dos mesmos temas e conceitos.

A primeira alteração introduzida por Marinella é a substituição da metáfora da escada pela corrente de ouro. Enquanto a escada sugere que cada degrau é independente do anterior, a metáfora da corrente de ouro destaca a interconexão dos estágios de ascese e da fruição estética. Esse modelo enfatiza a continuidade e causalidade entre os diferentes níveis de beleza e conhecimento, proporcionando uma explicação mais integrada e fluida do processo ascensional.

Eu não chamaria simplesmente a beleza de escada. Acredito que seja a corrente de ouro, que sempre pode elevar as mentes em direção a Deus e nunca pode, por qualquer motivo, ser arrastada para a terra. Isto porque a beleza, não sendo terrena, mas divina e celeste, eleva-nos sempre a Deus, de quem provém (Marinella, 1999, p. 66, tradução nossa³²).

Segundo Marinella, a apreciação da beleza física nas mulheres estaria ligada à apreensão da beleza interior, que é moldada pela alma excepcional. Essa percepção da beleza interior, por sua vez, conduziria à contemplação de Deus. Também se faz necessário destacar uma questão que Marinella considerou inabalável: a superioridade da beleza feminina sobre a masculina, uma visão que a distingue claramente da abordagem de Platão. Enquanto o filósofo grego concentrou sua atenção na beleza masculina e evita classificar a beleza por gênero, Marinella seguiu um caminho distinto, afirmando a primazia da beleza feminina em seu próprio contexto.

Acredito que através do meu raciocínio demonstrei claramente que a beleza de um rosto encantador, acompanhada de uma aparência graciosa, orienta cada homem ao conhecimento de seu criador. Que dom e que dote têm estas mulheres, e em que abundância, para que com a sua beleza possam elevar a mente dos homens a Deus! Quem poderia te elogiar o suficiente, rico tesouro do mundo? Confesso que se eu falasse tantas línguas quantas as folhas das árvores na risonha primavera, ou os grãos de areia na estéril e infértil Líbia, nunca conseguiria cantar-vos louvores suficientemente. A sua beleza não apenas eleva as mentes frias a Deus, mas também torna humilde e manso até o coração mais rude e obstinado. O que mais? Ah, maravilha! Adorna os primitivos com hábitos agradáveis, torna os tolos prudentes e sábios e, em suma, levou todos os poetas a escrever versos sobre a beleza das mulheres (Marinella, 1999, p. 67, tradução nossa³³).

Esta passagem, que quase se assemelha a um hino às mulheres, revela uma diferença filosófica substancial entre os escritos de Marinella e *O Banquete* (380 a.C.). Platão não aborda o modo como alguém que possui beleza vem a reconhecê-la. Marinella, contudo, foca na consciência que as mulheres devem ter sobre sua própria beleza. Para ela, é essencial que as mulheres reconheçam o valor ético e espiritual de sua beleza, pois isso as capacita a responder

³² I would not merely call beauty a staircase. I believe it to be the golden chain referred to by Homer that can always raise minds toward God and can never, for any reason, be dragged down toward earth. This is because beauty, not being earthly but divine and celestial, always raises us toward God, from whom it is derived.

³³ I believe that through my reasoning I have clearly demonstrated that the beauty of a lovely face, accompanied by a graceful appearance, guides every man to the knowledge of his maker. What a gift and what a dowry these women have, and in what abundance, that with their beauty they can raise men's minds to God! Who could ever praise you enough, rich treasure of the world? I confess that if I spoke as many languages as there are leaves on the trees in the laughing springtime, or grains of sand in sterile and infertile Libya, I could never begin to sing your praises sufficiently. Not only does your beauty raise cold minds to God, but it renders even the most crude and obstinate heart humble and meek. What more? Oh marvel! It adorns the primitive with pleasing habits, renders the foolish prudent and wise, and in short has moved every poet to write verses to women's beauty.

às críticas de detratores como Passi. Desta forma, a beleza feminina é vista como um reflexo da nobreza e da excelência das mulheres.

O autoconhecimento, alimentado pela consciência da própria beleza, capacita as mulheres a adquirirem um entendimento mais elevado de Deus, fundamental na construção do argumento sobre sua nobreza e excelência. Esta perspectiva introduz uma dimensão reflexiva não explorada nos diálogos platônicos e neoplatônicos sobre a respeito da autodescoberta e o reconhecimento da beleza. Marinella destacou que a proximidade com a perfeição tanto do corpo quanto da alma resulta em ações mais nobres e excelentes. Ela observou que a beleza das mulheres, manifestada em “[...] sua carne macia e delicada, pela sua cor pálida misturada com vermelhidão e, finalmente, [em] toda a composição do seu corpo” (Marinella, 1999, p. 78, tradução nossa³⁴) serve como um sinal de bondade e virtude, afirmando que o corpo é um abrigo adequado para estas.

Cabe ressaltar que, de acordo com Duby e Perrot (1991), o alcance da beleza física exigia uma fórmula rígida, exigindo das mulheres grandes esforços e gastos para atender aos padrões estéticos quase invariáveis ao longo de todo o período moderno. O ideal estético consistia em características específicas: pele clara, rosto oval e simétrico, olhos grandes e expressivos, lábios carnudos, bochechas vermelhas, testa alta e sobrancelhas escuras. Esperava-se que o pescoço e as mãos fossem longos e finos, os pés pequenos e a cintura graciosa. Além disso, os seios deveriam ser firmes, redondos e de tom claro, com mamilos rosados. A cor dos olhos variava conforme a região (os franceses, por exemplo, aceitavam o verde, enquanto os italianos preferiam o preto e o marrom).

Ademais, Umberto Eco (2010) ressalta que, durante a Renascença Italiana, o ressurgimento do interesse pela Antiguidade Clássica, através da redescoberta das obras gregas e romanas, exerceu uma grande influência sobre a cultura da época. O movimento humanista, que promovia a excelência humana e a busca pelo conhecimento, valorizava a harmonia, a proporção e a idealização do corpo humano. A religião cristã também desempenhou um papel importante, com seus ideais de pureza, virtude e modéstia contribuindo para a padronização da beleza. Igualmente, tradição literária neoplatônica contribuiu para a construção de um modelo feminino de beleza, associada à saúde, juventude e pureza, refletindo os ideais da época e, sobretudo relacionando a beleza à divindade.

³⁴ [...] can be seen from their soft and delicate flesh, their pale color mixed with vermilion, and finally from the whole composition of their body, a fitting shelter for kindness and virtue.

Marinella adotou um padrão de beleza rígido. Ela não abordou diretamente se as mulheres que não se conformassem com o padrão mencionado seriam consideradas menos virtuosas ou capazes de alcançar uma conexão espiritual com Deus. A questão de se as mulheres que não atendessem ao modelo ideal de beleza pudessem despertar o mesmo desejo de aperfeiçoamento, como o movimento dinâmico do amor descrito por Platão, não foi explicitamente discutida por Marinella. Embora possamos supor que seria mais desafiador para essas mulheres inspirarem e alcançar a perfeição, Marinella ainda considerou que, de maneira geral, as mulheres são mais belas e mais próximas de Deus do que os homens.

Nesse sentido, é possível compreender que os diálogos neoplatônicos tardo-renascentistas desenvolveram a inter-relação entre amor e beleza, conforme expresso pela primeira vez por Platão n’*O Banquete*: o filósofo descreve o amor como um efeito da beleza sobre o espectador e a beleza física como a manifestação externa da beleza interior. Nessa elaboração conceitual, o amor pela beleza representa o amor pela bondade e, portanto, movimento de ascensão da alma em direção a Deus.

Marinella, ao explorar a beleza feminina, também se debruçou sobre o papel dos ornamentos e adornos. Sua análise metódica explora as diversas maneiras pelas quais as mulheres eram enaltecidas e adornadas, revelando uma complexa interação entre a expressão estética e os valores culturais da época. A análise de Braga (2011) destaca as transformações significativas nas vestimentas durante os séculos XIV e XV, quando a manufatura têxtil avançou consideravelmente. Cidades italianas como Veneza, Florença, Milão, Gênova e Luca desempenharam um papel importante na produção de tecidos de alta qualidade, como brocados, veludos, cetins e seda. Este período de prosperidade nas cortes europeias levou ao estabelecimento de uma forte identidade cultural que se refletiu, entre tantos outros aspectos, no vestuário e na ornamentação com joias. Braga (2011) também afirma que, inicialmente, as cortes italianas ditaram a moda, mas igualmente foram influenciadas por estilos e modas de vestuários de outras regiões da Europa, como os Países Baixos, com sua rica produção de tecidos e ornamentos, fenômeno que criou certa diversidade na moda articulada às inovações culturais.

Nos cabelos foram usados adornos como redinhas, pérolas e tranças enroladas sobre a cabeça. Um grande costume foi acentuar a testa esticando bem os cabelos para trás e até mesmo raspando mais próximo ao alto da face. Era comum o uso de muito perfume sobre o corpo, luvas, meias e sapatos. Usavam também joias, como correntes pesadas e pedras preciosas [...] especialmente para a moda feminina era comum o uso do decote acentuado, que com o passar do tempo deu lugar ao rufo bem rente ao pescoço. O rufo se assemelhava a uma enorme roda, em tecido fino e engomada, que cresceu tanto que atingiu proporções inimagináveis. O rufo tinha significado de prestígio social. Era normalmente branco e podia muitas vezes ser adornado com rendas brancas. Com relação ao rufo, ele evoluiu se transformando em outro tipo de gola, também branca e rendada, em uma “espécie de esplendor” contornando a parte de trás da cabeça e com uma abertura frontal que valorizava o decote, principalmente para as mulheres, essa foi a gola Médici (Teixeira, 2015, p. 121 *apud* Braga, 2011, p. 47).

Marinella escreveu que os ornamentos eram predominantemente associados às mulheres, com exceção dos governantes. Para homens comuns, o uso de adornos extravagantes, como roupas de fios de ouro, era visto como um sinal de frivolidade e efeminação. Ela também mencionou que essas práticas ornamentais tinham raízes na Antiguidade, referindo-se a decretos e leis romanas que regulamentavam o uso de adornos e vestimentas:

Outras indicações de honra são os ornamentos concedidos às mulheres, que podem vestir-se de púrpura e tecidos de ouro com diversos bordados decorados com pérolas e diamantes, e adornar suas cabeças com belos ornamentos de ouro e esmaltes mais finos e pedras preciosas. Estas coisas são proibidas aos homens, exceto aos governantes. Se qualquer outro homem ousasse vestir-se com roupas de ouro ou algo semelhante, seria ridicularizado e apontado como leviano ou um verdadeiro bufão. Foram os antigos que concederam esses ornamentos às mulheres. Os romanos, em particular, fizeram decretos e leis sobre o assunto. Os ornamentos foram proibidos às mulheres pela lei Oppiana devido à necessidade urgente de dinheiro durante a guerra contra Cartago, mas quando a guerra terminou as mulheres tiveram permissão para usar ornamentos mais uma vez (Marinella, 1999, p. 70, tradução nossa³⁵).

De acordo com King (1991) a questão também foi tratada com muita reserva e censura em determinados momentos. São Bernardino de Siena (1380-1444) pregou no século XV pelo decoro no vestuário feminino e instruiu as mulheres a obedecerem às regras determinadas pela classe social: “o que convém a uma não é permitido a outra”. A autora explica que o pregador franciscano foi responsável por afirmar que as distinções de status aparecem nos astros celestes,

³⁵ Further indications of honor are the ornaments bestowed on women, who are permitted to dress themselves in purple and cloth of gold with diverse embroideries decorated with pearls and diamonds, and to adorn their heads with pretty gold ornaments and finest enamel and precious stones. These things are forbidden to men, apart from rulers. If any other man dared to dress himself in cloth of gold or such like, he would be mocked and pointed out as light-minded or a downright buffoon. It was the ancients who bestowed these ornaments on women. The Romans in particular made decrees and laws about it. Ornaments were forbidden to women under the Oppian law because of a most urgent need for money during the war against Carthage, but when the war ended women were allowed ornaments once more.

nos animais, flores e entre homens e mulheres: cada um deve exibir sua posição com o vestuário e adornos compatíveis com seu status social e demonstrar contentamento com sua sorte.

Mesmo as mulheres que refletiam adequadamente a riqueza dos seus maridos, podiam ser criticadas por ostentação excessiva. O propósito do traje da esposa era anunciar e realçar a imagem do marido; em excesso, anunciava apenas o seu próprio orgulho culpado. Em todos os lugares durante os séculos da Renascença, a legislação suntuária impôs limites ao estilo, à qualidade e ao custo do vestuário feminino (King, 1991, p. 54, tradução nossa³⁶).

Segundo Jackson (2010), o conceito de decoro tornou-se mais sensível nos discursos e pregações através das chamadas "leis suntuárias". Essas leis desempenharam um papel central no controle social em cidades italianas, particularmente em relação às mulheres da aristocracia. As vestimentas dessas mulheres eram consideradas símbolos de sua riqueza e status pessoal, bem como da posição social de suas famílias. Mesmo que expansão da riqueza tenha facilitado o acesso a tecidos e objetos luxuosos, a legislação frequentemente visava proibir novas formas de vestuário e, ao mesmo tempo, arrecadar fundos para os cofres estatais.

A obsessão em regulamentar o vestuário na arena pública era comum à maioria das cidades-estados renascentistas, uma vez que o vestuário era o principal meio de evocar a auto apresentação e o poder; sinalizou posição social e profissional, lealdade política e riqueza (Jackson, 2010, p. 453, tradução nossa³⁷).

Jackson ressalta que o status de uma mulher era perceptível quando ela caminhava pelas ruas da cidade, onde seus concidadãos a observavam atentamente e ela estava sujeita a possíveis críticas em relação às suas roupas. Em um contexto de crescente influência religiosa, especialmente com a implementação das "leis suntuárias", Dialetti (2004) ressalta que a virtude da castidade feminina se tornou um pilar essencial para a coesão familiar, resguardando a pureza da linhagem e moldando a reputação pública da residência, inclusive por meio das vestimentas femininas. Dialetti (2004) igualmente enfatiza que as mulheres eram obrigadas a adotar um estilo de vida discreto, em conformidade com sua posição social e os valores vigentes na comunidade. A conduta casta se manifestava não apenas na aparência externa, mas também

³⁶ Even women who adequately reflected their husbands' wealth could be criticized for excessive ostentation. The purpose of a wife's attire was to announce and enhance her husband's image; in excess, it merely announced her own guilty pride. Throughout the Renaissance centuries, sumptuary legislation imposed limits on the style, quality, and cost of women's clothing).

³⁷ The obsession with regulating clothing in the public arena was common to most Renaissance city-states, as clothing was the primary means of evoking self-presentation and power; it signaled social and professional status, political loyalty, and wealth.

nas ações cotidianas. Aqueles que se desviavam das normas estabelecidas pela sociedade local enfrentavam críticas. Despesas excessivas com roupas, joias ou produtos de beleza eram também interpretadas como falta de castidade e expressão de vaidade e ameaça à estabilidade financeira da família.

Tais argumentos foram frequentemente levantados por escritores críticos das mulheres, especialmente por Giuseppe Passi em sua obra *I donneschi Diffetti* (1599). Passi destaca as consequências negativas do luxo feminino para a dinâmica familiar e estabilidade política. Ele questionava a validade do esforço do marido em prover financeiramente a família se a esposa se mostrasse excessivamente preocupada com ostentação e luxo dos adereços. Além disso, Passi levantou dúvidas sobre a eficácia da transmissão de poder do marido, se a esposa o desperdiçasse em roupas e acessórios extravagantes. Assim, o autor argumentava que essas atitudes contribuíam significativamente para desordens e dificuldades enfrentadas tanto no âmbito doméstico quanto no político. Em seu livro, Passi dedicou um capítulo inteiro a criticar e condenar os gastos excessivos das mulheres em vestuário, adornos e produtos de beleza.

Em contrapartida, Marinella afirmou que, graças à beleza, as mulheres deviam se adornar, argumentando que os Padres da Igreja, cujas doutrinas Passi utilizou para criticar o adorno feminino, não condenaram as mulheres por "enfeitarem-se e embelezarem-se", exceto quando tal cuidado se tornasse excessivo. Ela afirmou que até mesmo a esposa de um açougueiro ou carregador deveria enfeitar-se e circular pelas ruas de Veneza para realçar sua beleza e dignidade. Marinella ressaltava que a condição do marido, mesmo que ele estivesse malvestido, seria irrelevante; é a beleza da mulher que deveria ser destacada por meio de adornos, pois é ela quem possuiria essa qualidade.

Num primeiro momento, pode parecer uma anomalia surpreendente ver a esposa vestida como uma dama e o marido de forma tão desprezível que frequentemente parece ser seu servo ou mordomo, mas se considerarmos a questão adequadamente, encontraremos que é razoável porque é necessário que uma mulher, mesmo que seja humilde e simples, seja adornada dessa maneira por causa de sua dignidade e excelência naturais, e para o homem ser menos assim, como um servo ou besta nascida para servi-la (Marinella, 1999, p. 71, tradução nossa³⁸).

King (1991) entende que os adornos do corpo da mulher eram comumente considerados expressão do status da figura masculina, geralmente do marido: roupas e joias

³⁸ At first it may seem an astonishing anomaly to see the wife dressed like a lady and the husband so basely that he often appears to be her servant or butler, but if we consider the matter properly, we find it reasonable because it is necessary for a woman, even if she is humble and low, to be ornamented in this way because of her natural dignity and excellence, and for the man to be less so, like a servant or beast born to serve her.

eram sinais de sua posição social. Entretanto, Marinella não via os ornamentos e adornos femininos enquanto sinais de poder e status social do homem, mas sim como sinal da nobreza e notoriedade da mulher. Nesse sentido, é possível inferir que, para Marinella, os adornos e vestimentas eram símbolos de sua beleza interior, de sua inteligência e de sua dignidade. Ela via esses adornos como uma materialização da beleza. Marinella sustentava que as mulheres tinham o direito de se vestirem com elegância e de usarem joias e enfeites como uma extensão de sua própria identidade. Para a veneziana, os adornos eram símbolos de autoestima e autoexpressão, em vez de mera vaidade, como sugerido por textos antigos e renascentistas. Marinella refutou as críticas que associavam o uso de adornos à superficialidade feminina a partir do argumento de que as mulheres poderiam ser intelectualmente brilhantes e socialmente ativas, independentemente de suas escolhas de vestuário; e que o luxo não era um problema moral, mas um indicativo das qualidades das mulheres.

Era desta forma que Lucrezia Marinella via os adornos das mulheres como uma parte importante de sua expressão pessoal e de sua identidade e defendia, portanto, o direito de as mulheres escolherem como se apresentar ao mundo sem que isso afetasse sua integridade ou capacidade intelectual. Na segunda parte de sua obra, a autora destinou um capítulo à vaidade e ao narcisismo dos homens.

Quantos passam três ou quatro horas por dia penteando os cabelos e se lavando com aquelas bolas de sabão vendidas pelos charlatões na praça? Não falemos nem do tempo que passam a perfumar-se e a calçar os sapatos e a blasfemar contra os santos porque os seus sapatos são pequenos e os seus pés são grandes, e querem que os seus pés grandes entrem nos sapatos pequenos. Que ridículo! (Marinella, 1999, p. 168, tradução nossa³⁹).

Ela zombou dos artifícios que eles empregavam para parecerem bonitos. Essa prática de Marinella de criticar o narcisismo masculino desafiava as fórmulas narrativas que costumavam focar unicamente nas vaidades femininas. Ela não apenas apontou os vícios tradicionalmente associados aos homens, como brutalidade, ira, obstinação, ingratidão e inconstância, mas também criticou seus luxos excessivos, característica geralmente atribuída às mulheres. Neste sentido, os adornos foram vistos por Marinella como um meio material para

³⁹ How many spend three or four hours each day combing their hair and washing themselves with those balls of soap sold by mountebanks in the piazza: Let us not even mention the time they spend perfuming themselves and putting on their shoes and blaspheming against the saints because their shoes are small and their feet are big, and they want their big feet to get into their small shoes. How ridiculous!

evidenciar e realçar a beleza feminina, em vez de serem considerados meros artifícios de uma debilidade moral.

Marinella também afirmou que as mulheres são adornadas com os mais belos nomes. Apoiada numa sólida tradição filosófica, os termos utilizados para designar coisas e seres revelam suas essências, conforme respaldado pelo livro VIII da *Metafísica* de Aristóteles. Os nomes, portanto, não seriam escolhidos aleatoriamente, como alguns poderiam supor, mas sim com grande cuidado, influenciados por uma inspiração divina que orienta a mente do responsável pela nomenclatura a atribuir um nome específico aos homens e às mulheres. Marinella afirmava que essa prática deu origem a uma inédita arte ou disciplina, denominada *Onomancia*, que busca prever o destino ou as características de personalidade a partir do nome da pessoa — uma ideia com raízes antigas em várias culturas. Desta forma, o nome de alguém poderia influenciar ou refletir aspectos de sua vida futura, ou traços de personalidade. Nesse sentido, a autora enfatizou que os nomes não apenas desvendariam e autenticariam a essência e a influência do nomeado, mas também as qualidades divinas. Em sua percepção, quanto mais respeitável e ilustre o nome, mais distinto e impressionante é o objeto que representa.

Quem negará que o sexo feminino é adornado com nomes mais dignos e ilustres do que o sexo masculino? Ninguém, em minha opinião. Consideremos a força dos nomes que tornam o sexo anterior digno de honra. Eles são cinco em número, tiradas de línguas diferentes, e todas nobres: Donna, Femina, Eva, Ischia e Mulier (Marinella, 1999, p. 45, tradução nossa⁴⁰).

Marinella iniciou pela palavra *Donna*, de origem latina, *domina*, significando “senhora”. Ela explorou a conotação histórica do termo, afirmando que a palavra tem associações com o poder e autoridade régia. Para embasar seus argumentos Marinella recorreu à biografia de Licurgo (c. 96 d.C. e 117 d.C.), escrita por Plutarco, que relatava que o termo espartano para mulheres se traduzia como “senhora”. Ela também mencionou o imperador Cláudio César (10 a.C. - 54 d.C.), que reconhecia a excelência das mulheres e se referia à sua esposa como “sua senhora”, e o imperador Adriano, que adotou a mesma prática.

⁴⁰ Who will ever deny that the feminine sex is adorned with worthier and more illustrious names than the masculine sex? Nobody, in my opinion. Let us consider the strength of the names that render the former sex worthy of honor. They are five in number, taken from different languages, and all noble: Donna, Femina, Eva, Ischia and Mulier.)

O nome "donna" é tão nobre que grandes reis e duques o usam. Don Cesare d'Este, duque de Modena, Don Vincenzo Gonzaga e Filipe da Espanha se unem aos poetas para reconhecer a excelência do nome e atribuir ele a deuses e outros símbolos de domínio ou senhorio (Marinella, 1999, p. 46, tradução nossa⁴¹).

Outro nome latino, *Femina*, era tão distinto e elevado que poucos nomes poderiam se comparar a este para Marinella. Ela explicou que a origem vem do termo grego "*phos*" se traduz como "fogo". Para a autora, o fogo seria uma das coisas mais belas e úteis no mundo, considerando que dele surgem o calor e o brilho. Para a autora, poucas coisas seriam mais importantes que o calor, e poucas mais belas e úteis que a luz. Ela citou, para fundamentar seus argumentos, Boccaccio (1313-1375) e Torquato Tasso (1544-1595), escritores que em determinados textos exaltam a nobreza de tais nomes.

O mais antigo nome que a escritora também discutiu é *Eva*. Marinella afirmou que este nome carrega consigo o significado profundo de "vida". Para ela era evidente que este nome possuía uma qualidade nobre e extraordinária, já que toda ação emana da própria vida. Portanto, seria apropriado que tal nome fosse reservado ao gênero feminino, uma vez que é ele quem dá vida aos seres humanos. Marinella enfatizou que o nome Eva personificaria a máxima perfeição, sendo mais nobre que Donna e Femina. É interessante lembrar o quanto Marinella se afastava da tradição doutrinária e teológica cristã, na qual o nome de Eva era constantemente associado ao Mal, à ambição, à desobediência e ao pecado original.

O nome *Isciah* também compartilharia o significado de "fogo" com *Femina*, mas com uma natureza bastante distinta do primeiro. Este fogo seria sagrado, divino e inalterável. Sua função estaria estabelecida no sentido de purificar as almas, estimular e iluminar, o que permitiria que alcançassem uma condição digna para compartilhar da excelência divina, transcendendo as imperfeições do mundo terreno.

Este fogo sagrado pode ser visto na beleza que irradia dos corpos das mulheres, como vou provar. O que mais se pode dizer deste nome? Como as coisas celestiais são mais nobres que as terrenas, esse nome supera em muito todos os outros, porque permite que os homens participem da excelência divina. Infeliz é o homem cuja casa não tem tal fogo, estimulando-o e obrigando-o a olhar para cima e contemplar o céu (Marinella, 1999, p. 50, tradução nossa⁴²).

⁴¹ The name donnais so noble that great kings and dukes usurp it. Don Cesare d'Este, Duke of Modena; Don Vincenzo Gonzaga; and Philip of Spain join with poets in recognizing the excellence of the name and bestowing it on gods and other symbols of dominion or lordship.

⁴² This holy fire can be seen in the beauty that shines forth from women's bodies, as I will prove. What more can be said of this name? As heavenly things are nobler than earthly ones, so this name far surpasses all the others,

O quinto e último nome é *Mulier*, uma palavra de origem latina. Marinella enfatizou que, quando se refere ao corpo, denotaria suavidade e delicadeza. Já quando aplicada à alma, significaria gentileza e benignidade. Na concepção de Marinella, ambos os sentidos enalteceriam as mulheres, pois uma pele suave e delicada reflete uma mente ágil, contrastando com aquela aprisionada em uma casca áspera e ríspida. Quanto à alma, ela afirmou que não há virtude mais louvável do que a gentileza e a compaixão. Sendo assim, ela considerava que essas duas nobres qualidades se entrelaçariam no nome *Mulier*.

Estes são os nomes com os quais este sexo honrado é adornado. Na minha opinião, como mostrei claramente, eles estão entre os mais ilustres e notáveis que podem ser expressos pelo homem. Nomes tão raros, maravilhosos e dignos, que denotam todas as excelentes qualidades encontradas ou que podem ser encontradas no mundo! [...] Na combinação de todos esses nomes, pode-se ver que a mulher dá à luz o homem ingrato, dá-lhe vida e alma, ilumina-o com o esplendor da luz divina, confere-lhe calor e luz terrena, torna-o (contrário às inclinações de sua alma) afável e cortês, e finalmente governa sobre ele com um domínio doce e não tirânico. Oh, Deus imortal, que nomes mais ilustres do que estes podem ser encontrados no mundo? O que pode ser mais nobre do que Vida, Fertilidade, Fogo, Misericórdia e Domínio? (Marinella, 1999, p. 51, tradução nossa⁴³).

Na resposta de Lucrezia Marinella a Giuseppe Passi, a aplicação da *onomancia* aos nomes como *Donna*, *Femina*, *Eva*, *Isciah* e *Mulier* pode ser uma interpretação hipotética. Marinella não necessariamente invocou diretamente a *onomancia* em suas discussões sobre estes nomes, mas a escritora pode ter usado a etimologia e o significado dos termos para argumentar em favor de sua defesa à superioridade das mulheres. Ela criticou veementemente a forma como os homens se apropriaram dos nomes para diminuir e desqualificar as mulheres, invertendo os significados em sua escrita de defesa, com destaque aos nomes *Eva* e *Femina*.

3.2 EQUILÍBRIO ENTRE CASTIDADE E VIDA PÚBLICA

Marinella, além de ter destacado o valor das mulheres a partir do debate filosófico sobre a beleza, prosseguiu com suas argumentações ao tratar de outro tema presente na tradição literária: a nobreza feminina. A autora passou a ressaltar características como a habilidade das

because it enables men to participate in divine excellence. Unfortunate indeed is the man whose house lacks such a fire, stimulating and forcing him to look upward and contemplate the heavens.

⁴³ These are the names with which this honorable sex is adorned. In my opinion, as I have clearly shown, they are among the most illustrious and remarkable that can be expressed by man. Such rare, wondrous, worthy names, which denote every excellent quality that is found, or can be found, in the world! All other names must yield to them, signifying, as they do production and regeneration, earthly fire and light, soul, life, divine radiance, delicacy and mercy, and, finally, lordly dominion.

mulheres de participarem ativamente da vida pública e de manterem a castidade. Esta dualidade não apenas enriquece sua discussão no tratado, mas também oferece uma visão multifacetada da condição feminina na sociedade.

De acordo com Gibson (1989), durante o Renascimento a reforma educacional se tornou uma questão de grande relevância para muitos humanistas proeminentes, que se dedicaram à instrução tanto de meninos quanto de meninas. A educação feminina, influenciada pelos debates que buscavam redefinir o papel das mulheres na sociedade através da educação, transcendeu gerações em diferentes lugares da Europa renascentista, refletindo a importância atribuída ao desenvolvimento intelectual e moral das mulheres.

O debate sobre a educação articulou as disparidades de gênero, buscando harmonizar a instrução das mulheres com os padrões tradicionais de conduta. Neste movimento, foram enfatizados valores como castidade, silêncio e obediência para as mulheres, enquanto virtudes como coragem e atividade eram promovidas para os homens. Ao longo do século XVI, a literatura sobre as mulheres tornou-se gradualmente mais convencional, sublinhando uma educação para o cultivo das práticas que reforçassem seu papel doméstico e familiar, idealizando novamente a castidade feminina e excluindo as mulheres dos lugares públicos. Este processo de restrição foi acompanhado por uma definição mais rigorosa do papel das mulheres na família, na Igreja e na sociedade, limitando ambiguidades ou opiniões divergentes das normas dominantes.

Segundo Dialetti (2004), a educação masculina tinha como finalidade preparar os homens para a vida pública. A feminina, por sua vez, visava atender aos interesses da família ou da dinastia, além de preservar as virtudes das mulheres — entre elas a castidade, considerada fundamental para garantir a legitimidade da linhagem e a posição social e política da família. O debate sobre a expressão das mulheres pelo uso da palavra em público estava profundamente ligado a um conjunto mais amplo de valores e normas, resumido na ideia de que as mulheres eram intrinsecamente inferiores aos homens e por isso deveriam ser controladas. O silêncio feminino, assim, era considerado um sinal da incorporação e aceitação deste controle. Independentemente de serem solteiras, casadas ou viúvas, esperava-se que as mulheres falassem o mínimo possível.

O desejo das mulheres pela expressão de suas ideias estava frequentemente associado ao desregramento sexual, uma vez que a fala poderia ser percebida como uma forma de sedução, conforme a antiga narrativa da sedução de Eva e da queda e expulsão do Paraíso (Dialetti, 2004). Uma mulher que pudesse ser considerada virtuosa deveria falar pouco e de modo contido, pois

o excesso de palavras estava associado à falta de castidade. Aquelas que expressavam suas opiniões publicamente eram rotuladas como lascivas e imorais.

Cabe ressaltar que Lucrezia Marinella enfatizava a importância da castidade, modéstia e temperança para as mulheres; no entanto, ela não associava tais virtudes ao silêncio ou à exclusão das mulheres da vida pública. Pelo contrário, ela argumentava que as mulheres podiam manter sua virtude mesmo ao desempenharem papéis sociais ativos e influentes. Marinella, então, defendia que as virtudes femininas eram compatíveis com a contribuição que pudessem fornecer por meio de suas habilidades intelectuais e moralidade.

Em relação à castidade, o fervor e a defesa expressados por Marinella foi um ponto primordial a ser destacado. Seu pensamento acerca deste “valor feminino” foi influenciado por duas obras principais: *Canzoniere* (escrito entre 1342 e 1374), de Francesco Petrarca (1304-1374), e *Orlando Furioso* (1516), de Ludovico Ariosto (1474-1533). A autora veneziana afirmou: “Laura, como escreve Petrarca, também era uma mulher muito casta. Além de celebrar isso ao longo do *Canzoniere* também a coloca no Triunfo Castidade” (Marinella, 1999, p. 103, tradução nossa⁴⁴). Segundo Couto (2019), a influência da poesia lírica de Petrarca foi significativa, especialmente no que diz respeito ao conceito de amor. A “maneira petrarquista” deixou uma marca profunda na compreensão do amor durante o Renascimento, espalhando-se pela Itália e além.

O amor retratado por Petrarca era carnal, embora o autor tentasse apresentá-lo como uma amizade espiritual, distante da sensualidade e vulgaridade. Contudo, sua atração pela beleza física de Laura (1310-1348), esposa do Conde Hugues de Sade, era inegável. Petrarca enfrentou os desafios e mistérios do amor, sentindo-se consumido por ele, personificado como Eros no *Canzoniere*, dotado de arco e flechas. Mesmo diante da indiferença de sua musa, dedicava-se incansavelmente a exaltá-la em seus versos. No *Canzoniere*, Laura é descrita como casta e gentil, adornada com inúmeras virtudes e cercada por imagens de beleza e encantamento. O poeta dirigiu-lhe suas palavras, sem, no entanto, consumir o amor, pois sua poesia era uma forma de louvar a inacessível e silenciosa musa. O amor petrarquiano tinha como objetivo enaltecer a amada a partir de metáforas, antíteses, alegorias e comparações, mesmo que isso implicasse na dor e no sofrimento do poeta.

Como visto, a influência de Petrarca nos escritos de Marinella era notável, evidenciada pelas mais de trinta menções ao poeta, especialmente em relação à sua concepção do amor e da

⁴⁴ Laura, as Petrarch writes, was a very chaste woman. As well as celebrating this throughout the *Canzoniere*, he also puts her in the Triumph of Chastity.

castidade feminina. Marinella incorporou elementos da "maneira petrarquista" em sua obra, destacando a importância da pureza e da devoção às mulheres. Assim como Petrarca, ela valorizava a figura feminina casta e virtuosa, buscando enaltecer suas qualidades e dignidade. Esta influência contribuiu para moldar a expectativa de Marinella a respeito do papel das mulheres na sociedade e no amor.

Durante o Renascimento, um dos temas mais debatidos foi o papel das mulheres na sociedade, objetivando constatar seu lugar na sociedade moderna. A vasta produção literária do século XVI explorou questões como a educação feminina, seus papéis sociais e seu valor moral. Embora o poeta italiano Ludovico Ariosto (que igualmente influenciou as ideias de Marinella) não tenha abordado diretamente suas opiniões sobre as mulheres no poema *Orlando Furioso* (1516), há uma clara influência intertextual da *querelle des femmes*. Uma das personagens de Ariosto é Marfisa, também mencionada por Marinella: “ele escreve sobre Marfisa: assim, retirando o elmo, a senhora teve um vislumbre do paraíso. Eu desejo seguir a senhora guerreira, a quem ele chamou de casta Marfisa” (Marinella, 1999, p. 48, tradução nossa⁴⁵). Além de ser reconhecida como uma guerreira digna de respeito, Marfisa também era louvada por ser casta, uma qualidade reforçada quando foi batizada e jurou fidelidade a Carlos Magno (Melita, 2013).

De acordo com Melita (2013) o poeta reproduz de perto argumentos conhecidos dessa tradição épica, mas diferencia-se ao permitir que seu narrador adote posições conflitantes, deixando o leitor em um dilema sobre as mulheres. Esta ambiguidade é enfatizada pelas diversas opiniões expressas pelas personagens do poema e pelas reações contraditórias do narrador. Entretanto, na perspectiva de Marinella, Ariosto assumiu um lado bem definido na querela: o de defensor do valor das mulheres.

Ariosto sabia que as mulheres boas superam em muito as mulheres más e perversas, e que a raiva leva os homens a falar mal das mulheres sem qualquer motivo [...] alguém pode falar mais claramente elogiando as mulheres? Que isso silencie quem lê apenas uma estrofe e depois diga que Ariosto fala mal delas, o que é ridículo. O que mais se pode dizer, já que os nossos inimigos, apesar de tudo, são nossos amigos (Marinella, 1999, p. 125, tradução nossa⁴⁶).

A relação entre educação e imoralidade levou muitas mulheres instruídas a ocultarem seu conhecimento ou a enfatizar excessivamente a castidade em seus escritos, como forma de

⁴⁵ Thus removing her helmet the lady showed a glimpse of paradise. He writes of Marfisa. I wish to follow the warlike lady, whom he called the caste Marfisa.

⁴⁶ Ariosto knew that good women far outnumber bad and wicked ones, and that anger leads men to speak badly of women without any reason [...] Can anyone speak more clearly in praise of women? Let this silence those who read only one stanza and then say that Ariosto speaks badly of them, which is ridiculous.

evitar suspeitas ou censuras. Notável é, conseqüentemente, a inserção do tema da castidade nas obras de Marinella. As influências literárias e os debates da época estimularam a autora a fornecer exemplos e desenvolver uma perspectiva original, sendo perceptível sua singularidade. Para ela, as mulheres podem e devem ser castas e participar ativamente da vida pública, sem nenhuma contradição ou impedimento. Para Marinella, a castidade funcionaria como uma proteção ou uma garantia para que as mulheres pudessem se expressar e participar da vida pública. Ao desafiar as normas de sua época, que limitavam as mulheres a papéis estritamente domésticos e passivos, Marinella promoveu a ideia de que as mulheres poderiam ser cidadãs virtuosas e ativas — valores tradicionalmente atribuídos apenas aos homens. Coerente em sua defesa da dignidade das mulheres, Marinella lembrava que a acusação de inferioridade era um argumento para impedir a expressão e a participação cívica das mulheres. Mas o verdadeiro motivo, segundo ela, não residia em uma suposta inferioridade inerente, mas na educação superficial e descuidada oferecida à maioria das mulheres.

3.3 “PROÍBEM-NAS ATÉ DE APRENDER A LER OU A ESCREVER”: A DEFESA PELA CAPACIDADE INTELECTUAL DAS MULHERES

A associação entre a castidade e a baixa qualidade da educação feminina baseava-se não na virtude *per se*, mas na limitação impostas pela defesa da castidade. Esta defesa resultava em um programa de estudos mais restrito, que excluía partes significativas das obras clássicas e da filosofia. Prevalencia o receio de que uma educação semelhante à dos homens poderia levar as mulheres a desobedecerem e questionar a ordem social e de gênero. Portanto, ao restringir a educação das mulheres e enfatizar a importância da castidade, reforçava-se a ideia da inferioridade intelectual das mulheres e perpetuava-se seu papel submisso na sociedade, criando um círculo vicioso.

De acordo com Gibson (1989) a educação no Renascimento era primordialmente voltada para a formação dos homens. Os meninos e rapazes estudavam dialética e retórica, com as teorias educacionais concentradas principalmente em valores morais associados às características consideradas masculinas. Acreditava-se que a aprendizagem não enfraquecia ou efeminava um jovem, mas, ao contrário, o fortalecia, preparando-o moral e fisicamente para a vida adulta. O estudo das línguas e da literatura clássica visava cultivar um caráter corajoso e viril, e os poetas preferidos para estudo eram aqueles que celebravam proezas físicas e glória heroica. A escolha de moralistas refletia o desejo de fortalecer as virtudes masculinas.

Em contrapartida, as mulheres tinham acesso limitado à educação, restrita principalmente à gramática e a leituras religiosas e devocionais. Segundo Gibson (1989) elas eram instruídas a ler exortações à castidade, ao silêncio e à obediência, de autores renomados e persuasivos. As mulheres acumulavam exemplos de virtude a partir dos difundidos oradores, historiadores, poetas e escrituras, internalizando tanto as palavras quanto as ações desses modelos. O resultado de seus esforços era uma consciência sobre o decoro e a virtude, expressa com elegância e fluidez na conversa, na escrita em latim e na tradução para o vernáculo, juntamente com uma “apreciação” dos aspectos sutis da fala e da escrita refinadas dos homens, geralmente associada aos homens.

A tentativa de encontrar um modelo adequado para a educação humanista das mulheres resultou em um programa intensivo, focado na gramática e literatura. Embora essa abordagem pudesse promover valores positivos na educação feminina, também acabava por reforçar os “papéis sociais tradicionais” das mulheres. A educação feminina durante o Renascimento permaneceu fortemente associada à esfera privada, oferecendo oportunidades limitadas para a participação na esfera pública ou para o engajamento em atividades intelectuais ou artísticas. Por conseguinte, a educação das mulheres na Renascença frequentemente visava cultivar a virtude da castidade como preparação para o casamento, com o objetivo de suprimir a individualidade em prol de papéis tradicionalmente definidos.

Os professores humanistas orientavam e incentivavam o aumento do aprendizado secular entre as classes média e alta (King, 1976). No entanto, a maioria de seus alunos eram homens, e poucas mulheres tiveram acesso a uma educação humanista e tutorada. A exclusão das mulheres das disciplinas tradicionais e do estudo da retórica e dos clássicos, evidenciava o preconceito quanto ao acesso à educação. Mesmo entre os homens, a educação humanista era um privilégio das elites, tornando-se ainda mais rara entre as mulheres no geral.

Além disso, aquelas que tiveram o privilégio de receber instrução muitas vezes não foram educadas da mesma maneira que os homens. Embora tenham participado do humanismo com entusiasmo, eram comumente vistas como prodígios ou exceções, e não como eruditas. Na juventude elas estudavam matérias semelhantes às dos rapazes, seguindo programas educacionais introduzidos por pedagogos humanistas. No entanto, ao chegarem à idade do casamento, eram pressionadas a escolher entre a vida conjugal ou religiosa, muitas vezes tendo que abandonar os estudos, especialmente após o casamento e o nascimento dos filhos.

Algumas poucas mulheres conseguiram superar essas barreiras e traçar caminhos inovadores para si mesmas, como foi o caso de Marinella. Para a autora de *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini*, demonstrar que as mulheres

eram superiores aos homens, principalmente no âmbito intelectual, não pareceu ser um desafio significativo.

Tenho pouca honra em provar, através do raciocínio e do exemplo, que o sexo feminino é, em suas ações e transações, mais singular e excelente que o sexo masculino. Digo pouca honra porque a prova disso será ainda mais fácil do que provar que o sol é o corpo mais brilhante no mundo ou que a deliciosa primavera é a mãe das flores e ramos frondosos (Marinella, 1999, p. 77, tradução nossa⁴⁷).

Marinella sustentou que a escassez de mulheres envolvidas nas letras ou mesmo na vida militar de sua época não se devia à ausência de talento e capacidade, mas sim à falta de oportunidades. Ela reiterou que a razão pela qual as habilidades das mulheres frequentemente não eram reconhecidas era, simplesmente, porque os homens não lhes concediam a chance para praticá-las, cegados por uma obstinada ignorância que insistia na incapacidade das mulheres em aprender.

Mas no nosso tempo são poucas as mulheres que se dedicam ao estudo ou às artes militares, pois os homens, temendo perder a sua autoridade e tornar-se servos das mulheres, muitas vezes proibem-nas até de aprender a ler ou a escrever. Nosso bom amigo Aristóteles afirma que as mulheres devem obedecer aos homens em todos os lugares e em tudo e não procurar nada que as leve para fora de suas casas. Uma opinião tola e uma sentença cruel e pedante de um homem medroso e tirânico. Mas devemos desculpá-lo, porque, sendo homem, é natural que deseje a grandeza e a superioridade dos homens e não das mulheres (Marinella, 1999, p. 79, tradução nossa⁴⁸).

Em outro momento, sem condescendência e com ironia, Marinella afirmou que até mesmo Aristóteles se contradiz em seus argumentos.

⁴⁷ Small honor is mine in proving through reasoning and example that the female sex is, in its actions and transactions, more singular and excellent than the male sex. I say that I will acquire small honor because the proving of it will be even easier than to prove that the sun is the brightest body in the world or that the delectable spring is the mother of flowers and leafy branches.

⁴⁸ But in our times there are few women who apply themselves to study or the military arts, since men, fearing to lose their authority and become women's servants, often forbid them even to learn to read or write. Our good friend Aristotle states that women must obey men everywhere and in everything and not search for anything that takes them outside their houses...foolish opinion and cruel, pedantic sentence from a fearful, tyrannical man. But we must excuse him, because, being a man, it is only natural he should desire the greatness and superiority of men and not of women.

No mesmo capítulo ele deixa escapar que as mulheres se deixam enganar mais frequentemente que os homens, dizendo “que também se enganam mais facilmente”, sem lembrar que havia dito anteriormente que elas eram mais astutas, mais sábias e mais insidiosas que os homens [...] (Marinella, 1999, p. 74, tradução nossa⁴⁹).

As mulheres que buscavam educação enfrentavam um obstáculo particularmente intimidante: a crença de que eram naturalmente incapazes de aprender, sustentada pela ideia de que o raciocínio era uma capacidade naturalmente masculina. Marinella, então, desafiou os detratores das mulheres, incluindo o próprio Aristóteles, sugerindo a realização de um experimento: o de educar igualmente um jovem e uma jovem, ambos dotados de temperamento e inteligência semelhantes, nas artes, nas letras e na arte da guerra. Ela entendeu que tal experimento conseguiria demonstrar a rapidez com que a jovem se destacaria e superaria o rapaz, desafiando os preconceitos que, em sua opinião, fundamentavam-se em erro.

Para Aristóteles, a diferença de realizações e caráter entre homens e mulheres não era cultural, mas da ordem da natureza, sugerindo a superioridade do homem (Clark, 1982). Igualmente, Clark (1982) ressalta que Aristóteles via as mulheres como o cerne do problema, citando práticas cruéis adotadas por outras nações, como cintos de castidade, clitoridectomia, infibulação, e até mesmo a humilhação pública e a doutrinação rigorosa. Essas práticas sublinharam a visão de que as mulheres eram intrinsecamente inferiores intelectualmente, não confiáveis e perigosamente frágeis. Logo, se as mulheres eram naturalmente inferiores, deveriam ser tuteladas e controladas, ocupando-se dos assuntos domésticos, enquanto os homens livres se dedicavam à esfera política como cidadãos plenos. Na teoria da polaridade sexual, formulada por Aristóteles, a mulher era vista como uma versão imperfeita do homem, cujo déficit biológico justificaria a suposta debilidade física, mental e moral (Allen; Salvatore, 1992). Essa tradição persistiu ao longo dos séculos, questionando a capacidade das mulheres de exercer a razão em assuntos relativos ao conhecimento e às decisões políticas.

Lucrezia Marinella desenvolveu uma interpretação filosófica própria e desafiadora da tradição aristotélica sobre as diferenças sexuais e de gênero, conhecida como polaridade sexual invertida (Allen; Salvatore, 1992). Embora a autora tenha reconhecido diferenças relevantes entre os sexos, ela se opôs à tradição filosófica que defendia a superioridade masculina, advogando a inversão deste princípio filosófico. A polaridade sexual invertida foi inicialmente sugerida por Henry Cornelius Agrippa (1486-1535) em sua obra *Declamatio de nobilitate et*

⁴⁹ In the same chapter he lets slip that women allow themselves to be deceived more often than men, saying "who are also more easily deceived, not remembering that he had said earlier that they were more astute, wiser, and more insidious than men."

praecelestia foeminei sexus, de 1529. De acordo com Dialetti (2011), Agrippa era reconhecido por seus estudos de filosofia oculta e pelo neoplatonismo, também tendo elogiado as "boas mulheres", oferecendo uma leitura subversiva do mito de Eva e uma exegese feminista baseada na doutrina paulina e na prática cristã primitiva. Seus argumentos foram fundamentais para as defesas posteriores das mulheres, como a de Marinella.

Em seu tratado, Agrippa provou a superioridade do sexo feminino com formulações sustentadas no raciocínio lógico, na autoridade de textos antigos e nos exemplos históricos, mitológicos e literários. O intelectual recorreu à Bíblia para sustentar a superioridade das mulheres, desafiando a ortodoxia ao derivar suas provas teológicas do livro do Gênesis. Agrippa argumenta que homens e mulheres possuem a mesma natureza da alma, com igual inteligência, razão e capacidade de expressão, e que ambos buscam a felicidade eterna, um estado pleno da alma sem distinção de sexo. Essa afirmação contrasta com a visão tradicional de Aristóteles e de seus tantos comentadores, ao afirmar que homens e mulheres são criados à imagem de Deus, com diferenças corporais pouco relevantes para o alcance da felicidade eterna.

Apesar de Marinella não ter citado diretamente Agrippa, ela expandiu consideravelmente suas ideias, oferecendo um apoio mais substancial à tese da superioridade feminina. Marinella expressou sua surpresa diante da persistência da dúvida sobre a capacidade e instrução das mulheres nas artes e nas ciências. Para ela, era inaceitável que, mesmo sem um conhecimento profundo da história, algumas pessoas ainda questionassem a existência de mulheres sábias e instruídas, considerando a abundância de exemplos de mulheres dotadas de grande sabedoria ao seu redor.

Algumas pessoas, possuindo pouco conhecimento de história, acreditam que mulheres qualificadas e instruídas nas artes e nas ciências nunca existiram e não existem agora. Para eles, tal coisa parece impossível, e ainda não conseguem compreender que veem e ouvem estas mulheres todos os dias. Essas pessoas se convenceram de que Júpiter concedeu inteligência e intelecto apenas aos homens e deixou as mulheres privadas até mesmo da menor quantidade [...] na verdade, as poucas mulheres interessadas em aprender tornam-se tão competentes nas ciências que os homens as invejam, tal como as pessoas inferiores tendem a invejar as superiores (Marinella, 1999, p. 83, tradução nossa⁵⁰).

⁵⁰ Some people, possessing little knowledge of history, believe that women who are skilled and learned in the arts and sciences have never existed and do not exist now. To them such a thing appears impossible; nor can they yet understand that they see and listen to these women every day. These people have persuaded themselves that Jove has bestowed wit and intellect only on men and left women deprived of even the smallest quantity [...] Indeed the few women who are interested in learning become so skilled in the sciences that men envy them, as lesser people tend to envy greater ones.

Cabe ressaltar que a abordagem filosófica de Marinella sobre as diferenças sexuais não surgiu de forma independente, afinal já havia um debate estabelecido sobre a questão nos círculos intelectuais tardo-medievais e renascentistas. Além de uma referência indireta a Agrippa, Marinella recorreu outros pensadores, a maioria neoplatônicos, como Marsilio Ficino, Leão Hebreu, Pietro Bembo e Ludovico Domenichi. Nos escritos destes autores, personagens femininas eram exaltadas por sua inteligência. Esses textos, que destacam o elevado nível de raciocínio e capacidade discursiva das mulheres, contribuíram para o reconhecimento delas como participantes válidas em debates filosóficos. (Allen; Salvatore, 1992)

Lucrezia Marinella igualmente exaltou mulheres que se destacaram na escrita, como Isotta Nogarola, de Verona (1418-1466). Nogarola foi uma pensadora que se opôs à tese da inferioridade feminina em seus escritos produzidos no século XV. Além de ser uma escritora prolífica de cartas, ela produziu um diálogo filosófico intitulado *Diálogo de Adão e Eva* (1451), no qual refutou os argumentos de Aristóteles. Ao analisar a justificação biológica do filósofo grego para a inferioridade da mulher e relacioná-la com a questão do pecado original, Nogarola concluiu que o pecado de Eva era menos grave do que o de Adão. Além de mencionar os pensamentos de Nogarola, Marinella citou outras mulheres da Renascença italiana que também se envolveram em debates filosóficos dominados pela autoridade masculina. Cassandra Fedele (1465-1558), Vittoria Colonna (1490-1547) e Veronica Gambara (1485-1550) foram algumas delas.

Cassandra Fedele também era muito erudita. Participou de debates públicos em Pádua, escreveu um livro elegante sobre a ordem das ciências e belos versos líricos. Verônica Gambara era muito erudita em poesia, e muito original, como ainda se pode verificar em seus escritos, e como afirma Ariosto neste verso: Entre eles está Verônica Gambara, a amada de Febo e do coro sagrado jônio. Vittoria Colonna era extremamente talentosa e compôs muitos belos sonetos. Ariosto diz dela: Ela não só se tornou imortal com seu estilo doce, que nunca ouvi ser superado, mas ela pode até ressuscitar do túmulo e imortalizar aqueles sobre quem ela falou ou escreveu. Mencionemos agora Isotta Nogarola Veronese, que se formou em filosofia e levou uma vida filosófica, contentando-se com pouco. Ela se correspondeu com os Papas Nicolau e Pio e sempre permaneceu virgem (Marinella, 1999, p. 89, tradução nossa⁵¹).

⁵¹ Veronica Gambara was very learned at poetry, and most original, as can still be seen from her writings, and as Ariosto states in this verse: Veronica Gambara is among them, the beloved of Phoebus and the holy Ionian choir." Vittoria Colonna was extremely accomplished, and composed many beautiful sonnets. Ariosto says of her: She has not only made herself immortal with her sweet style, which I have never heard surpassed, but she can even raise from the tomb and immortalize whomsoever she speaks or writes about." Let us now mention Isotta Nogarola Veronese, who was learned at philosophy and led a philosophical life, contenting herself with little. She corresponded with Popes Nicholas and Pius, and always remained a virgin.

Lucrezia Marinella destacou diversas mulheres notáveis da história que se destacaram em áreas variadas, desde a poesia até a filosofia e astronomia, evidenciando a capacidade intelectual superior delas. Entre essas mulheres, ela mencionou a esposa de Henrique VIII da Inglaterra, que escreveu um livro de meditações sobre os Salmos, e Anyta, que escreveu poemas nobres, conforme relatado por Taciano. Marinella também mencionou Aretáfila, cuja eloquência a levou a se tornar esposa de Nicócrates, tirano de Cirene, e, por fim, Erinna de Telos, cujos versos eram tão elogiados que, aos seus treze anos, foram comparados aos de Homero.

Hypatia de Alexandria, esposa do filósofo Isidorus, escreveu vários comentários sobre astronomia. Hypatia, filha de Theon, o grande matemático, tornou-se tão bem-sucedida na filosofia que sucedeu Plotino na mesma escola e cátedra. Suidas escreve que ela era uma estudiosa de ciências e astronomia, ensinava muitas artes e ciências em público, e tinha uma grande quantidade de estudiosos em suas aulas. Não foi Iambe a inventora do verso chamado iâmbico? Diotima era tão especialista em filosofia que Sócrates não hesitou em chamá-la de sua professora e assistir às suas aulas acadêmicas, como relata Platão no Simpósio (Marinella, 1999, p. 86, tradução nossa⁵²).

Ao indagar sobre o destino dessas mulheres, Marinella realçou a importância de reconhecer e valorizar suas contribuições para a história e para o progresso do conhecimento humano. Ela enfatizou a necessidade de destacar as realizações femininas, frequentemente obscurecidas por uma história dominada por homens. Além disso, quando Marinella questionou o paradeiro dessas mulheres, acabou também lançando uma crítica aos italianos ao observar que outros países europeus reconhecem mais o valor das mulheres do que a Itália. Para ela, os franceses e espanhóis valorizavam as mulheres mais do que os italianos. Marinella citou que, nestas nações, as mulheres têm o direito de herdar propriedades, ascendendo não apenas a ducados, mas também a principados, assim como os homens. “[...] Um exemplo notável é a irmã do rei de Espanha, que alcançou a monarquia e o domínio de diversos principados” (Marinella, 1999, p. 74, tradução nossa⁵³). Marinella observou também que, na França e na Inglaterra, era comum existirem mulheres que herdavam propriedades e desempenhavam papéis ativos na gestão de negócios e transações mercantis, enquanto os homens muitas vezes

⁵² Hypatia of Alexandria, wife of the philosopher Isidorus, wrote several commentaries on astronomy. Hypatia, the daughter of Theon the great mathematician, became so successful at philosophy that she succeeded Plotinus in the same school and chair. Suidas writes that she was a scholar of science and astronomy, taught many arts and sciences in public, and had a great quantity of scholars at her lessons." Was not Iambe the inventor of the verse named iambic? Diotima was so expert at philosophy that Socrates did not blush to call her his teacher and attend her scholarly lessons, as Plato relates in the Symposium.

⁵³ Not only to principalities, but to the monarchy itself, like the sister of the King of Spain, who was able to ascend to the monarchy, as well as having dominion over numerous other principalities.

se ocupavam mais das tarefas relacionadas às suas propriedades. A autora destacou que esses exemplos de mulheres ativas se estendem à Alemanha, onde se reconhecia a liderança feminina nos negócios e transações comerciais nas cidades. Lucrezia Marinella finalizou sua argumentação sobre a capacidade intelectual afirmando que

Quisera Deus que em nossos tempos fosse permitido às mulheres serem habilidosas com armas e letras! Que feitos maravilhosos deveríamos ver, como nunca se ouviu falar, na manutenção e expansão de reinos [...] se não mostram as suas habilidades é porque os homens não permitem que as pratiquem, pois são movidos por uma ignorância obstinada, que m os convencem de que as mulheres não são capazes de aprender as coisas que elas fazem (Marinella, 1999, p. 80, tradução nossa⁵⁴).

Marinella, à vista disso, estava convicta de que as mulheres eram capazes de alcançar notáveis realizações intelectuais e contribuições relevantes para a cultura e a sociedade. Além de defender a igualdade intelectual, ela criticava as limitações impostas às mulheres em sua busca pelo conhecimento. Para Marinella, a falta de oportunidades educacionais era uma injustiça, argumentando que, se tivessem acesso ao mesmo tipo de educação que os homens, elas poderiam alcançar feitos intelectuais igualmente grandiosos. Em suma, Lucrezia Marinella veementemente acreditou na capacidade intelectual das mulheres e esperava que a sociedade e os eruditos reconhecessem e promovessem esta capacidade.

Marinella demonstrou, igualmente, notável coragem ao enfrentar os detratores das mulheres de forma eloquente em sua obra. Antunes (2017) destaca a metodologia única empregada pela veneziana, que se distingue de muitos outros defensores das mulheres. Sua abordagem combinou crítica, formulação de hipóteses e conclusões respaldadas por citações, conferindo-lhe uma distinção significativa. Ela não apenas questionou e criticou os argumentos de autores como Aristóteles, mas também os utilizou para demonstrar as contradições em suas próprias afirmações. Essa estratégia mina a autoridade das fontes frequentemente citadas por aqueles que escreveram sobre as fraquezas femininas, sugerindo que essas fontes carecem de argumentos verdadeiros e confiáveis. A originalidade de Marinella reside, destarte, em sua postura intelectual e argumentação, pois ela não se limitou a repetir discursos anteriores, conhecendo as fontes diretamente para produzir uma análise crítica destemida à autoridade e à ortodoxia.

⁵⁴ Would to God that in our times it were permitted for women to be skilled at arms and letters! What marvellous feats we should see, the like of which were never heard, in maintaining and expanding kingdoms [...] If they do not show their skills, it is because men do not allow them to practice them, since they are driven by obstinate ignorance, which persuades them that women are not capable of learning the things they do.

4 A ESCRITA DE MARINELLA

O livro de Marinella passou por três edições, o que indica uma recepção considerável e sugere sua relevância na querela das mulheres. No entanto, não foi possível determinar com precisão a dimensão de sua influência no cenário literário italiano durante o século XVII, pelo menos no âmbito desta dissertação. O que pode ser afirmado, com o apoio da bibliografia especializada, é que, após a publicação da obra, surgiram alguns desdobramentos que ressaltam a complexidade da relação entre a autora e sua obra, bem como as articulações entre a escrita e as expectativas de mudança.

A análise da obra de Lucrezia Marinella demonstra sua crítica contundente a escritores misóginos, alguns dos quais eram contemporâneos dela. O principal detrator de Marinella foi Giuseppe Passi, autor da obra *I Donneschi Difetti*, ao qual Marinella respondeu diretamente. Dialetti (2004) ressalta que Passi tentou redimir sua imagem com a publicação de *Dello stato maritale* em 1602, dedicado a Giulio Spreti. Nesta obra, Passi defendeu o casamento e reconheceu os méritos das mulheres, afirmando que as acusações contra elas eram típicas de pessoas ignorantes. Passi explicou que decidiu escrever uma nova obra sobre o casamento para rebater os "tolos" que haviam interpretado erroneamente seu trabalho anterior, entendido muitas vezes como um ataque ao casamento. Além disso, anunciou a intenção de escrever um tratado sobre as outras três fases da vida da mulher, o que, no entanto, não ocorreu.

Apesar do tom moralista de *Dello stato maritale*, a obra apresentou uma atitude mais favorável em relação às mulheres. Passi desenvolveu argumentos para apoiar as mulheres, reconhecendo que elas são superiores aos homens em alguns aspectos. O que é mais notável é que Passi menospreza os críticos das mulheres e elogia os seus defensores. Esse exemplo ilustra como um autor pode alterar sua atitude de uma obra para a outra, possivelmente movido por interesses que não podem ser afirmados com segurança, ou mesmo a ideia de que houve uma mudança genuína em suas opiniões sobre as mulheres.

Não se pode determinar com certeza até que ponto a "conversão" de Passi se deveu à resposta contundente de Marinella. No entanto, caso tenha sido esse o motivo, Marinella não estava sozinha em sua réplica. Vinte e três anos após a publicação misógina de Passi e vinte e um anos após a publicação de Marinella, Cristofano Bronzini (1580-1633) lançou *Della dignità e nobiltà delle donne* (1622), obra que mencionou diretamente o trabalho de Passi (Dialetti, 2004). Bronzini recorreu a diversos autores para fundamentar seus argumentos sobre a dignidade e nobreza das mulheres, incluindo Moderata Fonte, mas a principal referência foi o tratado de Lucrezia Marinella. Para Bronzini, tanto Marinella quanto Fonte eram suficientes

para refutar Passi e outros detratores, silenciando-os de forma definitiva (Dialetti, 2004). O autor italiano compreendeu que Passi teve sua reputação severamente comprometida no meio literário da época, fato que o levou escrever outro livro diametralmente oposto ao primeiro como uma tentativa de reparar o erro que havia cometido ao atacar as mulheres.

Finalmente, se Passi se arrependeu de ter escrito *I Donneschi Difetti*, devido à desaprovação do meio literário, ou se apenas continuou a jogar um jogo intelectual, apoiar ora os homens ora as mulheres, não pode ser comprovado (Dialetti, 2004, p. 243, tradução nossa⁵⁵).

Mas não foi somente Passi que demonstrou uma ambiguidade de perspectivas e opiniões; Marinella também evidenciou uma oscilação semelhante ao publicar *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* (1645), obra que parece funcionar como uma palinódia, ou seja, uma retratação de seus argumentos anteriores. Nesta publicação, Marinella pareceu exortar as mulheres a abandonarem a ambição pelo reconhecimento público, enfatizando, em vez disso, o valor da vida doméstica e familiar.

O propósito deste capítulo da dissertação é analisar a complexidade das interações entre o contexto social, político e literário e a escrita de *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, considerando que foi produzida mais de duas décadas após *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. Além disso, objetiva-se a realização de um estudo das exortações tecidas por Lucrezia Marinella em sua última publicação e, por fim, examinar as complexidades que ela enfrentou enquanto escritora.

4.1 MISOGINIA E MORALISMO: A TRANSFORMAÇÃO DA LITERATURA ITALIANA NO SÉCULO XVII

Na elaboração da história das mulheres e dos estudos de gênero, a presença e o protagonismo das escritoras durante o Renascimento são maiormente interpretados como fruto de um breve período de esclarecimento que rapidamente foi suprimido por forças misóginas reativas. Tal interpretação se deve ao ressurgimento de tradições literárias e filosóficas misóginas no final do século XVI, à crescente ênfase em valores tradicionais nos livros de conduta e tratados sobre a educação das mulheres, e ao tom defensivo cada vez mais presente

⁵⁵ Finally, whether Passi regretted having written *I Donneschi Difetti*, due to the literary environment's disapproval, or he just continued to play in an intellectual game, supporting now men now women cannot be substantiated.

nas cartas introdutórias aos escritos femininos. De acordo com Cox (2008) embora alguns autores de livros de conduta ocasionalmente alertassem sobre os perigos de permitir às mulheres o acesso livre à literatura, não há evidências concretas de que esse conselho tenha sido seguido pelos pais ou tutores, nem de que os níveis de alfabetização entre as meninas tenham sido mais baixos nas últimas décadas do século XVI comparativamente à primeira metade do século.

Por um conjunto complexo de razões levou à maior visibilidade e aceitação social de sentimentos considerados misóginos durante o século XVII, especialmente quando estes eram apresentados sob a forma de pregação moral ou sátira aos comportamentos, com no caso de Passi. A literatura italiana deste período — pelo menos até o final do século XVII — pode ser caracterizada pela depreciação das mulheres, o que parece uma reação à literatura renascentista e tardo medieval que valorizava o amor, a amizade e as capacidades femininas. O gênero continuou a ser um campo de significado privilegiado para a educação masculina, como havia sido em períodos anteriores, mas os termos foram invertidos: a atitude galante de "servidão voluntária" dos poetas e amantes às mulheres foi substituída pelo antagonismo e pelo desejo de dominação. Existem diversas explicações para essa mudança (ou retrocesso) mas, segundo a bibliografia especializada, um importante fator para compreender tal transformação nas atitudes de gênero e sua expressão poético-literária no século XVII é o “ressurgimento” da misoginia (Cox, 2008).

Se as atitudes afirmativas em relação às mulheres, que surgiram como amplamente difundidas nas cortes do início do século XVI, serviram para definir uma identidade de grupo para uma geração de literatos no processo de moldar uma literatura vernacular "moderna" e cortesã, a misoginia renascida do início do Seiscentos reflete um processo paralelo de renegociação cultural, à medida que a fórmula petrarquista de longa duração cedeu sob a pressão de formas mais novas e "contemporâneas". (Cox, 2008, p. 179, tradução nossa⁵⁶).

O petrarquismo influenciou decisivamente a escrita poética do século XVI, tornando-se um alvo das críticas posteriores, especialmente por parte dos escritores tardo renascentistas que foram denominados pela crítica literária e artística como representantes de uma ruptura estética. Com isso, a misoginia emergiu como um tema literário atraente, oferecendo as mesmas oportunidades de exibição retórica que o tema, agora desgastado, da "nobreza e excelência" das

⁵⁶ If the affirmative attitudes to women that emerged as widespread in the courts of the early sixteenth century served to define a group identity for a generation of letterati in the process of fashioning a “modern,” courtly vernacular literature, the born-again misogyny of the early Seicento reflects a parallel process of cultural renegotiation, as the long-enduring Petrarchist formula gave way under the pressure of newer and more “contemporary” forms.

mulheres havia oferecido, mas com as vantagens da novidade e de um espaço maior para a grosseria e o humor satírico. De acordo com Virginia Cox (2008) não é possível apresentar esta tendência literária como definidora da literatura do século XVII, mas é possível afirmar que os escritos com vitupérios e insultos às mulheres se tornaram cada vez mais frequentes.

Compreender a reação misógina em diferentes campos do pensamento e das práticas sociais na Itália do século XVII exige um considerável esforço analítico. Para alcançar o objetivo deste capítulo, é necessário considerar questões relativas à audiência e ao mecenato, tão importantes para a compreensão da mudança cultural quanto foram para compreender a virada protofeminista dos séculos XV e XVI (Cox, 2008). Na Itália do século XVII houve um declínio das pequenas cortes que tiveram papel importante no mecenato renascentista. Os mais notáveis centros da cultura humanista e artística italianos foram perdendo sua importância. Por volta da década de 1630, apenas os Médici, em Florença, e a Casa de Savoia, em Turim, permaneceram como ativos mecenas culturais. Esse declínio das cortes principescas italianas resultou na transferência da liderança cultural para outros Estados da península italiana, como as repúblicas de Veneza e de Gênova (anteriormente controlada pelos espanhóis), o reino espanhol de Nápoles e, majoritariamente, a corte papal em Roma. Comparados às cortes principescas do Renascimento, esses centros de poder e cultura não foram ambientes favoráveis ao patrocínio das letras e das artes produzidas por mulheres. As repúblicas de Veneza e Gênova excluíram ainda mais as mulheres das esferas pública e política e, conseqüentemente, contribuíram para a sua marginalização cultural (Cox, 2008).

Além destas considerações sobre o impacto do gênero no mecenato, é necessário entender a influência da Igreja durante a Contrarreforma. O medo e a suspeita em relação à sexualidade feminina estiveram fortemente enraizados na tradição cristã, assim como uma profunda desconfiança das reivindicações das mulheres em relação à liberdade e autoridade espiritual. A Igreja reforçou o princípio da hierarquia clerical e de gênero, impondo um controle mais rigoroso sobre as ordens religiosas femininas. Entre os laicos, a doutrina e as normas da Igreja após o Concílio de Trento reforçaram as pressões sociais para uma vigilância estrita sobre a vida das mulheres. O rigorismo religioso e secular não se manifestou somente na vida religiosa e familiar das mulheres, mas também teve repercussões significativas na cultura escrita. A antiga desconfiança da Igreja e do clero em relação às mulheres se refletiu na produção literária, tanto em textos religiosos quanto laicos. A misoginia encontrou terreno fértil naquele contexto de controle e vigilância, e a literatura da época passou a divulgar preconceitos arraigados e desconfianças e a reforçar a liminaridade social das mulheres, de forma mais acentuada do que

fora no século XVI, contribuindo para a elaboração de uma cultura literária que frequentemente retratava as mulheres de maneira negativa (Cox, 2008).

Autores do clero que escreveram sobre educação no final do século XVI, como Silvio Antoniano (1540-1603) e Agostino Valier (1531-1606), propuseram modelos de educação feminina rigorosamente baseados na disciplina e no controle do comportamento. Esses modelos enfatizavam a castidade, o silêncio e a obediência, em detrimento de uma educação letrada (Cox, 2008). Há evidências de que os argumentos a favor das mulheres começaram a enfrentar nova resistência a partir do final do século XVI. Outros exemplos desse *backlash* pós-tridentino, são dois dos principais defensores das mulheres que escreveram na década de 1620: Cristoforo Bronzini e Francesco Agostino della Chiesa (1593-1662), que enfrentaram problemas com as autoridades e com a Igreja devido às suas posições profeministas. A obra de Bronzini, *Delle dignità e nobiltà delle donne*, de 1622, foi retirada de circulação e incluída no *Index*, aguardando uma “correção”. O livro só foi reeditado em 1624.

As críticas que a obra atraiu são indicadas numa lista de manuscritos na Biblioteca Nazionale de Florença, revelando as principais preocupações do acusador anônimo de Bronzini com transgressões da ortodoxia religiosa. Alguns destes pontos doutrinários, no entanto, dizem respeito precisamente aos homens e às mulheres. Assim, a clássica afirmação profeminista de Bronzini de que a dominação dos homens sobre as mulheres era “injusta e tirânica”, foi presumivelmente vista pelo acusador como uma negação da justiça do mandato de Deus a Eva em Gênesis 3.16 de que “o teu desejo será para o teu marido, e ele governará sobre ti (Cox, 2008, p. 190, tradução nossa⁵⁷).

A censura aos argumentos em favor das mulheres demonstra a crescente hostilidade em relação a elas, bem como o impulso para restringir sua participação na sociedade e na cultura. A transição do ideal de mulher culta para um modelo de obediência, passividade e silêncio esteve alinhada à doutrina da Igreja da Contrarreforma, que percebia a educação e a liberdade femininas como potenciais ameaças à ordem social e espiritual. O controle rigoroso das mulheres na esfera privada e, principalmente, na esfera pública, era considerado essencial para manter a moralidade e estabilidade social. O impacto dessas mudanças não se limitou à educação, mas se estendeu a outros domínios da vida das mulheres, restringindo suas oportunidades de expressão e influência. A marginalização das mulheres nas esferas cultural e

⁵⁷ The criticisms the work attracted are indicated in a manuscript list in the Biblioteca Nazionale of Florence, which reveals the main concerns of Bronzini’s anonymous accuser to have been with perceived transgressions of religious orthodoxy. Some of these doctrinal points, however, precisely concern the relation of the sexes. Thus Bronzini’s classic profeminist claim that men’s domination over women was “unjust and tyrannical” was presumably viewed by the accuser as denying the justice of God’s mandate to Eve in Genesis 3.16 that “thy desire shall be to thy husband, and he shall rule over thee.

intelectual fomentou uma visão conservadora de gênero que perdurou por muito tempo, consolidando um modelo de feminilidade baseado na submissão, na obediência e no confinamento ao espaço doméstico.

A tendência rigorista em relação à educação das mulheres reconhecia a conveniência da alfabetização para meninas de famílias abastadas, mas restringia a educação letrada ao mínimo necessário para o cumprimento de seus papéis como esposa, mãe, anfitriã e para a prática religiosa. O acesso irrestrito à cultura letrada poderia despertar sentimentos e imaginações inadequados às mulheres, como a ambição e o desejo de reconhecimento público, o que poderia ameaçar a integridade moral das mulheres e de suas famílias. A educação feminina restrita, centrada no reforço da castidade, do silêncio e da obediência, impactou a produção literária feminina, reduzindo tanto a quantidade quanto a diversidade de temas abordados. As escritoras italianas do século XVII passaram a se concentrar mais em temas religiosos e morais, em parte devido à influência direta da Igreja e, por outro lado, porque essas eram as obras mais aceitáveis tanto para os censores e editores quanto para os patronos que ainda apoiavam financeiramente as mulheres escritoras.

Neste cenário mais fechado e restrito pela censura, o ambiente literário tornou-se menos favorável e atraente para a escrita feminina em comparação com o Renascimento. Não se trata apenas de uma questão de números, embora tenha havido um declínio significativo no número de mulheres publicando obras (Cox, 2008). Além do número de autoras publicando de forma independente ou com apoio das famílias, houve uma diminuição das antologias, que desempenharam um importante papel na cultura escrita renascentista ao divulgar e elaborar uma tradição literária feminina. No século XVII, o número de novas escritoras foi notavelmente menor em comparação com os séculos XV e XVI, e aquelas que se aventuraram na escrita estavam menos integradas culturalmente, com suas obras desfrutando de menor prestígio e difusão (Cox, 2008). Isso se constata especialmente quando a geração de escritoras nascidas nas décadas de 1550 e 1560, que começaram a publicar nas décadas de 1580 e 1590, é comparada com aquelas nascidas por volta de 1590 ou início de 1600, que se tornaram escritoras nas décadas de 1620 e 1630. Entre estas últimas, é possível citar Arcangela Tarabotti (1604-1652) e Margherita Costa (1600-1657), que alcançaram uma notabilidade comparável à de Moderata Fonte e Lucrezia Marinella (Cox, 2008).

Era usual entre as escritoras italianas daquele contexto finissecular e de meados do século XVII, a prática de dedicar suas obras às mulheres das grandes famílias da Itália. Lucrezia Marinella, por exemplo, dedicou sucessivamente suas obras às duquesas de Ferrara e Mântua. Moderata Fonte dedicou seu *Floridoro* a Bianca Cappello. Isabella Andreini dedicou *Mirtilla* a

Lavinia della Rovere. Entretanto, com o declínio das cortes principescas como centros de produção cultural e consumo literário, tornou-se mais difícil para as escritoras encontrarem patrocinadoras proeminentes que lhes garantissem uma recepção favorável. Esta dificuldade pode ter levado os editores a serem menos inclinados a aceitar obras de escritoras. Evidências que corroboram essa hipótese incluem a publicação de pequenos grupos de obras escritas por mulheres, cujas patrocinadoras ainda eram mulheres de famílias poderosas que exerciam influência cultural e política (Cox, 2008). Um exemplo foi Maria Maddalena da Áustria (1589-1631), grã-duquesa de Toscana, casada com o grão-duque Cosme II de Médici, que recebeu a dedicatória da obra *De' gesti heroici della serafica Santa Caterina* (1624) de Lucrezia Marinella.

A análise das mudanças na escrita das mulheres na Itália, durante o século XVII, mostra um contexto cultural profundamente influenciado pela Contrarreforma, no qual o ambiente literário tornou-se cada vez menos favorável para as mulheres, devido ao aumento da disciplina e do controle moral impostos pela religião católica. Tal cenário levou tanto à diminuição do número de novas escritoras, quanto à redução da diversidade e prestígio de suas obras. A censura e a limitação do patrocínio nas cortes seculares e a ascensão de novos centros de poder cultural, como a corte papal, desfavoreceram ainda mais a produção cultural feminina na literatura e nas artes. O resultado foi uma literatura que passou a enfatizar temas devocionais e moralistas, alinhada com a doutrina religiosa e refletindo uma sociedade cada vez mais conservadora em relação ao gênero. A produção literária feminina, anteriormente ampla em temas, incluindo a Teologia, foi reduzida a abordagens sobre virtudes, compatíveis com a visão tradicionalista de gênero promovida pela Igreja da Contrarreforma.

O último livro publicado por Lucrezia Marinella, em 1645, *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, exemplifica essa transição cultural e de gênero na Itália. No início de sua produção como escritora, Marinella abordou temas em defesa das mulheres e de suas virtudes; entretanto, nesse último livro, passou a exortar as mulheres a seguir a moral vigente e os comportamentos alinhados à doutrina religiosa e às expectativas sociais de casamento e maternidade. Esta mudança de estilo e de orientação narrativa demonstra como as escritoras tiveram que se adaptar aos rigores do seu tempo e às novas exigências impostas pela Contrarreforma.

Agora, é essencial verificar se essa hipótese se confirma com o último livro de Marinella — ou seja, se a autora veneziana de fato teve sua visão de mundo alterada em relação ao gênero e ao lugar das mulheres na sociedade e na cultura. Essa análise visa compreender as supostas mudanças em suas perspectivas ao longo do tempo, comparando suas novas exortações

com os argumentos apresentados em sua obra anterior, *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*.

4.2 DA VIDA PÚBLICA À EXORTAÇÃO DOMÉSTICA

Segundo Sinclair (2018), a primeira exortação de Marinella sugeria às mulheres uma vida reclusa, afastada do público. Ela elogiou figuras históricas como as antigas virgens romanas devotas à deusa Vesta, recorrendo à longa tradição sobre as virtudes femininas e seu lugar na família, fundamentada nas leis divinas e naturais, demonstrando a sabedoria de Deus. Marinella comparou as mulheres a tesouros preciosos e delicados (como pedras preciosas, ouro e prata, que são geralmente escondidos e protegidos nas profundezas da terra), ou a figuras importantes (reis e príncipes venezianos, que raramente aparecem em público para preservar sua natureza especial contra a exposição excessiva).

A virtude e a bondade que provêm das boas ações realizadas em casa devem ser mantidas dentro dessas paredes como algo justo e decente. Não posso deixar de elogiar os pensamentos e palavras de um homem tão grandioso e condenar a ambição de algumas mulheres que, por causa de alguma nobre e elevada virtude que não lhes convém, desejam que seus nomes circulem na cidade e entre os homens (Marinella, 2012, p. 43, tradução nossa⁵⁸).

Marinella fez uma crítica aberta e veemente às mulheres que buscam reconhecimento público, afirmando que sua honra, uma qualidade divina, poderia ser facilmente manchada pela fofoca motivada pela exposição pública (Price; Ristaino, 2008). Segundo as autoras, é perceptível que Marinella pretendia convencer as mulheres de que uma vida privada seria como um presente divino e a chave para a felicidade, proporcionando afastamento dos problemas da sociedade e promovendo a reflexão e o aperfeiçoamento espiritual.

⁵⁸ The virtue and goodness that proceeds from the good deeds one performs at home must be kept within those walls as a just and decent thing. I cannot but praise the thoughts and words of such a great man, and condemn the ambition of some women who, because of some noble and high virtue that does not suit them, desire their names to circulate in the city and among men.

Portanto, é bom fugir de todas as coisas que causam danos, especialmente à própria honra. O remédio é o recolhimento. Você manterá sua reputação no segredo de sua casa. O recolhimento é talvez mais valioso do que se comumente acredita. Todas as coisas preciosas fogem do olhar dos outros, pois parece que, ao se mostrarem, perderiam valor e importância. A natureza esconde gemas, ouro, prata e outros tesouros nas profundezas da terra porque são preciosos e cobiçados (Marinella, 2012, p. 44, tradução nossa⁵⁹).

Na última obra de Marinella, a autora mencionou filósofos e autores cristãos que levaram uma vida reclusa a fim de melhor compreender os mistérios divinos e da Natureza. Para ela, Deus e a Natureza estavam na origem de tudo, e as mulheres deveriam atender seus mandatos, cuidando de seus corpos, suas reputações e ações no espaço preservado da casa e da família. Ela afirmou que “parece que Deus e a natureza destinaram tal recolhimento às mulheres mais do que a outros” (Marinella, 2012, p. 45, tradução nossa⁶⁰). Marinella sempre destacou a primazia de Deus como causa originária de todas as coisas existentes do mundo: em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini* ela defendeu que, à primeira vista, todas as coisas parecem igualmente perfeitas por derivarem da mesma causa, mas, ao examinar mais profundamente, diz que o Criador teve diferentes concepções ao produzi-las.

Lucrezia Marinella compreendeu que essa vontade criativa está na origem dos anjos, do céu, dos seres humanos e da terra, em diferentes níveis de perfeição. Adentrando filosoficamente no debate sobre as causas e a origem da criação, discutiu a concepção platônica das Ideias, que seriam as representações eternas e exemplares das coisas, encontrando seu lugar na mente suprema antes de serem criadas. Para exemplificar esse conceito, ela recorreu à analogia de um artista que desejava pintar a Vênus graciosa, ou um arquiteto planejando um palácio magnífico: ela ressaltou que, antes de começarem a trabalhar, tanto o artista quanto o arquiteto já teriam em mente a forma do que iriam criar, seguindo um padrão preestabelecido. Marinella identificou essa imagem mental como a Ideia ou o modelo que reside na mente do criador antes de ser materializado. A autora acreditava que este exemplo era conhecido por muitos e defendia que a concepção de um palácio grandioso e harmonioso era mais elevada do que a de uma modesta cabana, assim como a Ideia de uma bela ninfa era mais nobre do que a de um sátiro grosseiro.

⁵⁹ Therefore, it is good to flee all things that cause damage, particularly to one's honor. The remedy is seclusion. You will keep your reputation in the secrecy of your house. Seclusion is perhaps worthier than is commonly believed. All precious things flee the gaze of others, as it seems that in showing themselves they would lose value and worth. Nature hides gems, gold, silver, and other treasures in the depths of the earth because they are precious and coveted.

⁶⁰ It seems that God and nature have assigned such seclusion to women more than to others.

Aristóteles identificou quatro causas em sua metafísica: matéria, substância, origem da mudança e finalidade (Marques, 2016). Seu objetivo principal era analisar a teoria das causas à luz dos filósofos pré-socráticos, que discutiram princípios e causas. Os pré-socráticos consideravam que tudo no mundo tinha uma natureza material e um princípio gerador de todas as coisas. Por outro lado, Platão, influenciado por Sócrates, concentrou-se em questões éticas, separando o mundo sensível do mundo das Ideias. Esta teoria estabelece que as coisas no mundo sensível existiriam por meio da "participação" nas Ideias, como a beleza e o bem.

Além disso, segundo Marques (2016), a divergência crucial entre Platão e Aristóteles seria a separação de mundos; Platão coloca o mundo das Ideias acima do mundo sensível, considerando-o um mundo ideal, perfeito, eterno e imutável — um refúgio para o pensamento, em contraste com a constante mudanças das coisas sensíveis. Leitora de ambos os pensadores, Lucrezia Marinella se aproximou das ideias Platão ao afirmar que a mulher é mais perfeita do que o homem. Essa superioridade pode ser observada pela beleza e bondade, características filosoficamente reconhecidas. Além disso, ela concluiu que:

Não há filósofo ou poeta que deixe de atribuir essas qualidades a elas, e não aos homens. Posso confirmar, além disso, que a ideia de uma mulher encantadora adornada de beleza é mais nobre do que a de uma mulher menos bela e agradável (Marinella, 1999, p. 53, tradução nossa⁶¹).

Tal distinção encontrava amparo nos escritos de outros contemporâneos notáveis e respeitados, como Luigi Tansillo (1510-1568), um erudito neoplatônico para quem “entre as Ideias mais sagradas, entre as mais belas que estão reservadas no seio da mente divina e principal de seu eterno criador, o nosso não brilha menos no céu do que a lua em bela serenidade entre as estrelas” (Tansillo, p. 65 *apud* Marinella, 1999, p. 54). Inserida nesse longo debate filosófico renovado pelos neoplatônicos e aristotélicos renascentistas, Marinella equiparou as mulheres às Ideias na mente suprema. Ao fazer esta comparação, a veneziana estava afirmando que as mulheres tinham potencial para alcançar a virtude, a excelência e a sabedoria de forma superior aos homens. Neste sentido, em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancanenti de gli uomini* ela desafiou as visões tradicionais de sua época, que limitavam o lugar das mulheres na sociedade e na esfera intelectual devido à sua suposta natureza material e corpórea.

⁶¹ There is not a philosopher or poet who fails to attribute these qualities to them, rather than to men. I can confirm, furthermore, that the Idea of a charming woman adorned with beauty is nobler than that of a less beautiful and pleasing one.

Em sua última obra, Marinella trouxe novamente a referência a Deus como causa originária, determinando, entretanto, uma vida doméstica e de reclusão às mulheres. De acordo com Sinclair (2018), em conformidade com as discussões sobre o assunto na literatura de conduta e na *querelle des femmes*, Marinella invocou o princípio aristotélico de virtudes e condutas baseado no sexo, conforme “determinado” pela natureza, incluindo extensas citações Aristóteles em latim.

É possível conceber que o argumento de Marinella a favor da reclusão das mulheres enquanto algo adequado à natureza feminina constitui, de fato, uma reviravolta em relação ao livro publicado anteriormente, *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. Neste ela teria rejeitado veementemente a posição aristotélica em favor da teoria platônica ao argumentar que são os homens, e não a natureza, que impedem as mulheres de exercerem atividades intelectuais e espirituais. Isto, pelo medo de serem superados por elas.

Em *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, Marinella rejeitou explicitamente este posicionamento anterior. Ela afirmou que alguns acreditavam que a reclusão teria sido imposta pelos homens para manter as mulheres confinadas e que, embora ela mesma também tenha feito essa afirmação, após se entender como uma escritora mais madura percebeu que a reclusão das mulheres não é invenção dos homens, tampouco ação de um ânimo apaixonado, mas sim a expressão da vontade e providência da Natureza e de Deus (Sinclair, 2018).

A invocação da tradição filosófica e religiosa sobre a reclusão e sua declaração explícita de adesão mostram que Marinella se distanciou de forma enfática da posição protofeminista adotada em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*.

Ainda na primeira exortação, Marinella citou Torquato Tasso, escritor aristotélico para quem a virtude da mulher se manifestava dentro de casa, enquanto a do homem se realizava fora dela. A referência é, no mínimo, curiosa, pois em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*, Tasso foi um dos mais importantes destinatários de Marinella. Ela respondeu às críticas do pensador dirigidas às mulheres no discurso do século XVI, *Della virtù femminile e donne scæle*, no qual ele argumentou que as mulheres seriam naturalmente mais fracas e imperfeitas que os homens, comparando-as à mão esquerda. Tasso também abordou as virtudes intelectuais, julgando muitas delas desnecessárias para as mulheres. Entre essas virtudes, ele incluiu a prudência, que considerava necessária somente na medida em que permitisse às mulheres serem obedientes aos homens. Tasso introduziu, assim,

o conceito de "virtude feminina", sugerindo que apenas rainhas, princesas e damas heroicas mereciam o título de "senhora" (Marinella, 1999).

Para refutá-lo, Marinella argumentou que a comparação entre a mão direita e a esquerda, feita por Platão, sugere que não há diferença fundamental entre homens e mulheres. Contestando a afirmação de Tasso de que as mulheres não precisam de força, Marinella citou inúmeros exemplos de mulheres que demonstraram coragem e resiliência em situações desafiadoras, transcendendo a simples obediência. Assim, segundo a autora em um primeiro momento, a argumentação de Tasso era inconsistente e carecia de fundamentação sólida.

Estes são os pontos essenciais que Torquato Tasso defende no seu discurso, aos quais respondo que se ele tem a mesma opinião de Tácito e Aristóteles, deve apoiá-la com alguma base boa e sólida, se quiser refutar aquela resposta tão verdadeira feita por Platão sobre o tema da mão, que dizia que não há diferença entre a direita e a esquerda, como pode ser frequentemente observado no uso diário. Quando acrescenta, instigado pela autoridade de Aristóteles, que as mulheres não têm necessidade de fortaleza, afirmo que não aceitamos a opinião de Aristóteles como verdadeira, tendo produzido no nosso livro mil exemplos de mulheres fortes, e não apenas de rainhas [...] não admito esta suposição dele (Marinella, 1999, p. 169, tradução nossa⁶²).

É notável a mudança argumentativa de Lucrezia Marinella entre as obras aqui analisadas. Afinal, Marinella inicialmente refutava a visão aristotélica de Tasso, que defendia a inferioridade natural das mulheres e a necessidade de sua reclusão para preservar virtudes como *pudicizia*, *vergogna* e *silenzio* (modéstia, vergonha e silêncio). Em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini* ela argumentou vigorosamente que a limitação das mulheres a papéis domésticos era algo imposto pelos homens, e não pela natureza. Logo, as mulheres seriam capazes de grandes feitos quando não fossem restringidas. Contudo, em suas *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, Marinella adotou um discurso que parece apoiar a reclusão feminina como um estado natural e divinamente ordenado.

De acordo com Price e Ristaino (2008) Marinella iniciou sua segunda exortação apresentando uma personagem fictícia: uma mulher que desejava ser reconhecida além das “paredes domésticas” por seu conhecimento e aprendizado. Embora Marinella tenha reafirmado que o conhecimento e a aprendizagem podem proporcionar felicidade, é perceptível que ela

⁶² These are the essential points that Torquato Tasso makes in his discourse, to which I reply that if he is of the same opinion as Tacitus and Aristotle he must support it with some good and solid grounding, if he would refute that very true answer made by Plato on the subject of the hand, which was that there is no difference between the right and the left, as can be frequently observed in everyday use." When he adds, incited by Aristotle's authority, that women have no need of fortitude, I say that we do not accept Aristotle's opinion as true, having produced a thousand examples of strong women, and not just of queens, in our book [...] i do not admit this supposition of his.

buscava desencorajar as mulheres de seguir esse caminho, pois considerou que isso poderia levar ao *stratiamento di intelletto* (estranhamento do intelecto), resultando em *disgusti, travagli, & afflitioni di animo* (descontentamento, dor e aflição da alma).

Marinella, então, enumerou duas razões convincentes para desaconselhar as mulheres a se dedicarem ao estudo das letras: a censura de outras mulheres, que as acusariam de negligenciar as tarefas domésticas; e a inveja de amigas e vizinhas, que encontrariam pretextos para atacá-las, mesmo sob o disfarce de elogios.

Algumas mulheres não se contentam que seu sucesso permaneça quase enterrado dentro das paredes domésticas; elas querem que seus nomes sejam considerados dignos de glória e louvor entre as pessoas por causa de seu conhecimento e sabedoria. Elas esperam que isso lhes traga grande honra. É verdade que o conhecimento, se apreciado, nos faria felizes em todas as empreitadas humanas, mas esse não é o caso. Muitas mulheres, cegas pela esperança vã, dedicam-se aos estudos. Algumas têm sucesso, outras não – o mesmo ocorre com os homens – mas, ainda assim, exorto as mulheres a evitar esse tormento da mente e cuidar de sua própria virtude para escapar da decepção, do cansaço e das aflições da alma (Marinella, 2012, p. 54, tradução nossa⁶³).

Price e Ristaino (2008) também ressaltam a consciência de Marinella a respeito dos custos que uma mulher poderia ter ao buscar o conhecimento, que frequentemente enfrentava constante crítica e desconfiança, criando um ambiente de hostilidade e ressentimento ao seu redor. Assim, Marinella buscava alertar para as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres que tentam transcender os limites impostos pelas convenções sociais da época (Price; Ristaino, 2008).

É intrigante perceber que Marinella, escritora de inúmeras obras e, principalmente, uma ávida leitora de tantas outras, exortou as mulheres a não seguir a vida das letras. Essa recomendação contraditória e explícita entre sua prática pessoal e seus conselhos revela em partes as complexidades e tensões do contexto cultural e social em que ela estava inserida. Marinella, ciente das adversidades enfrentadas por mulheres intelectuais em uma sociedade predominantemente patriarcal, talvez tenha reconhecido a imensa dificuldade de alcançar reconhecimento e respeito — mesmo para aquelas dotadas de grande talento e dedicação.

⁶³ Some women are not happy for their success to remain all but buried within domestic walls; they want their names to appear worthy of glory and praise among the people because of their learning and wisdom. They hope this will bring them great honor. It is true that knowledge, were it appreciated, would make us happy in all human endeavors, but this is not the case. Many women, blinded by vain hope, devote themselves to studying. Some succeed, some do not—the same is true of men—but I will nevertheless exhort women to avoid this torment of the mind and look after their own virtue in order to escape disappointment, fatigue, and afflictions of the soul.

A terceira exortação, por sua vez, destacou a natureza nobre e o valor das artes femininas. Marinella iniciou seu discurso elogiando a deusa Minerva, considerada a inventora celestial das ferramentas necessárias para fiar e tecer, bem como a patrona do aprendizado e da inteligência. A autora argumentou que o uso destas artes pelas mulheres não diminuía seu valor; ao contrário, tornava-as ainda mais louváveis. Ela fundamentou sua defesa das habilidades femininas na separação de tarefas prescrita “divinamente” e “naturalmente” entre homens e mulheres, concebida como consequência da diferença na natureza física e nas habilidades de ambos os sexos (Price; Ristaino, 2008).

Deus e a natureza tornaram o homem e a mulher habilidosos em diferentes operações para o seu benefício comum. Este foi o desejo de Deus, não alguma invenção humana. Um deles tornou-se independente e valente diante dos perigos e inconveniências das viagens, do frio, do calor e de outros acidentes incômodos. A outra foi criada delicada, fraca e gentil, para que pudesse, sem reclamar, encontrar a paz no isolamento e na solidão de seu lar (Marinella, 2012, p. 82, tradução nossa⁶⁴).

Detalhando tal diferença de maneira convencional, Marinella estava referindo-se à fragilidade do corpo feminino, o que, segundo ela, justificaria a aceitação de uma vida doméstica e mais reclusa. Para convencer as mulheres da nobreza das tarefas domésticas, ela citou rainhas e deusas como exemplos de mulheres que valorizaram os afazeres domésticos. Sinclair (2018) alerta para outro aspecto da escrita de Marinella na terceira exortação: a repressão. Marinella repreendeu as mulheres que “andavam aqui e ali”, afirmando que as artes femininas deveriam ser exercidas no âmbito doméstico e não no espaço público.

Por isso, exorto-vos a cuidar apenas do governo e do enriquecimento da vossa casa, e isso será suficiente [...] E se algumas de vocês já se dedicaram às disciplinas intelectuais, deveriam, no entanto, praticar a virtude feminina, que é apreciada por todos e goza de grande consideração e dignidade. Assim você fará brilhar a sua virtude com dupla luz (Marinella, 2012, p. 95, tradução nossa⁶⁵).

Já a quarta exortação, Marinella exaltou as vantagens do silêncio e da moderação nas palavras. Diferentemente das exortações anteriores, esta não foi direcionada especificamente às

⁶⁴ God and nature made man and woman skilled at different operations for their common benefit. This was God’s desire, not some human invention. One of them was made independent and valiant in the face of the dangers and inconvenience of travel, cold, heat, and other bothersome accidents. The other one was created delicate, weak, and gentle, that she might, without complaining, find her peace in the seclusion and solitude of her home.

⁶⁵ Therefore, I exhort you to attend only to the governance and enrichment of your house, and this will be suficiente [...] And if some of you have already de voted yourselves to intellectual disciplines, you should nevertheless practice womanly virtue, which is appreciated by everyone and enjoys great consideration and dignity. This way, you will make your virtue shine with a double light.

mulheres, permitindo que Marinella iniciasse com afirmações gerais sobre a importância da fala e do silêncio como expressões da sabedoria e da prudência. Marinella, neste momento, citou exemplos da História Antiga, da filosofia, da mitologia e da literatura para ilustrar os benefícios do silêncio (Price; Ristaino, 2008).

Ela apresentou figuras históricas e mitológicas que demonstravam a sabedoria de saber quando falar e quando calar, destacando que o silêncio pode ser uma forma poderosa de comunicação, além de uma marca de inteligência e prudência. Extrapolando as referências clássicas, Marinella também incentivou seus leitores e leitoras a se comportarem como o galo que bate três vezes as asas antes de "falar", sugerindo a necessidade de refletir antes de enunciar palavras. Da mesma forma, a veneziana estabeleceu uma comparação entre a fala humana e a água de um rio, que carrega consigo as boas e más qualidades de sua fonte e de seu leito. Essa metáfora sugere que as palavras, assim como a água, podem refletir tanto virtudes quanto defeitos, dependendo de sua origem e uso (Price; Ristaino, 2008).

Exortamos aqueles que não conseguem raciocinar com sabedoria e maturidade a ficarem em silêncio ou falarem muito pouco, pois a lentidão esconde a estupidez da ignorância. Assim como a fala revela o valor de uma língua aprendida, também revela a futilidade e a vaidade de uma língua muda ou louca. Portanto, lendo nas entrelinhas, concluímos que o silêncio é sempre mais louvável do que a fala (Marinella, 2012, p. 105, tradução nossa⁶⁶).

Marinella se posicionou a respeito do silêncio como uma virtude que impede os conflitos desnecessários, preserva a dignidade e promove o autocontrole (Sinclair, 2018). O silêncio, neste sentido, poderia ser mais eloquente do que palavras mal escolhidas, assim transmitindo sabedoria, paciência e respeito. Marinella ressaltou o uso do silêncio, principalmente pelas mulheres, de forma a entrelaçar tal ideia com conselhos práticos e filosóficos, incentivando a valorização da quietude como uma ferramenta para o crescimento pessoal e social.

Sobre a quinta exortação, Amy Sinclair (2018) destaca a abordagem tradicional de Marinella em relação à modéstia no vestuário e na ornamentação. Marinella parece expressar uma posição moralista sobre o vestuário, afirmando que o verdadeiro ornamento da mulher é a simplicidade e a sobriedade na maneira de se vestir. Partindo desta noção, ela criticou

⁶⁶ We exhort those who cannot reason wisely and maturely to keep silent or talk very little, for slowness hides the dullness of ignorance. Just as speech reveals the value of a learned tongue, so too does it reveal the futility and vanity of a dumb or crazy one. Therefore, reading between the lines, we conclude that silence is always more laudable than speech.

veementemente a ornamentação artificial, referindo-se a ela como *frascamenti, e foggie fuori di ragione* (excessos e modas desproporcionais), e argumentou que é um erro acreditar que tais enfeites aumentariam a beleza ou a glória de uma pessoa. Em vez disso, os adornos excessivos são passíveis de reprovação e têm pouco valor para o decoro.

O verdadeiro e louvável ornamento de qualquer mulher é o uso modesto de maquiagem e jóias, e um estilo de vestir sóbrio, limpo e genuíno. É errado acreditar que o estilo excessivo e descabido, a profusão de roupas sedosas e fitas coloridas aumentam a beleza e glória. Pelo contrário, violam a dignidade e a honestidade da reputação de uma mulher. Muito mais poderia ser dito sobre este assunto, mas coloquemos isso de lado (Marinella, 2012, p. 117, tradução nossa⁶⁷).

É importante observar que essa visão moral estava presente também no livro de Giuseppe Passi, *Donneschi diffetti*, que dedicou considerável atenção ao tema. Em um discurso severo, Passi condenou a ornamentação excessiva e a audácia das mulheres em frequentar locais públicos, alertando para os perigos da vaidade. Marinella, curiosamente, partilhou da mesma reprovação em sua exortação, descrevendo detalhadamente os excessos das mulheres venezianas em gastos com ouro, pedras preciosas e ornamentos luxuosos.

Price e Ristaino (2008) destacam que Marinella criticava a prática das mulheres venezianas de arrumarem os cabelos de maneira exagerada e bizarra, frequentemente os adornando com flores e fitas para criar a ilusão de altura. Marinella comentou que as mulheres erravam ao buscar a felicidade em determinadas modas: estariam, na verdade, se tornando escravas do desejo de se destacar e se exhibir. Para aconselhar as mulheres venezianas, Marinella incluiu em seu texto dois sonetos escritos por um poeta cujo nome ela "esqueceu" (Price; Ristaino, 2008). É possível que Marinella fosse a autora dos sonetos, uma vez que justificáveis semelhantes são frequentemente utilizadas quando escritores desejam manter-se anônimos. Um dos sonetos defende a superioridade da beleza natural humana sobre qualquer decoração artificial, enquanto o outro convida as mulheres venezianas a imitarem as antigas matronas romanas que solicitaram e obtiveram de volta seus ornamentos proibidos dos anciãos da cidade.

A sexta exortação de Marinella em sua última obra encorajou os homens e as mulheres a viverem juntos em harmonia, promovendo o bem-estar da família e dos filhos. Para serem bem-sucedidos neste processo, ela recomendou ouvir os homens instruídos e sábios. Ademais,

⁶⁷ The true and laudable ornament of any woman is the modest use of make up and jewels, and a sober, clean, and genuine style of dress. It is wrong to believe that an excessive, unreasonable style, the profusion of silky clothes and colorful ribbons increase one's beauty and glory. Rather, they violate the dignity and honesty of a woman's reputation. Much more could be said about this subject, but let us put it aside.

Marinella também baseou seu conselho em uma sugestão originada de Hesíodo (776 a.C.-?) e confirmada por Aristóteles, que advoga que os homens se casem com jovens virgens. Tal recomendação visava evitar sentimentos de ciúme e permitir que os maridos incutissem seus próprios valores e preceitos em suas inexperientes esposas.

Se você seguir esse conselho, sua esposa será como uma planta jovem cujos galhos um jardineiro experiente pode dobrar na forma de diferentes animais selvagens e outras figuras. Da mesma forma, você dobrará a garota suave e simples de acordo com seus desejos. Ver o parceiro que você formou de acordo com seus desejos lhe trará uma felicidade e um consolo incríveis. Na verdade, estilos de vida diferentes não podem resultar em estabilidade e paz (Marinella, 2012, p. 128, tradução nossa⁶⁸).

Ela continuou:

Os hábitos que se adquirem numa idade precoce não podem ser mudados facilmente. Além disso, é possível que sua esposa prefira esses hábitos aos seus. Um ciúme silencioso corroeria sua alma e você nunca teria certeza do amor dela. Portanto, devemos elogiar e defender a opinião de Hesíodo como justa e louvável. Se uma mulher adotar seus hábitos, vocês serão como dois corpos com uma só alma (Marinella, 2012, p. 127, tradução nossa⁶⁹).

A sétima exortação de Marinella foi direcionada aos pais, oferecendo orientações sobre a criação e educação dos filhos para que se tornem louváveis exemplos de virtude e honra para si mesmos, suas famílias e sua pátria. Para isto, Marinella recorreu a diversas citações de filósofos antigos, especialmente Aristóteles e Platão. Ela então reconheceu o pai como o principal modelo de conduta virtuosa a ser seguido (Price; Ristaino, 2008).

⁶⁸ If you heed this advice, your wife will be like a young plant whose branches an experienced gardener can bend into the forms of different wild beasts and other figures. Likewise, you will bend the soft and simple girl according to your desires. Seeing the partner you have formed according to your desires will bring incredible happiness and consolation. Indeed, different lifestyles cannot result in stability and peace.

⁶⁹ The habits one acquires at an early age cannot be changed easily. Furthermore, it is possible that your wife will prefer those habits over yours. A silent jealousy would gnaw at your soul, and you would never be certain of her love. Therefore, we must praise and uphold Hesiod's opinion as just and laudable. If a woman adopts your habits, then you will be like two bodies with one soul.

Em outras palavras, os pais devem dar o exemplo para a vida dos filhos. Se não o fizerem, não poderão ser desculpados e deverão temer ser igualmente abandonados na velhice. Portanto, não acredito que seja possível que um pai seja tão negligente ou uma mãe tão inútil e louca que não sue, lute e trabalhe para criar seus filhos para que sejam bons e dignos entre as pessoas civis e em suas famílias e cidades (Marinella, 2012, p. 155, tradução nossa⁷⁰).

Marinella advertiu que um pai que negligencie suas responsabilidades na educação dos filhos merece ser abandonado por eles na velhice. Neste sentido, a autora forneceu conselhos práticos sobre diferentes fases da vida da criança. Ela recomendou que a amamentação materna, em vez de utilizar amas de leite, deveria habituar a criança ao frio e a outros desconfortos leves, também enfatizando a importância do exercício físico. Ademais, aconselhou os pais a protegerem as crianças das fofocas e conversas vulgares dos criados e a evitar o consumo de vinho. Marinella também recomendou que os pais ensinem a doutrina cristã para promover a honestidade.

Quanto à educação formal, Marinella propôs um plano de estudos composto pelo ensino das letras, ginástica, pintura e música. Para os meninos, ela sugeriu a inclusão de exercícios das artes militares e jogos de precisão na ginástica, destacando os benefícios desses exercícios tanto para o desenvolvimento físico do jovem quanto para a defesa da pátria, o que contribuiria para sua fama e reconhecimento eterno (Price; Ristaino, 2008).

Marinella finalizou seu livro com a oitava exortação, na qual se dirigiu às "almas das mulheres". A autora abordou a questão da beleza física, elogiando-a enquanto uma "decoração" amável que inspira o amor e conduz os indivíduos à contemplação dos Céus (Price; Ristaino, 2008). No entanto, houve uma mudança significativa de opinião sobre a origem da beleza em relação ao que ela havia exposto anteriormente no tratado *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. Enquanto no primeiro Marinella definiu a beleza como uma qualidade proveniente do divino, na oitava exortação ela reavaliou sua posição. Marinella agora passou a considerar a beleza como um fenômeno terreno, temporário e passageiro, comparável à beleza efêmera de uma rosa.

Da mesma forma, esta beleza terrena se desvaneceria e desapareceria com o tempo. Se fosse realmente divina, não perderia a sua graça tão rapidamente. Nossa alma, que participa do divino, não sofreria com o passar do tempo; é o sofrimento da parte sensível e terrena que dá a

⁷⁰ In other words, parents must set the example for their children's lives. If they fail to do so, they cannot be excused, and should fear being likewise abandoned in their old age. Therefore, I do not believe it possible for a father to be so negligent or a mother so worthless and crazy that they do not sweat, struggle, and labor to raise their children to be good and dignified among civil people and in their households and cities.

impressão de que a alma sofre. Este sofrimento é causado pelas circunstâncias e pela deterioração dos sentidos. A alma divina não envelheceria com o passar do tempo, muito menos sentiria os danos que o envelhecimento traz. Da mesma forma, se a graça da beleza tivesse uma origem celestial, ela não se deterioraria nem desapareceria. Permaneceria, assim, imutável; tal como nossa alma, que mantém sua essência divina.

A alma divina não envelhece com o passar do tempo, nem sente os danos que o envelhecimento traz. Da mesma forma, se a graça da beleza viesse do Céu, ela não sofreria e desapareceria [...] logo, a beleza humana não é uma luz celestial. A sua graça, que alguns acreditam ser divina, deriva da harmonia das partes bem-dispostas. Tudo pode produzir algum tipo de beleza ou comportamento amável que seja agradável e encantador para a alma. Isto é verdade não apenas para os humanos, mas para tudo (Marinella, 2012, p. 197, tradução nossa⁷¹).

Marinella contrastou a beleza humana com a da alma, a qual considerou verdadeiramente divina, pois a alma é imortal e nunca envelhece (Sinclair, 2018). Para ilustrar a natureza efêmera da beleza, Marinella descreveu os efeitos físicos da velhice nas mulheres: desde a perda da cor do rosto até as deficiências corporais que enfraquecem o corpo, exigindo o uso de uma bengala para apoio. Ela expressou certa surpresa diante das mulheres que perseguem o encanto temporário da beleza, como se ela fosse eterna. Para enfatizar sua mensagem, ela alternou entre se referir a *quelle* (aquelas mulheres) e *voi stesse* (você mesma). Ela advertiu de forma severa que as mulheres que depositam sua fé na beleza acabariam decepcionadas e tristes, citando o exemplo de Helena de Troia para demonstrar a futilidade de confiar no poder da beleza.

4.3 A DUALIDADE DE MARINELLA: RETRATAÇÃO OU REFLEXÃO EM

ESSORTATIONI ALLE DONNE ET A GLI ALTRI, SE A LORO SARANNO A GRADO?

Como apontado no início deste capítulo, as circunstâncias contextuais não podem ser desprezadas para um adequado entendimento da virada no teor da escrita de Lucrezia Marinella, que tanto apresentou mudanças quando comparados seus escritos *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini* e *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro*

⁷¹ The divine soul does not age with the passage of time, nor feels the damage aging brings. Similarly, were beauty's graciousness to come from Heaven, it would not suffer and disappear [...] therefore human beauty is not a celestial light. Its grace, which some believe to be divine, derives from the harmony of well-disposed parts. Everything can produce some kind of beauty or lovable man ner that is pleasing and charming to the soul. This is true not only of humans, but of everything.

saranno a grado. Defender o valor das mulheres tornou-se, naquele contexto, cada vez mais difícil, tanto pelas mudanças nas expectativas do público leitor quanto dos patrocinadores e editores. As normas de conduta e moral impostas pela Igreja Católica tornaram-se cada vez mais influentes, moldando o discurso aceitável na literatura. Tais fatores provavelmente exerceram determinada pressão em Marinella para a adoção de uma postura mais tradicionalista em sua última obra, que seria mais facilmente compreendida e aceita pelos leitores e pelas leitoras de sua época.

Apesar da necessidade de considerar a complexidade humana, bem como suas ambiguidades e contradições e as possíveis mudanças de perspectivas, esta dissertação propõe colocar em suspeição se Marinella realmente abandonou suas ideias críticas anteriores. Será uma expressão de revisionismo filosófico e cultural? Nesta última seção, busca-se, então, analisar a complexidade de sua escrita a fim de entender se houve de fato uma virada radical em suas ideias ou se é possível aventar para outras explicações — como, por exemplo, uma narrativa estratégica frente ao fechamento cultural e social para as mulheres.

Uma leitura informada pelos escritos anteriores de Marinella, sua biografia e as circunstâncias da época em que escreveu seu último livro revela várias ambiguidades e contradições. Segundo Price e Ristaino (2008), uma análise mais detida nas citações e nos comentários pode mostrar uma camada adicional de significados na forma de antíteses. A chave para uma interpretação alternativa do texto de Marinella está na figura do sofista do século V, Górgias de Leontini (485 a.C.-380 a.C.), frequentemente citado por Marinella ao longo das exortações. Embora não se possa afirmar com certeza se ela leu Górgias, uma vez que sua fonte principal foi o diálogo de Platão.

A ligação entre os diálogos de Platão e as exortações de Marinella reside tanto nas mensagens de suas declarações quanto no estilo narrativo. Tanto os sofistas quanto Sócrates favoreceram a ambivalência e a falta de conclusão no debate de uma questão ou problema (Price; Ristaino, 2008). Górgias, por sua vez, conseguiu "subverter deliberadamente as expectativas genéricas, confundindo um tipo de discurso retórico com outro e erodindo a distinção entre retórica e filosofia em si" (Wardy, 1996, p. 9 *apud* Price; Ristaino, 2008, p. 107). Górgias também é considerado o criador da "paradoxologia", que abrange o pensamento paradoxal e a expressão paradoxal. Além disso, é reconhecido como o primeiro a usar figuras de linguagem extravagantes, com recurso às antíteses e orações de duração e ritmo exatamente ou aproximadamente iguais. Ele é conhecido por proclamar que o poder retórico reside no engano, além de envolver o lúdico (Price; Ristaino, 2008).

Marinella mencionou Górgias no início da primeira exortação: “Górgias de Leontini, o mais famoso legislador, nos deixou uma máxima tão valiosa e preciosa quanto aquelas deixadas pelo oráculo de Apolo em Delos: a reputação de uma mulher não deve sair das paredes de sua casa” (Marinella, 2012, p. 43, tradução nossa⁷²). Segundo Sinclair (2018), a citação de Górgias parece estar deslocada ao se considerar a escrita anterior de Marinella, mas, indo além da primeira impressão, pode ser um uso retórico de Marinella.

[...] embora afirme abertamente a importância de a fama das mulheres permanecer dentro das paredes domésticas, a sua invocação de Górgias implicitamente direciona o leitor para um argumento alternativo: que a fama de uma mulher deve ser conhecida por muitos. A análise que se segue sugere a possibilidade de que esta citação mal colocada seja um prelúdio à sua exortação ostensivamente tradicionalista, mas simultaneamente subversiva, à reclusão (Sinclair, 201, p. 84, tradução nossa⁷³).

Nesse sentido, viabiliza-se a compreensão de que a invocação de discursos tradicionalistas sobre a reclusão por parte de Marinella e sua declaração explícita de uma mudança de postura indicam que a autora se distanciou enfaticamente da posição autoral polêmica e abertamente protofeminista que adotou em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. No entanto, é preciso ter cautela ao interpretar essa mudança como uma alteração abrupta, de forma a desconsiderar o papel da retórica e do contexto literário de Marinella. Sua aparente reviravolta “antifeminista” teria certamente atraído a atenção dos leitores contemporâneos, e o caráter explícito de sua retratação sugere um esforço para capitalizar o interesse dos leitores. Além disso, ao aparentemente negar o papel da tirania masculina na reclusão das mulheres, Marinella se distanciou dos argumentos das escritoras impopulares e difamadas, que um ano depois provocaram ataques veementes às mulheres.

⁷² Gorgias of Leontini, that most famous legislator, left us a maxim as worthy and precious as those left by the oracle of Apollo in Delos: a woman's reputation must not leave the walls of her home.

⁷³ [...] while overtly claiming the importance of women's fame remaining within the domestic walls, her invocation of Gorgias implicitly directs the reader to an alternative argument: that a woman's fame should be known to many.²⁶⁸ The following analysis suggests the possibility that this mis-citation is a prelude to her ostensibly traditionalist but simultaneously subversive exhortation to seclusion.

Esta é a razão pela qual coisas excelentes não devem ser expostas ao desejo ou julgamento das pessoas. Por esta razão, os Antigos ocultavam suas divindades sobre-humanas sob disfarces maravilhosos, preservando-as da sabedoria rude e insignificante das massas. As mulheres devem desfrutar da glória do recolhimento, pois devem ser mantidas como algo sagrado e divino. Notamos como imperadores, reis e grandes príncipes não se mostram ao povo todos os dias, tornando assim sua presença comum. Pelo contrário, ao participarem do divino, escondem-se e raramente consentem em ser vistos pelos outros (Marinella, 2012, p. 45, tradução nossa⁷⁴).

Embora Marinella pareça ter adotado uma posição tradicionalista ao argumentar que a natureza predetermina a reclusão das mulheres e não a tirania masculina, uma análise mais cuidadosa das citações (como a de Górgias) sugere que essa postura pode ter sido um artifício retórico de uma escritora que não abandonou sua defesa das mulheres. Outra evidência desse possível “truque” retórico é o fato de Marinella insistir na superioridade natural das mulheres, mesmo que isso implicasse afirmar que, por esse motivo, elas deveriam ser reclusas, escapar do julgamento público e evitar comentários desagradáveis de detratores. Essa estratégia retórica reformula a ideia da superioridade natural das mulheres concedida por Deus, como já havia feito em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*, e continuou a defender nas exortações, utilizando ironia e contradições para enfatizar essa superioridade.

Quanto à segunda exortação, Sinclair (2018) destaca que esta é a mais debatida entre os estudiosos da obra de Marinella. Alguns interpretam-na como um apelo autobiográfico para que as mulheres aceitem as desilusões associadas ao estudo das letras e à escrita, enquanto outros a veem como uma exposição da hostilidade contra a mulher intelectual, mais acusatória do que conformista. Marinella detalhou a oposição enfrentada pelas mulheres eruditas, incluindo zombarias e repreensões. Ela também expôs a resistência implacável das instituições literárias dominadas por homens, sugerindo que, se as obras de uma mulher chegassem às suas mãos, seriam julgadas não por seu mérito, mas pela sua autoria feminina (Sinclair, 2018).

⁷⁴ This is the reason why excellent things should not be exposed to people's desire or judgment. For this reason, the Ancients hid their superhuman deities under marvelous guises, preserving them from the rough and paltry wisdom of the masses. Women must bask in the glory of seclusion because they are to be kept like something sacred and divine. We notice how emperors, kings, and great princes do not show themselves to people every day, thereby making their presence common. On the contrary, as they partake of the divine, they hide themselves and only rarely consent to being seen by others.

Se ela se tornar erudita, então a insone Inveja voltará seus olhos lívidos e malévolos para ela. Seus vizinhos e amigos irão persegui-la. Enquanto fingem elogiá-la, eles na verdade a perfurarão com línguas malévolas, acreditando que ela deseja se elevar acima dos outros. Ela, portanto, não ouvirá uma única palavra gentil ou encorajadora, mas apenas palavras insinceras e mentiras enganosas. As dores corroerão seu coração, e a sabedoria que ela adquirir não lhe trará alegria, mesmo que afaste a tristeza (Marinella, 2012, p. 55, tradução nossa⁷⁵).

Marinella argumentou que a oposição enfrentada pelas mulheres eruditas não se limitava às zombarias e repreensões, mas abrangendo também uma rejeição sistemática de suas capacidades e contribuições literárias (Price; Ristaino, 2008). Este desprezo pode ser entendido como uma tentativa de preservar a hegemonia masculina nas letras e na erudição, impedindo o reconhecimento do talento feminino. Marinella revelou que, além da pressão familiar e social, as mulheres enfrentavam uma barreira institucional que marginalizava suas realizações e publicações.

Se ela se tornar erudita, então a insone Inveja voltará seus olhos lívidos e malévolos para ela. Seus vizinhos e amigos irão persegui-la. Enquanto fingem elogiá-la, eles na verdade a perfurarão com línguas malévolas, acreditando que ela deseja se elevar acima dos outros. Ela, portanto, não ouvirá uma única palavra gentil ou encorajadora, mas apenas palavras insinceras e mentiras enganosas. As dores corroerão seu coração, e a sabedoria que ela adquirir não lhe trará alegria, mesmo que afaste a tristeza. Mas se você dedicar-se ao tricô e a outras ocupações femininas, então sua família e outras pessoas irão elogiá-la porque saberão que você não está tentando superá-las com novas ideias. Portanto, você estará sempre feliz e contente, com o rosto sereno e o coração satisfeito, longe da emulação e da censura (Marinella, 2012, p. 55, tradução nossa⁷⁶).

Ela continuou:

⁷⁵ If she becomes learned, then sleepless Envy will turn its livid and malevolent eyes on her. Her neighbors and friends will persecute her. While pretending to praise her, they will in fact pierce her with malevolent tongues, believing she wants to raise herself above others. She will therefore hear not a single kind or encouraging word, but only insincere words and deceitful lies.

⁷⁶ If she becomes learned, then sleepless Envy will turn its livid and malevolent eyes on her. Her neighbors and friends will persecute her. While pretending to praise her, they will in fact pierce her with malevolent tongues, believing she wants to raise herself above others. She will therefore hear not a single kind or encouraging word, but only insincere words and deceitful lies. The pangs will gnaw at her heart, and the wisdom she gains will bring her no joy, even if it chases sadness away. But if you attend to knitting and other womanly occupations, then your family and others will praise you because they will know that you are not trying to rise above them with new ideas. You will therefore always be happy and content, your face serene and your heart satisfied, far from emulation and reproach.

Quando suas obras começarem a circular nas mãos dos homens, alguns farão caretas ao lê-las, como se tivessem provado uma fruta amarga. Outros não vão te elogiar nem criticar, mas sim dizer que você não é tão ruim para uma mulher. Ouvir que você não é tão ruim “para uma mulher” vai te machucar. Você deduz dessas palavras que sabe muito pouco, já que, em sua maioria, as mulheres não se preocupam com essas coisas. Portanto, ser declarado “nada mal para uma mulher” equivale a ser declarado “nada mal para alguém que tem pouca ou nenhuma experiência em literatura”. Estas observações fazem-te sofrer e privam-te dos elogios que tanto buscas e que te são devidos por teres superado os limites comuns (Marinella, 2012, p. 56, tradução nossa⁷⁷).

Em acordo com as estudiosas de Marinella, é plausível que a exortação da veneziana represente uma denúncia contundente das injustiças enfrentadas pelas mulheres intelectuais, mais do que uma simples virada tradicionalista. Sua crítica veemente e detalhada poderia visar, na verdade, a denúncia do quão extensa era a resistência patriarcal à presença feminina no campo literário, bem como dos desafios pelos quais as escritoras passavam para controlar essas barreiras — mesmo quando se viam pressionadas a ceder frente às expectativas tradicionais. Nesse sentido, a exortação parece servir como um desabafo de Marinella, pois, ao enfatizar a igualdade das faculdades intelectuais entre homens e mulheres, ela também reconheceu que o conhecimento das mulheres não é valorizado. Sugere-se, assim, que elas não devem aspirar a uma vida no mundo das letras. Trata-se, talvez, de um alerta.

Uma leitura similar pode ser aplicada à terceira exortação, na qual Marinella elogiou as artes femininas, como tecer, fiar e bordar no ambiente doméstico. Ela defendeu que estas atividades são adequadas às mulheres devido às suas diferenças físicas naturais. Todavia, segundo Price e Ristaino (2008), Marinella pareceu tentar conciliar dois opostos ao sugerir que as mulheres que já dedicaram grande parte de seu tempo aos estudos também pratiquem essas artes, incentivando-as a perseguir tanto competências quanto paixões. Ela se contradisse, porém, na frase seguinte ao exortar as mulheres a se limitarem ao cuidado da casa, afirmando que esta tarefa seria suficiente para se tornarem honradas. Em uma súbita mudança de estilo, Marinella fingiu ouvir a voz de Circe, sugerindo que ela fosse tomada como exemplo de mulher que praticava a arte de tecer com gosto e prazer.

⁷⁷ When your works begin to circulate in men’s hands, some will make unpleasant faces when reading them, as if they had tasted a bit ter fruit. Others will neither praise nor criticize you, but rather say that you are not too bad, for a woman. Hearing that you are not too bad “for a woman” will pain you. You infer from these words that you know very little, since, for the most part, women do not attend to such things. Therefore, to be declared “not bad for a woman” is tantamount to being declared “not bad for someone who has little or no expertise in literature.” These remarks make you suffer and deprive you of the praise that you so eagerly seek and that is your due for having over come ordinary limits.

Novamente, ao apelar para uma valorização tradicional da feminilidade, Marinella convidou as mulheres a se destacarem através de suas próprias competências, e não pelas dos outros. Em contraste com essa afirmação, contudo, ela citou *A República* de Platão, obra que declara que homens e mulheres, por natureza, podem realizar os mesmos atos, encorajando as mulheres a participarem de batalhas, comandar exércitos e governar cidades. Marinella não apenas citou Platão em tradução latina, mas também traduziu e comentou suas declarações de forma profusa, fazendo com que as exortações de Platão assumissem uma relevância maior do que as suas próprias.

Com verdadeiro amor convidei, e convido, o sexo feminino a buscar a glória para suas próprias artes, porque as coisas fora do seu domínio pouco ou nada valem. Esta é a minha opinião e o meu conselho: torne-se ilustre e famoso na sua própria arte, e não na de outra pessoa, apesar do grande filósofo que disse que homens e mulheres são naturalmente hábeis nas mesmas coisas. “As mulheres compartilham, por natureza, todos os modos de vida, assim como os homens.” Embora homens e mulheres estejam aptos para as mesmas ações, não irei, no entanto, exortar as mulheres a lutar, organizar exércitos, cavar trincheiras e paredes e proteger cidades, como Platão gostaria que fizessem (Marinella, 2012, p. 96, tradução nossa⁷⁸).

Contradizendo ainda mais o que havia escrito nas páginas anteriores, Marinella insistiu que dois interesses ou paixões diferentes não poderiam ser igualmente perseguidos com sucesso. Ela aconselhou dar preferência absoluta às tarefas domésticas, compreendendo que isso permitiria às mulheres, no final da vida, tecer vestes douradas e prateadas para os anjos e decorar as paredes do Paraíso com seus panos bordados. Marinella concluiu incentivando as mulheres a seguir suas orientações e a agradecer aos céus por alguém (ela mesma) lhes ter revelado a verdade (Price; Ristaino, 2008).

Portanto, minhas queridas senhoras, não desprezem essas lembranças minhas, ou seja, essas exortações que vocês podem praticar com uma alma tranquila e um corpo tranquilo e bem descansado. Você pode agradecer aos céus por ter alguém para lhe mostrar a verdade (Marinella, 2012, p. 98, tradução nossa⁷⁹).

⁷⁸ With true love I invited, and invite, the female sex to seek glory for their own arts, because things outside one's domain are worth little or nothing. This is my opinion and my advice: become illustrious and famous in your own art, not in someone else's, notwithstanding the great philosopher who said that men and women are naturally skilled at the same things. “Women share by nature in every way of life just as men do.” Although men and women are fit for the same actions, I nevertheless will not exhort women to fight, organize armies, dig the trenches and the vallum, and protect cities, as Plato would have them do.

⁷⁹ Therefore, my dear ladies, do not disdain these memories of me, that is, these exhortations that you can practice with a quiet soul and a peaceful and well rested body. You can thank the heavens that you had someone to show you the truth.

Esses contrastes aparentes podem sugerir um tom jocoso por parte de Marinella, caracterizado pelas flagrantes contradições em muitas de suas declarações, bem como pelos comentários irônicos ou cômicos na segunda parte da exortação. O tom jocoso fica evidente quando Marinella remonta a imagem de que as mulheres vestiriam anjos e embelezariam as paredes do Paraíso, o que é manifestamente impossível. Além disso, ao cumprir o requisito crítico e estabelecer a relação entre obra e autora, Marinella ironicamente elogia seu próprio trabalho e suas palavras, aconselhando as mulheres a serem gratas pelo fato de alguém ter-lhes indicado o caminho da verdade. É nesta via que se percebe certa ironia: no fato de que a verdade à qual ela se estava se referindo era construída a partir de palavras, fatos, citações e comentários antitéticos, forçando o leitor a elaborar sua própria verdade em meio a esse texto labiríntico. Marinella e seus leitores talvez rissem das contradições, mas de maneira desconfortável, pois implicitamente parece que a autora reconheceu a complexidade e a contradição de suas próprias exortações.

Na quarta e mais curta exortação, Marinella afirmou que o silêncio é apropriado às mulheres. É necessário lembrar que, desde *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*, Marinella enfatizava a importância da castidade, modéstia e temperança para as mulheres, mas não associava estas virtudes ao silêncio ou à exclusão das mulheres da vida pública. De acordo com Price e Ristaino (2008), Marinella compreendeu que a pouca experiência com o mundo exterior oferece às mulheres poucos motivos para falar. Apesar de elogiar a experiência como mestra, a autora afirmou que é a negação da experiência às mulheres que as obrigaria ao silêncio. Outro ponto destacado é o fato de Marinella retomar Górgias após incitar as mulheres ao silêncio, Price e Ristaino (2008) observam que o dispositivo narrativo de Marinella se assemelhava ao estilo jocoso pelo qual Górgias era conhecido. Este estilo incentivava os leitores a acreditarem e a duvidarem simultaneamente das declarações do escritor, criando uma aporia.

A escassez de palavras é atribuída principalmente às mulheres, pois elas não têm muita experiência e, portanto, não podem falar sobre muitas coisas. A experiência, como um mestre sábio, ensina o homem em sua vida, ações e palavras. É por isso que Górgias de Leontini, o grande legislador, disse que o silêncio dá glória à mulher, mas não ao homem (*mulieri decus affert taciturnitas, non ita viro*). A reclusão traz pouco conhecimento da vida humana e, portanto, o silêncio confere glória à mulher. O silêncio não deve ser elogiado quando o tempo, o lugar e as circunstâncias exigem fala. Ficar em silêncio quando for necessário falar será atribuído à ignorância, estupidez e embotamento mental (Marinella, 2012, p. 107, tradução nossa⁸⁰).

Parece que Marinella utilizou a pouca experiência das mulheres com o mundo exterior como ponto de partida para discutir o silêncio feminino. Ao elogiar a experiência como fonte de conhecimento, ela simultaneamente criticou a imposição do silêncio às mulheres. A menção estratégica a Górgias reforçou o caráter ambíguo, jocoso e sofisticado de sua narrativa, convidando leitores e leitoras a refletir criticamente sobre as normas e a dupla interpretação das suas declarações. A quarta exortação pode ser compreendida como a mais circular, pois veementemente sublinha a complexidade e a sutileza das estratégias retóricas empregadas por Marinella, que deixava questões em aberto para a interpretação de seus leitores e leitoras.

Seguindo esta perspectiva antitética, a quinta exortação apresentou sonetos que se opunham em termos de conteúdo. Marinella exortou as mulheres a não usarem ornamentos de modo exagerado, apresentando dois sonetos contrastantes: um defendia a superioridade da beleza natural das mulheres sobre qualquer ornamento artificial, enquanto outro convidava as mulheres venezianas a imitarem as matronas da Roma antiga, que solicitaram e obtiveram de volta seus ornamentos proibidos.

Um vão tormento aflige e fere o coração
Das lindas filhas de Adria.
As joias são proibidas para eles, e o belo trabalho
Essa é a glória e a recompensa da mente de uma mulher.
E ainda assim, a natureza gentil lhe deu elogios e
Beleza de marfim, púrpura e ouro,
Em seu cabelo e rosto, de longe um tesouro mais rico
Do que qualquer coisa que o esforço e a arte lhe proporcionem.
Agora toda mulher perde os ricos despojos,
Quase como a bela Vênus sobre o morto Adônis,
Derrete nuvens de lágrimas de seus lindos olhos.
Que as mulheres e meninas se adornem com tais ornamentos
Isso não está sujeito aos desejos de outra pessoa,

⁸⁰ Paucity of words is attributed to women in particular, as they do not have much experience and therefore cannot talk about many things. Experience, like a wise master, schools man in his life, deeds, and speech. This is why Gorgias of Leontini, that great legislator, said that silence bestows glory upon a woman but not upon a man (*mulieri dec us affert taciturnitas, non ita viro*). Seclusion brings little knowledge of human life, and therefore silence bestows glory upon a woman. Silence is not to be praised when time, place, and circum stances call for speech. To keep silent when speaking is required will be attributed to ignorance, stupidity, and dullness of mind. (Marinella, 2012, p. 107)

Ou às ameaças de uma estrela insidiosa.
[primeiro soneto]
(Marinella, 2012, p. 114, tradução nossa⁸¹)

No segundo soneto colocado na fonte:

Mas se as mulheres magnânimas não conseguem aplacar
Ou acalme seus corações inflamados
Ao rigor plácido do comando supremo,
Eles precisam imitar os Patrícios de Roma.
Sentindo, como eles, uma tristeza não menos dura,
Indignados eles tomaram, com alma viril,
cada encruzilhada, praça e caminho
que os Quirites viajem até o magistrado.
Com rostos firmes e palavras graciosas
A honra roubada dos ornamentos removidos
Eles perguntaram severamente àquelas mentes teimosas.
No final, os príncipes e governantes de Roma
Concedeu as joias aos seus lamentos,
E junto com as joias seus corações acorrentados.
[segundo soneto]
(Marinella, 2012, p. 115, tradução nossa⁸²)

Esse paradoxo leva o leitor ou a leitora a refletir sobre a verdadeira mensagem que Marinella desejou transmitir e sobre qual seria, afinal, seu posicionamento em relação aos ornamentos. Ao apresentar esses pontos de vista opostos, Marinella demonstrou uma complexidade de pensamento que desafiava categorizações simplistas e peremptórias. Neste sentido, rotular Lucrezia Marinella como uma figura de opinião imutável é uma abordagem reducionista. Sua obra revela uma habilidade para explorar nuances e contradições, sugerindo que sua postura pode ser mais flexível e multifacetada do que inicialmente percebido. Em outro momento de sua quinta exortação, Marinella revisitou uma discussão já abordada em sua obra *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. Neste momento, ela discutiu como as mulheres deveriam ser nomeadas e denominadas, destacando sua superioridade em relação aos homens. Nesse contexto, ela afirmou que

⁸¹ A vain torment afflicts and wounds the heart/ Adria's beautiful daughters. /Gems are forbidden to them, and the beautiful work/ That is the glory and reward of a woman's mind./ And yet, kind nature gave you the praise and/ Beauty of ivory, purple, and gold,/ In your hair and face, by far a richer treasure/ Than any that effort and art provides you./ Now every woman over the rich spoils,/ Almost like beautiful Venus over dead Adonis,/ Melts clouds of tears from her beautiful eyes./ May women and girls adorn themselves with such ornament/ That is not subject to someone else's desires,/ Or to the threats of an insidious star.

⁸² But if magnanimous women cannot placate/ Or calm their inflamed Hearts/ To the placid rigor of the supreme command,/ They need to imitate the Patricians of Rome./ Feeling, as they did, no less harsh a sorrow,/ Indignant they took, with manly soul,/ every crossroad, square, and path/ that the Quirites travel to the magistrate./ With firm faces and gracious words/ The stolen honor of the removed ornaments/ They sternly asked of those stubborn minds./ In the end, the princes and rulers of Rome/ Granted the gems to their laments,/ And together with the gems their hearts in chains.

Muitos homens – e não necessariamente apenas aqueles de pouca importância e sabedoria – acreditam que estão demonstrando respeito por uma mulher ao chamá-la de “dama”. Se eles soubessem o significado da palavra, porém, duvido que a usassem para se dirigir a uma pessoa digna. Eu – que desejo glória e orgulho para as mulheres – nunca usaria essa palavra. Se o fizesse, temeria que as mulheres ficassem com raiva de mim, e com razão. “Dama” não sugere poder e excelência, mas sim servidão e sujeição, como deixam claro as obras de muitos historiadores e escritores eruditos [...] “Dama”, então, não implica superioridade. Em vez disso, uma mulher deveria ser sempre referida pela palavra “donna”, que parece sempre indicar superioridade e poder. Na verdade, enquanto “dama” deriva e sempre sugere o estado de servidão e sujeição, “donna” deriva do estado de domínio e governo (Marinella, 2012, p. 118, tradução nossa⁸³).

Parece que Marinella tentou desafiar as convenções linguísticas de sua época ao argumentar que o termo “dama” perpetuava a ideia de servidão e sujeição das mulheres. Ela propôs que as mulheres sejam referidas como “*donna*”, um termo que denota domínio e poder, refletindo assim a verdadeira superioridade feminina. Esse posicionamento reforçou a necessidade de uma reformulação na maneira como as mulheres são vistas e nomeadas, promovendo um reconhecimento mais justo e honroso de seu papel na sociedade.

A sexta exortação Marinella afirmou que o marido deveria ter um grande nível de autoconhecimento, sendo capaz de examinar seus comportamentos e corrigir seus hábitos, se necessário, antes do casamento, pois ele se tornará modelo e exemplo para sua esposa (Price; Ristaino, 2008). Desta forma, a esposa seria um reflexo de suas próprias ações por meio do exemplo do marido. Marinella insistiu na importância do conhecimento de si, ressaltando que mulheres más são frequentemente esposas de homens maus, incapazes de reconhecer os vícios em seu próprio comportamento. Portanto, é responsabilidade do homem tornar-se um modelo honesto e louvável.

⁸³ Many men—and not necessarily only those of little importance and wisdom—believe they are showing respect for a woman by calling her “dama.” If they knew what the word meant, however, I doubt they would use it to address a worthy person. I—who desire glory and pride for women— would never use that word. If I did, I would fear that women would rightly become angry at me. “Dama” does not suggest power and excellence, but rather servitude and subjection, as the works of many historians and learned writers make clear [...] “Dama,” then, does not imply superiority. Rather, a woman should always be referred to by the word “donna,” which seems all ways to indicate superiority and power. In fact, whereas “dama” derives from and always suggests the state of servitude and subjection, “donna” derives from the state of dominion and rule.

Muitos que não conhecem nem querem conhecer as suas falhas têm esposas mesquinhas e imorais. Eles veem as falhas de suas esposas, mas não conseguem vê-las em si mesmos. Não sei o que os torna tão cegos. Os seus próprios vícios aparecem disfarçados de virtudes, ao contrário dos outros. Mas sigamos em frente. Se você é injusto, orgulhoso, ganancioso e ambicioso, e sua esposa é agradável, grata, justa, honesta e sábia, você nunca será amigo, pois não se alegrará com as mesmas coisas (*gaudebitis eisdem*), o que é o sinal da amizade. Hábitos diferentes não podem lhe trazer paz e unanimidade. Mesmo que ela seja boa, com o tempo ela pode mudar sua natureza e adotar seus maus hábitos (Marinella, 2012, p. 132, tradução nossa⁸⁴).

Conforme elucida Sinclair (2018), Marinella atenuou a carga de culpa das mulheres por comportamentos condenáveis, argumentando que muitas vezes elas eram forçadas a viver uma vida desonesta devido à imprudência e irresponsabilidade do marido. Embora reconheça a existência de mulheres insensatas, Marinella garantiu que estas formavam uma minoria e que isso não deveria afetar a opinião geral sobre as mulheres virtuosas. Ela sublinhou a importância de seguir essas diretrizes como garantia de uma união conjugal bem-sucedida. Marinella simultaneamente estabeleceu perguntas retóricas para desafiar os homens a cumprirem suas responsabilidades como chefes de família e modelos de comportamento (Sinclair, 2018). Para isso, Marinella criticou a crença de que Deus concedeu aos homens uma "quantidade" maior de inteligência do que às mulheres, questionando se é realmente possível quantificar a inteligência.

Ao considerar este comentário, é possível compreender que Marinella contradisse o fundamento principal da sua exortação ao afirmar que, se não se pode determinar os níveis de inteligência humana, consequentemente não seria viável afirmar que um gênero é mais inteligente que o outro. A ideia de que o homem deveria ser o líder e modelo para as mulheres, logo, não se sustenta, como poderia parecer à primeira leitura. Quando Marinella desafiou e questionou suas próprias afirmações, ela estava lançando seus leitores e leitoras em um turbilhão de incertezas, sem uma conclusão definitiva, incentivando-os a formar suas próprias opiniões sobre um assunto que ela aparentemente tratou de forma exaustiva.

Na sétima exortação, dedicada à educação das jovens, Marinella elogiou a leitura da boa poesia, mas desaconselhou peças de teatro ou a visualização de obras de arte que retratassem cenas imodestas. A autora concebeu a necessidade de ensinar qualidades morais aos jovens de forma gradual, destacando que a juventude deve ser guiada pela disciplina e incentivada a adotar comportamentos virtuosos (Price; Ristaino, 2008). Ademais, Marinella

⁸⁴ Many who neither know nor want to know their flaws have mean and immoral wives. They see their wives' flaws, but they cannot see them in themselves. I do not know what makes them so blind. Their own vices appear disguised as virtues, unlike those of others. But let us move on. If you are unjust, proud, greedy, and ambitious, and your wife is pleasing, grateful, fair, honest, and wise, you will never be friends for you will not rejoice in the same things (*gaudebitis eisdem*), which is the sign of friendship. Different habits cannot bring you peace and unanimity. Even if she is good, over time she may change her nature and adopt your evil ways.

celebrou a virtude da justiça, criticando a injustiça de desonrar um letrado para beneficiar um vicioso. Ela argumentou que os jovens dotados de virtudes como a temperança seriam a glória de suas cidades, atuando como governantes, capitães e professores justos. Os pais, neste sentido, não deveriam hesitar em investir recursos para proporcionar uma educação de qualidade aos seus filhos (Price; Ristaino, 2008).

Permitir que os filhos cresçam privados de virtude e cheios de vícios, muitas vezes resulta da negligência e do descuido dos pais, é um pecado que merece punição. Quando ambos os pais levam uma vida boa e irrepreensível, o seu exemplo beneficia enormemente os filhos que, tal como as frutas, tendem naturalmente a ser doces e amáveis, mas, no entanto, podem tornar-se insípidos e sem sabor se forem privados do sol (Marinella, 2012, p. 150, tradução nossa⁸⁵).

Amy Sinclair (2028) observa que Marinella incentivava os pais a serem modelos para seus filhos e defendia que os governantes deveriam obrigar os pais a proporcionarem uma boa educação para que seus filhos se tornassem bons cidadãos. O príncipe, por sua vez, deveria tratar seus súditos com justiça, protegendo os necessitados, punindo os opressores e apoiando financeiramente os letrados. Nesse contexto, é possível conceber que Marinella defendeu o direito dos letrados de criticar ou elogiar seu príncipe sem receio de represálias. Suas referências à necessidade de proteção aos letrados fizeram desta exortação uma forte declaração em favor dos amantes do conhecimento e dos escritores. Este texto se distingue por não se direcionar especificamente às mulheres, mas sim aos pais e ao papel que desempenham na educação de seus filhos. Marinella enfatizou a importância dos pais assumirem posições ativas e conscientes na formação de seus filhos, transmitindo valores, conhecimentos e habilidades que são essenciais para seu desenvolvimento. Ao fazer isso, ela estava ressaltando que a responsabilidade dos pais iria além do sustento material, englobando a criação de um ambiente educativo e moralmente enriquecedor que beneficie seus filhos e filhas.

Uma das mudanças mais significativas no pensamento de Lucrezia Marinella está na oitava exortação. Diferente de suas declarações anteriores, nesta exortação Marinella argumentou que a beleza não é uma qualidade divina, mas terrena. Ela também abordou o declínio físico, referindo-se a si mesma ao mencionar que há mulheres mais desdentadas do que ela. Para Marinella, uma vida de temperança, modéstia e boa administração da casa poderia

⁸⁵ To allow children to grow up deprived of virtue and full of vice, as often results from parents' negligence and carelessness, is a sin deserving of punishment. When both parents lead good and irreproachable lives, their example greatly benefits their children who, like fruit, naturally tend to be sweet and lovable, but nevertheless can turn bland and tasteless if deprived of the sun.

compensar a perda da beleza física. Assim, a autora aconselhou as mulheres a evitarem o uso de cosméticos para ocultar o declínio físico, sustentando que a aquisição de virtudes era a única maneira de assegurar uma aparência bela.

Portanto, as mulheres devem perceber que seus rostos não possuem a beleza dos anjos, mas uma graça que deriva da condição das partes bem formadas. A magreza, a doença e a passagem do tempo oprimem, atingem e atingem de tal forma esta constituição harmoniosa, que a Natureza magistral tão habilmente organizou, que as cores das flores desaparecem, a graça desaparece, os olhos tornam-se escuros e tristes, o dourado das mechas encaracoladas fica prateada, e as partes polidas e bem-dispostas ficam cansadas e decrépitas e precisam se apoiar em uma vara para se apoiar. Estas belezas fugazes não são divinas, mas sim flores pendentes que caem quando sopra o Vento Norte ou Auster. São como flores que murcham quando o sol está fraco (Marinella, 2012, p. 198, tradução nossa⁸⁶).

Todavia, nas páginas finais de seu texto, ela prestou uma homenagem ao deus Cupido, reconhecendo-o como gerador de harmonia e paz — apesar de ter anteriormente criticado tanto Cupido quanto a deusa Vênus na sétima exortação. Marinella, contudo, foi contra seu próprio elogio à influência positiva do amor ao argumentar que, se o amor é o "pai da beleza", como ela o denominou, ele desapareceria quando os encantos físicos se desvanecem. Segundo Price e Ristaino (2008), ao final do texto, há a nota "fim da primeira parte", mas não há registros de que Marinella tenha escrito ou publicado uma segunda parte. Além disso, é relevante mencionar que Marinella tinha 74 anos na época e faleceu oito anos depois, em 1653. Neste sentido, pode-se interpretar que a questão do declínio da beleza física refletia uma experiência pessoal real, e não apenas um tema de exortação moral. Afinal, ela demonstrava estar consciente do próprio envelhecimento,

A análise da *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* de Lucrezia Marinella requer cautela em relação à tradição retórica ocidental, particularmente no que se refere às questões paradoxais e antitéticas sobre a condição feminina (Price; Ristaino, 2008). De acordo com Bakhtin (1982), a linguagem é intrinsecamente ligada ao social, ao histórico e ao ideológico; a essência da língua reside na interação verbal, que só pode ser compreendida quando vista como um fenômeno sócio-histórico-ideológico, manifestado por meio da enunciação e da comunicação verbal concreta. Compreender a linguagem como um

⁸⁶ Therefore, women must realize that their faces do not possess the beauty of angels, but a grace that derives from the condition of well-formed parts. Thinness, malady, and the passage of time so oppress, beats, and strikes this harmonious constitution, which the powerful Nature so ably arranged, that the colors of flowers disappear, grace fades, the eyes become dark and sad, the gold of curly locks turns silver, and the polished and well-disposed parts become tired and decrepit and must lean on a stick for support. These fleeting beauties are not divine, but drooping flowers that fall when the North Wind or Auster blow. They are like flowers that wither when the sun is weak. Once greatly desired, they are now oppressed and stepped on. (Marinella, 2012, p. 198)

processo de interação verbal implica o que Bakhtin (1982) denomina de caráter dialógico: toda manifestação linguística ou discursiva é, sem exceção, socialmente direcionada e orientada para o outro. O outro não é apenas um ouvinte passivo, mas um interlocutor ativo que responde e reage ao conteúdo da comunicação. Assim, o falante molda seu estilo e estrutura da fala prevendo a resposta que espera. Não há, portanto, neutralidade discursiva nem fala individualizada, pois o sujeito é visto como um participante ativo no processo de comunicação e como parte de relações sociais e históricas.

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (Bakhtin, 1982, p. 41).

Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado pode revelar uma estratégia deliberada de Marinella para subverter as expectativas e criar uma narrativa para as mulheres. Ao aparentar fazer um apelo à vida doméstica e à reclusão, ela preservou o ritual e as aparências, enquanto apontava para a necessidade de transformação e renovação. Esse jogo de intenções, manipulado por meio de “truques” de linguagem, não é acessível a todos. Assim, Marinella pode ser considerada uma voz consciente e crítica, mesmo quando parece contradizer suas declarações anteriores, articulando as complexidades das experiências femininas numa época em que as mulheres eram frequentemente excluídas da narrativa histórica dominante, ou retratadas como uma alteridade perigosa a ser devidamente controlada.

Por meio de suas exortações e de um discurso que pode parecer tradicional à primeira leitura, Marinella expôs a superficialidade das expectativas sociais e encorajou as mulheres a moldarem-se e se reconhecerem para além dos padrões impostos. Sua ênfase na temperança, modéstia e no cultivo das virtudes como compensação pela perda da beleza física desafiou padrões estéticos, mas também promoveu certa forma de fortalecimento das capacidades femininas que transcendem o corpo e a aparência. Marinella igualmente abordou a desconexão histórica vivida pelas mulheres de sua época, causada pela ausência de uma consciência feminina positiva e, principalmente, unificada. Sua obra buscou, assim, criar uma conexão entre elas e a história, engajando suas leitoras presentes e futuras. Ao fazer isso, Marinella objetivou a criação de uma consciência ativa e coletiva, refutando a neutralidade enquanto escritora e proporcionando aos leitores e leitoras a oportunidade de exercer agência frente a um texto deliberadamente aberto, sem conclusões definitivas, à maneira de Gorgias e de seu admirado Platão.

Marinella compreendia de forma ativa seu tempo histórico e, por meio da palavra escrita, procurou se comunicar com seus leitores contemporâneos e futuros. Desta forma, *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado* não constitui somente um registro da luta da autora, mas foi também uma representação da desconexão das mulheres de sua época com a história e com a sociedade. Com sua escrita, Marinella buscava promover uma identidade feminina mais consciente e atenta, subvertendo as narrativas dominantes e criando espaço para a voz e a experiência das mulheres. Ao considerar *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*, e *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, não devemos vê-las como separadas ou como uma simples virada revisionista da autora. Ambas representam formas distintas de construir e expressar um discurso de resistência das mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, foram analisados os escritos de Lucrezia Marinella, começando com o tratado *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini*, que serviu como principal fonte documental e inspiração para esta pesquisa. Em seguida, exploramos sua outra publicação, *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, presente no último capítulo do estudo a fim de comparação e aprofundamento das discussões.

É notável que Lucrezia Marinella contou com o apoio familiar, especialmente advindo de seu pai, Giovanni Marinelli, um defensor da educação e do desenvolvimento intelectual das mulheres. Este apoio foi fundamental para que Lucrezia pudesse frequentar a biblioteca, estudar e produzir uma vasta obra literária. Paralelamente, o contexto da Querela das Mulheres no século XVI foi um registro importante da persistente luta entre defensores e detratores das mulheres, numa sociedade em transformação. Assim, a escritora veneziana, junto a outras pensadoras da época, recorreu à escrita para desafiar as normas sociais e reivindicar igualdade intelectual. No caso de Marinella, isso incluiu a afirmação da superioridade intelectual, contribuindo para uma reconsideração relevante do papel das mulheres na sociedade e na cultura.

Na primeira obra estudada, de 1601, Marinella fez uma defesa enfática da dignidade e superioridade das mulheres, desafiando a dominação masculina e as normas sociais que restringiam suas oportunidades educacionais e participação na vida pública. Ela argumentou que a beleza feminina tinha um poder transcendente, não apenas para atrair os homens, mas também para a elevação espiritual e intelectual, aproximando-os de Deus. Neste contexto, Marinella sugeriu que a apreciação da beleza física nas mulheres estava intrinsecamente ligada à contemplação de sua beleza interior e divina. Além de explorar a dimensão espiritual da beleza feminina, Marinella abordou criticamente os ornamentos e adornos das mulheres, revelando uma complexa interação entre expressão estética e os valores culturais.

A autora também defendeu o direito das mulheres de escolherem como se apresentar ao mundo, sem que isso compromettesse sua integridade ou capacidade intelectual. Ela desafiou, de sua maneira autêntica, as fórmulas narrativas tradicionais ao tratar do narcisismo dos homens, invertendo a crítica comum às vaidades femininas. Em relação à castidade, Marinella apresentou uma visão singular e, de certa forma, progressista. Enquanto muitas mulheres instruídas da época enfatizavam excessivamente a castidade para evitar suspeitas ou censuras, Marinella argumentava que as mulheres podiam manter a castidade e simultaneamente

participar ativamente da vida pública, sem que tais fatos entrassem em contradição. Para Marinella, a castidade funcionava como uma proteção que permitia às mulheres a expressão e a participação na vida pública de maneira plena e respeitável. Ela criticava a associação entre castidade e educação superficial, apontando que a limitação educacional imposta às mulheres era uma estratégia para manter seu papel submisso e inferior na sociedade.

Marinella também desafiou a tradição filosófica, especialmente as ideias de Aristóteles sobre a superioridade masculina. Ela desenvolveu uma interpretação filosófica própria, que afirmava com clareza a superioridade feminina. Marinella argumentava com veemência que as mulheres possuíam potencial para realizações intelectuais notáveis, desafiando a crença de que seu papel na sociedade deveria ser restrito à esfera privada. Ela criticava a limitação das oportunidades educacionais como uma forma de injustiça que impediria o pleno desenvolvimento de seu potencial. Marinella assim sustentava que, se fossem concedidas às mulheres os mesmos benefícios educacionais que os homens, elas poderiam, sem dúvidas, alcançar feitos intelectuais e contribuições igualmente grandiosas.

Além de defender a igualdade intelectual das mulheres, Lucrezia Marinella demonstrou coragem singular ao enfrentar os detratores das mulheres com eloquência e firmeza. Sua metodologia única era caracterizada pela combinação de crítica aguçada, formulação de hipóteses ativas e conclusões respaldadas por citações, o que a distingue significativamente no panorama intelectual de sua época. Marinella transcendia o questionamento dos argumentos de autores renomados, como Aristóteles, passando igualmente a utilizar estes mesmos argumentos para refutar as ideias que perpetuavam a visão de inferioridade feminina.

Sua abordagem em *La nobiltà et l'eccellenza delle donne co'diffetti et mancamenti degli uomini* foi marcante pela sua postura intelectual e argumentação destemida. Em vez de simplesmente reiterar os discursos anteriores, Marinella se engajou em uma análise crítica das fontes tradicionais, de forma a questionar a autoridade e a ortodoxia estabelecidas. Sua obra, desta forma, refutou as limitações impostas às mulheres, mas principalmente ofereceu uma visão inspiradora de seu potencial intelectual e contribuição cultural.

A análise de *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini* e, posteriormente, de *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*, mostra a complexidade e a adaptação da escrita de Lucrezia Marinella diante das mudanças sociais e culturais do século XVII. Inicialmente, Marinella era conhecida por sua defesa vigorosa das virtudes e capacidades femininas, que enfrentava as normas sociais e a dominação masculina — o que marca sua argumentação sobre a dignidade e inteligência das mulheres.

No entanto, conforme as pressões e expectativas impostas pela Contrarreforma e a crescente misoginia da época se intensificaram, Marinella teve que ajustar sua retórica e estilo para se alinhar com as novas normas. A produção literária feminina durante o período enfrentou uma significativa redução temática, muitas vezes se alinhando mais às virtudes tradicionais promovidas pela Igreja. Essa transformação é evidente na última publicação da autora, de 1645, onde ela aparentemente adotou uma adesão mais visível aos valores tradicionais de casamento e maternidade.

No entanto, uma leitura mais aprofundada de sua última obra é capaz de revelar uma abordagem retórica sofisticada, inspirada na tradição sofista e platônica, caracterizada por paradoxos, antíteses e ironias.

Ao empregar essas técnicas retóricas, Marinella subverteu as expectativas dos leitores, mantendo uma crítica sutil à misoginia e à dominação masculina. Ela explorou a ambivalência e a complexidade das questões de gênero, afrontando a interpretação simplista de uma mudança radical em sua visão sobre o papel das mulheres. Embora sua abordagem pareça ter se ajustado ao ambiente cada vez mais hostil às mulheres eruditas., a análise de suas exortações revela o não abandono, por parte de Marinella, em relação às suas ideias críticas. Mas, sim, a adaptação destes pensamentos para que pudesse continuar expressando suas convicções de maneira eficaz.

A figura do sofista Górgias é uma referência chave para entender essa estratégia retórica de Marinella. Assim como Górgias, que subvertia expectativas genéricas e misturava retórica com filosofia, Marinella também criou uma camada adicional de significado em suas exortações. Ela foi capaz de utilizar a ironia e contradições para desafiar as normas sociais e defender a superioridade natural das mulheres.

Marinella criticava a superficialidade das expectativas sociais ao encorajar as mulheres a desenvolverem suas capacidades intelectuais e espirituais. Sua ênfase na temperança, modéstia e virtudes não deve ser vista como uma adesão passiva às normas estéticas e culturais do período, mas como uma forma de resistência. Marinella usava essas qualidades como um meio de desafiar e superar as imposições que reduziam o valor da mulher.

Em suas obras, Marinella também destacou a desconexão histórica das mulheres de sua época, causada pela falta de uma consciência feminina positiva e unificada. Ao engajar suas leitoras e leitores, Marinella buscava criar uma conexão histórica e promover uma identidade feminina mais consciente e atenta. Assim, conseguia abrir espaço para a voz e a experiência das mulheres.

Ao analisar ambas as obras, afirmamos que não devem ser compreendidas como contraditórias ou como uma virada revisionista da autora. Pelo contrário, tais obras representam

diferentes estratégias de Lucrezia Marinella para expressar um discurso de resiliência e resistência, adaptando-se às circunstâncias de sua época e utilizando a retórica como meio de desafiar e criticar a ordem social vigente. Sua compreensão profunda do contexto histórico e sua habilidade em cruzar as expectativas sociais do século XVII permitiram-lhe construir argumentos que, à primeira vista, podem parecer conformistas. Todavia, uma análise mais detalhada, revela uma crítica sutil e sofisticada à misoginia predominante.

Lucrezia Marinella foi uma defensora fervorosa do potencial intelectual das mulheres e esperava que a sociedade e os eruditos reconhecessem e promovessem essa capacidade. Sua abordagem crítica foi elaborada de forma a confrontar os estereótipos de inferioridade feminina, sendo capaz de proporcionar uma visão transformadora sobre a relação entre autoconsciência e as capacidades das mulheres. À guisa de conclusão, Lucrezia Marinella, através de suas obras, demonstrou grande habilidade em utilizar a escrita para desafiar e reconfigurar as normas sociais e culturais de sua época. Através da palavra, a autora não só conseguiu se comunicar com seus contemporâneos, mas também lançou uma mensagem que ressoa no presente, inspirando a reflexão contínua sobre o valor e a capacidade intelectual das mulheres. Seu legado é uma prova da força da retórica e da ética na defesa da voz feminina na literatura e na filosofia, destacando a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres nas letras e na produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

FONTES

Marinella, Lucrezia. *Essortationi alle donne et a gli altri, se a loro saranno a grado*. Venezia: Francesco Valvasenso, 1645. Exhortations to Women and to Others if They Please. Edited and translated by Laura Benedetti. Toronto: Iter Inc.; Centre for Reformation and Renaissance Studies, 2012.

Marinella, Lucrezia. *La nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti de gli uomini*. Venice: Cio. Battista Ciotti, 1600, 1601, 1621. Edited and Translated by Anne Dunhill, with an Introduction by Letizia Panizza. Chicago: University of Chicago Press, 1999. 227p.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Prudence; FILIPPO, Salvatore. **Lucrezia Marinelli and Woman's Identity in Late Italian Renaissance**. *Renaissance et Réforme*, v. 16, n. 4, p. 5-39, 1992.

ANTUNES, Luísa Marinho. **Em Defesa da Excelência Feminina: Quando as Mulheres Citam Mulheres – O Caso de Lucrezia Marinella e de Dona Gertudes Margarida de Jesus**. In: RICCI, Debora et al. *Repensar o feminino em contexto lusófono e italiano / Ripensare il femminile in ambito lusofono e italiano*. Universidade de Lisboa: Lisboa, 2017.

ARAÚJO, Filipa Marisa Gonçalves Medeiros. *Interpretatio e Imitatio no De Amore de Marsilio Ficino*. 2008. 270 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Tradução do Latim) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

BRAGA, J. *História da Moda*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2011.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARR, Helen. **A history of women's writing**. In: PLAIN, Gill; SELLER, Susan. *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007. 366 p.

CLARK, Stephen R. L. **Aristotle's Woman**. *History of Political Thought*, v. 3, n. 2, p. 177-1791, 1982.

CONWAY, Robyne K. *The Place of Women in Renaissance Italy and Womens Opportunities for Making a Life of their Own*. University of Tasmania, 2012.

COSTA, Ricardo da. **A Estética do Corpo na Filosofia e na Arte da Idade Média: texto e imagem**. *Trans/Form/Ação*, Marília: UNESP, v. 35, n. 1, p. 161-178, 2012.

COUTO, Laura. **Se amor não é, qual é meu sentimento?: o discurso amoroso e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca.** *REVISTA ITALIANO UERJ*, v. 10, n. 1, p. 90, 2019.

COX, Virginia. *A Short History of the Italian Renaissance*. Londres: I.B.Tauris, 2016.

COX, Virginia. *Women's writing in Italy, 1400–1650*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2008.

DIALETI, Androniki. **“Defenders” and “Enemies” of women in Early Modern Italian Querelle des Femmes. Social and Cultural Categories or Empty Rhetoric?** Glásua: GENDER AND POWER IN THE NEW EUROPE, 5TH EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE AUGUST 5., 2003, Glásua. 2003.

DIALETI, Androniki. **Defending Women, Negotiating Masculinity In Early Modern Italy.** *The Historical Journal*, v. 54, n. 1, p. 1-23, 2011.

DIALETI, Androniki. *The debate about women and its socio-cultural background in early modern Venice*. 2004. 311 f. Tese (Doutorado em Filosofia) –Departamento de História, Universidade de Glasgow, Glásua, 2004.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Storia delle donne. Dal Rinascimento all'età moderna*. Bari: Laterza, 1991.

ECO, Umberto (org.). *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GIBSON, Joan. Educating for Silence: Renaissance Women and the Language Arts. *Hypatia*, v. 4, n. 1 p. 9-27, 1989.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *La loca del desván: La escritora y La imaginación literária del siglo XIX*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A. 1979.

JACKSON, Philippa. **Parading in Public: Patrician Women and Sumptuary Law in Renaissance Siena.** *Urban History*, v. 37, n. 3, p. 452–63, 2010.

KELLY, Joan. **Did Women Have a Renaissance?** In: BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia; STUARD, Susan. *Becoming Visible*. Women in European History, Boston, Houghton Mifflin, 1977. p. 137-164.

KELLY, Joan. **Early feminist theory and the querelle des femmes: 1400- 1789.** *Signs: journal of women in culture and society*, v. 8, n. 1, p. 4-18, 1982.

KING, Margaret L; RABIL JR, Albert. **The Other voice in early modern Europe: Introduction to the series.** In: *The Nobility and Excellence of Women, and the Defects and Vices of Men by Lucrezia Marinella*. Editado e traduzido por Anne Dunhill. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

KING, Margareth Leah. **THWARTED AMBITIONS: Six Learned Women of the Italian Renaissance.** *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, v. 59, n. 3 p. 280–304, 1976.

KING, Margareth Leah. *Women of the Renaissance*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

MARQUES, Aurelio Oliveira. *As Ideias em Platão e as causas em Aristóteles: Uma análise histórica da epistemologia na Antiguidade clássica*. 2016. 48f. Relatório Final (Licenciatura e Bacharelado em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MELITA, Maureen. **Gender identity and androgyny in Ludovico Ariosto's "Orlando Furioso" and Virginia Woolf's Orlando: A biography**. *Romance Notes*, v. 53, n. 2 p. 123-33, 2013.

MOI, Toril. **"I am not a Woman writer". About women, literature and feminist theory today.** *Eurozine*, 2009.

PANIZZA, Letizia. **Introduction to the Translation**. In: Marinella, Lucrezia. *The Nobility and Excellence of Women, and the Defects and Vices of Men*. Edição e Tradução de Anne Dunhill. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PASSI, Giuseppe. *Dei donneschi difetti*. Veneza: I. A. Somascho, 1599.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PLATÃO. *O Banquete*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleika e João Cruz Costa. 5. ed. Nova Cultural: 1991.

PRICE, Malpezzi Paola; RISTAINO, Christine. *Lucrezia Marinella and the Querelle Des Femmes in Seventeenth-Century Italy*. Nova Jersey: Fairleigh Dickinson University Press. 2008. 204p.

ROSS, Sarah Gwyneth. *The birth of feminism: woman as intellect in renaissance Italy and England*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. 416 p.

RUETHER, Rosemary Radford. *Womanguides: Readings Toward a Feminist Theology*. Boston: Beacon Press, 1996. 274 p.

SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem**. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SINCLAIR, Amy Ellen. *Pretext and Subversion: Lucrezia Marinella's Essortationi alle donne (1645)*. The University of Melbourne, 2018. 254p.

SOUZA, Daniele Shorne de. *A Cidade das damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do Século XV*. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na História das mulheres**. *Raído*, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016.